

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA ACADÊMICA
MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA
PRÁTICAS PSICOLÓGICAS CLÍNICAS E DEMANDAS
SOCIAIS CONTEMPORÂNEAS

RAFAELA DOS SANTOS SILVA SOUZA

MULHER, NEGRA E PUTA: DUAS HISTÓRIAS SOBREVIVÊNCIA

RECIFE

2021



RAFAELA DOS SANTOS SILVA SOUZA

MULHER, NEGRA E PUTA: DUAS HISTÓRIAS SOBRE-VIVÊNCIA

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Universidade Católica de Pernambuco do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica na linha de pesquisa Práticas Psicológicas Clínicas e Demandas Sociais Contemporâneas, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica.

Orientadora: Prof.^a Dra. Maria Cristina Lopes de Almeida Amazonas.

RECIFE

2021

MULHER, NEGRA E PUTA: DUAS HISTÓRIAS SOBRE- VIVÊNCIA

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Universidade Católica de Pernambuco do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica na linha de pesquisa Práticas Psicológicas Clínicas e Demandas Sociais Contemporâneas, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica.

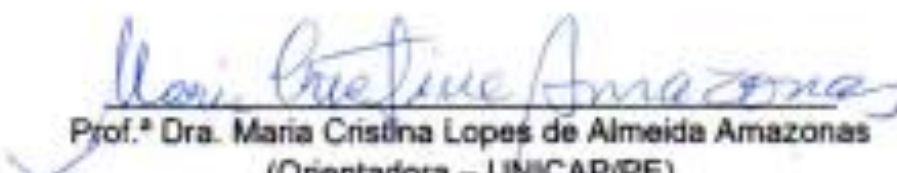
Orientadora: Prof.ª Dra. Maria Cristina Lopes de Almeida Amazonas.

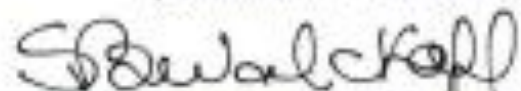
Coorientadora: Prof.ª Dra. Simone Dalla Barba Walckoff

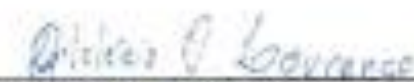
Aprovada em:


Recife, 29 de janeiro de 2021.

BANCA EXAMINADORA


Prof.ª Dra. Maria Cristina Lopes de Almeida Amazonas
(Orientadora - UNICAP/PE)


Prof.ª Dra. Simone Dalla Barba Walckoff
(Coorientadora)


Prof.ª Dra. Gilclécia de Oliveira Lourenço
(Examinadora Interna - UNICAP/PE)


Prof.ª Dra. Fabíola Freire Saraiva de Melo
(Examinadora Externa - PUC/SP)

S729m Souza, Rafaela dos Santos Silva.
Mulher, negra e puta: duas histórias sobre-vivência /
Rafaela dos Santos Silva Souza, 2021.
102 f. : il.

Orientadora: Maria Cristina Lopes de Almeida
Amazonas.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de
Pernambuco. Programa de Pós-graduação em
Psicologia. Clínica. Mestrado em Psicologia Clínica, 2021.

1. Mulher. 2. Prostituição. 3. Psicologia Clínica.
4. Violência 5. Gênero. I. Título.

CDU 159.9

Ana Figueiredo - CRB4/1140

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todas as mulheres do presente, do passado e do futuro. Dedico às batalhas do dia a dia, visíveis e invisíveis, às lágrimas derramadas, aos medos sentidos e à esperança nunca abandonada de um mundo cada vez mais feminino.

AGRADECIMENTOS

Agradecer é olhar para o caminho percorrido e perceber todas as nuances que fizeram parte da constituição do seu trajeto. Assim, agradeço à minha mãe **Raquel**, mulher guerreira, que aprendeu a superar cada obstáculo que a vida lhe impôs. Mulher que acreditou no meu potencial para os estudos e que me incentivou a cada dia. Agradeço a ela, que, em meio às dificuldades, me dizia sempre que eu seria capaz.

A **Rafael**, meu irmão – in memoriam –, que acreditava e esperava que eu desse continuidade aos estudos.

A **Simone Walckoff**, por ter iniciado este caminho comigo. Agradeço às orientações, aos risos e às conversas. Agradeço pelos anos percorridos e pela amizade nutrida.

A **Silvia Emerenciano**, pela paciência e amizade nesse percurso.

A **Cristina Amazona**, minha orientadora, que aceitou me acompanhar nesse percurso tão difícil. Agradeço por toda a paciência que teve e por ter aberto meus olhos a novas perspectivas.

A **Gilclécia Lourenço** e **Fabíola Freire**, pelas contribuições trazidas para o enriquecimento deste trabalho e pela disponibilidade, sem sombra de dúvidas, ainda mais difícil em meio à realidade de uma pandemia.

Ao meu esposo **Walberto**, por todas as horas que me deu suporte e por todos os momentos que acreditou em mim e me incentivou.

Às participantes desta pesquisa, **Petúnia** e **Sida**, que dispuseram de seu tempo e me acolheram com afeto em suas casas.

À APPS, por ter me acolhido e se mostrado aberta ao diálogo mesmo mediante dificuldade.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES – –, pela bolsa de estudos oferecida e sem a qual não seria possível a realização deste trabalho.

Enfim, a todas as mulheres que me precederam e que tornaram esse caminho possível.

EPIGRAFE

“Brasil, meu nego
Deixa eu te contar
A história que a história não conta
O avesso do mesmo lugar
Na luta é que a gente se encontra

Brasil, meu denço
A Mangueira chegou
Com versos que o livro apagou
Desde 1500
Tem mais invasão do que descobrimento
Tem sangue retinto pisado
Atrás do herói emoldurado
Mulheres, tamoios, mulatos
Eu quero um país que não está no retrato

Brasil, o teu nome é Dandara
E a tua cara é de cariri
Não veio do céu
Nem das mãos de Isabel
A liberdade é um dragão no mar de Aracati

Salve os caboclos de julho
Quem foi de aço nos anos de chumbo
Brasil, chegou a vez
De ouvir as Marias, Mahins, Marielles, malês”

(Trecho do samba enredo da Mangueira, 2018)

RESUMO

A prostituição feminina é uma realidade presente na história do Brasil desde o período colonial, sendo sua existência amplamente conhecida e, por muitas vezes, tolerada. A mulher que se prostitui, no entanto, sofre com o estigma da puta e, estigmatizada, exerce sua atividade na marginalidade. Este trabalho surgiu com o objetivo de compreender como as participantes da pesquisa foram se constituindo ao longo de suas vidas enquanto mulheres, negras e trabalhadoras do sexo. Neste sentido os marcadores sociais acerca do que seja o significante mulher, negra e puta entram em discussão com suas contrapartes: o racismo, a desigualdade de gênero e a desigualdade social fortemente presente na sociedade brasileira. A prostituição não é o foco único de discussão deste trabalho, mas o meio pelo qual somos convidados a conhecer a história de vida de duas mulheres negras, com baixo poder aquisitivo, com mais de sessenta anos de idade e com uma lida de mais de 40 anos de prostituição. Suas histórias foram apresentadas desde o período anterior a ida à prostituição. Em seguida a vivência da prostituição e as experiências do dia a dia em paralelo à suas vidas pessoais. Em um terceiro momento, nos deparamos com um olhar retrospectivo, que busca sentido para uma história em parte já transcorrida, apresentando o momento atual da vida das participantes da pesquisa. A partir de suas histórias constelações de significado se revelaram e foram nomeadas como “A grande janela: a prostituição”, “Batalhar”, e “In-visibilidade e sentidos”. Amparada na perspectiva teórica de Hannah Arendt, Judith Butler e Simone de Beauvoir, compreendemos que a violência física e verbal, se constitui durante a vida das participantes da pesquisa enquanto um fio que permeia vários momentos da vida dessas mulheres, revelando um processo de violência ainda maior diretamente atrelado à histórica desigualdade social, racial e de gênero presentes no Brasil que parece negar às garotas de programa de ontem, e de hoje, um lugar de sujeitos titulares de direitos fundamentais. Compreende-se que a invisibilidade, marginalização e dificuldade em trazer à luz públicas questões como a prostituição feminina acaba por negar às mulheres em questão a ascensão à condição de humanidade. Assim, o presente trabalho revela e denuncia a precarização deste grupo que se mostra como violação dos direitos humanos.

Palavras-chave: Mulher; Segregação racial; Prostituição; Violência; gênero.

ABSTRACT

Female prostitution is a reality present in the history of Brazil since the colonial period, and its existence is widely known and, many times, tolerated. The woman who prostitutes herself, however, suffers from the stigma of a whore and, stigmatized, carries out her activity in marginality. This work emerged with the objective of understanding how the research participants were constituted throughout their lives as women, black and sex workers. In this sense, the social markers about what is the signifier woman, black and whore come into discussion with their counterparts: racism, gender inequality and social inequality strongly present in Brazilian society. Prostitution is not the only focus of discussion in this work, but the means by which we are invited to know the life story of two black women, with low purchasing power, over sixty years of age and with more than 40 years of experience. years of prostitution. Their stories have been presented since the period before going into prostitution. Then the experience of prostitution and the day-to-day experiences in parallel with their personal lives. In a third moment, we are faced with a retrospective look, which seeks meaning for a story in part already passed, presenting the current moment of the research participants' lives. From their stories, constellations of meaning were revealed and named as "The big window: prostitution", "Battle", and "In-visibility and senses". Supported by the theoretical perspective of Hannah Arendt, Judith Butler and Simone de Beauvoir, we understand that physical and verbal violence is constituted during the life of the research participants as a thread that permeates several moments of these women's lives, revealing a process of violence that is still ongoing. greater directly linked to the historical social, racial and gender inequality present in Brazil that seems to deny the prostitutes of yesterday, and of today, a place of subjects with fundamental rights. It is understood that the invisibility, marginalization and difficulty in bringing issues such as female prostitution to public light ends up denying the women in question the ascension to the condition of humanity. Thus, the present work reveals and denounces the precariousness of this group that shows itself as a violation of human rights.

Key words: Woman; Racial segregation; Prostitution; Violence; genre.

Sumário

1. INTRODUÇÃO	11
2. O CAMINHO: percurso metodológico	17
2.1 <i>AS PARTICIPANTES DA PESQUISA</i>	23
2.2 <i>ENTREVISTA REFLEXIVA</i>	24
2.3 <i>DIÁRIO DE BORDO</i>	26
2.4 <i>CONSTELAÇÕES DE SIGNIFICADO</i>	27
3. A GRANDE JANELA: A PROSTITUIÇÃO.....	33
4. BATALHAR.....	55
5. IN-VISIBILIDADE E SENTIDOS.....	78
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	92
REFERÊNCIAS.....	95

1. INTRODUÇÃO

Início este trabalho explanando que ele é fruto de inquietações da pesquisadora e que para sua realização contou com o auxílio da Associação Pernambucana das Profissionais do Sexo (APPS).

Uma das primeiras perguntas que me fizeram ao realizar o primeiro encontro pessoal com membros da APPS foi “por que você quer pesquisar sobre prostituição?”. Confesso que essa questão, embora tenha sido respondida rapidamente naquele momento, me levou a uma série de questionamentos.

Compreendi, primeiro, que na minha história o movimento feminista foi de grande impacto e relevância, sendo a corrente de pensamento que me fez olhar o mundo não pelos olhos das coisas naturais, mas das “construções humanas”, levando à compreensão do ser mulher enquanto um constante tornar-se¹. Como exemplifica Simone de Beauvoir (2016, p. 11): “Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma como a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado, que qualificam o feminino”.

Talvez a leitura de Beauvoir tenha sido a raiz do interesse por essa temática, pois me levou a questionar o que torna uma mulher, mulher? E, o que significa e engloba tal alegação? Assim, recordei-me de um fato que vivenciei, no qual, ao avistar uma mulher da janela da casa em que vivia, falei: “Olha essa mulher andando na rua uma hora dessas, que perigoso!”. E ouvi como resposta: “Não é uma mulher, é uma prostituta!”. Ora, prostitutas não são mulheres?

À época, fazia parte de uma comunidade de vida consagrada e foi nesta instituição que tive o meu primeiro contato com famílias com realidades diversas. Este trabalho rapidamente me levou ao conhecimento da realidade das drogas e da prostituição na cidade de São Paulo do Potengi – RN.

Por meio de um projeto elaborado por um missionário da comunidade tive acesso e visitei algumas vezes um dos prostíbulos da cidade. Lá, encontrei uma realidade até então inimaginável para mim e ouvi relatos que me marcaram

¹ Menção à célebre frase de Simone de Beauvoir “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher”.

profundamente. Naquele período pensávamos a partir de um conceito religioso simplista e moralista que a solução para a prostituição se daria ao retirar aquelas mulheres “da vida”. O caminho para esse feito parecia claro: conseguir um trabalho para elas. Porém, quando obtivemos tal possibilidade, apenas uma delas e a dona do “cabaré” aceitaram o emprego, e as outras permaneceram na prostituição. Eu simplesmente não conseguia entender o porquê desse fato. Como poderiam querer se manter nesse caminho? Como conseguiam se prostituir? Hoje retomando esse momento percebo o quanto meu pensamento abolicionista² era cego para a ampla realidade da prostituição brasileira que é “[...] complexa, múltipla e contraditória” e “cuja compreensão é particularmente dificultada pelo peso dos preconceitos morais.” (ENGEL, 2004, p.27).

No ano de 2012, mais uma vez tive contato com a questão da prostituição ao atuar como missionária na fronteira Brasil/Paraguai. Por meio desse contato fui percebendo que havia outras questões que permeavam a realidade da prostituição e que minhas concepções eram simplistas demais. Essas duas experiências me marcaram profundamente. A primeira, vivenciada no Rio Grande do Norte, por me apresentar a prostituição e, de certa maneira, me revelar uma impossibilidade dessas mulheres de se engajar em outros modos de sustento, que, para mim, na época, aparecia apenas como um desejo de permanência na prostituição. A segunda experiência, que foi vivida na fronteira entre Brasil e Paraguai, por me ressaltar as diversas facetas por trás da temática da prostituição, como a exploração sexual infantil, o uso e o tráfico de drogas que me apontaram cada vez mais para a complexidade do fenômeno. Ambas as experiências, são hoje compreendidas sob outra ótica, apontam a realidade de vidas precarizadas (BUTLER, 2019). Alguns podem nomear os cenários como pertencentes à realidade de vulnerabilidade social.

A vulnerabilidade social, compreendida e discutida no Brasil pelo Índice de Vulnerabilidade Social (IVS), parte da junção de duas noções: a vulnerabilidade à desfiliação, desenvolvida por Castel (1998); e a vulnerabilidade de ativos³, desenvolvida por Moser (1998) a partir de trabalho para o Banco Mundial. Castel parte da noção de que:

² Perspectiva corrente dentro do feminismo que considera a prostituição uma forma de escravatura feminina. Assim, as prostitutas são vistas enquanto vítimas de um sistema opressor.

³ Vulnerabilidade de ativos se refere à falta de posse de bens de consumo.

[...] a inscrição dos indivíduos na estrutura social se faz por meio de sua inserção em dois campos, simultaneamente: o mundo do trabalho, com seus riscos e proteções; e o das relações de proximidade, representadas pelas relações familiares, de vizinhança e demais relações sociais e comunitárias, que proporcionariam ao indivíduo proteção e segurança. Sendo [...] a situação social dos indivíduos nessa estrutura [...] decorrência da densidade de sua inserção em cada um desses dois campos. (IPEA, 2018, p. 13).

Este conceito de vulnerabilidade transita entre a integração e a desfiliação social, referindo a origem da vulnerabilidade a uma precária inserção dos indivíduos na sociedade salarial. Já Moser:

propõe o modelo da vulnerabilidade de ativos (asset-vulnerability framework), segundo o qual a vulnerabilidade dos indivíduos, famílias e comunidades derivaria de: i) falta ou escassez de ativos; e ii) manejo inadequado, por parte de indivíduos, famílias e comunidades, daqueles ativos de que dispõem (IPEA, 2018, p. 16).

Muito embora o IVS se utilize dos conceitos desenvolvidos por esses dois autores, “não pretende dar conta da dimensão das relações de proximidade, na medida em que estas não podem ser aferidas a partir dos dados estatísticos disponíveis” (IPEA, 2018, p. 17). Assim, embora no decorrer do trabalho utilizamos alguns dados do IVS para ilustração do cenário brasileiro, nos referimos ao termo precariedade da filósofa Judith Butler (2018) para designar este amplo cenário descrito pelo IVS, posto que, o que a autora chama de precariedade, ou condições de vidas precarizadas, seria uma vasta gama de questões descritas pelo IVS.

A temática de gênero sempre me foi muito cara e ao iniciar na graduação em Psicologia sentia a carência de discussões que envolvessem questões de gênero para compreensão de fenômenos diversos. Percebendo a ausência de discussões que abordassem a vivência das mulheres em suas realidades sociais, ainda mais em face a temáticas como a prostituição feminina, fui conduzida a realizar um trabalho de conclusão de curso (TCC) sobre esta temática.

Assim, busquei por meio do TCC me aproximar da realidade da prostituição feminina de baixa renda e compreendê-la. Fui conduzida, primeiramente, a questionar a palavra “escolha” em relação ao caminho tomado por essas mulheres para a prostituição, pois era marcante a relação entre o cenário brasileiro permeado pela pobreza, machismo e misoginia e a vivência da prostituição.

O trabalho bibliográfico me aproximou de certo modo, dos dados acerca da história da prostituição, que, podemos dizer, é erroneamente nomeada como a

“profissão mais antiga do mundo”. Quando afirmamos isso, partimos da imposição de um olhar etnocêntrico sobre a “prostituição sagrada”⁴, que acaba esvaziando o sentido de um rito sagrado ao agregar uma compreensão atual para julgar outro modelo cultural (SWAIN, 2004).

Essa pesquisa bibliográfica ainda acabou por apontar que, para além do fenômeno imediato que olhamos ao falar da prostituição feminina, há um terreno que propicia o seu aparecimento, sendo este a grande desigualdade social existente em várias sociedades.

Ao tentar estabelecer uma narrativa acerca da história da prostituição, parecia o mesmo que reconstruir uma história sobre as mulheres. Mas, ao olhar as cisões entre a “boas e más”, “do lar e da rua”, “mães e putas”, traçava-se ao mesmo tempo, um não lugar para um certo grupo de mulheres e retornava a questão sobre quem são as mulheres que são legitimadas como mulheres e quais são às histórias que compõem e constituem a História.

Descobri a estreita relação entre a prostituição feminina e a escravização dos povos, a miséria e a repressão dos direitos femininos. Assim, a prostituição apareceu como forma de sobrevivência e resistência das mulheres ao longo dos tempos. Mas essa pesquisa não me respondia “quem” eram essas mulheres, “como” viviam e não contava suas histórias.

Deste modo, neste trabalho nos propomos a ouvir as histórias dessas mulheres, em especial com atenção às suas vidas de uma forma mais geral, ao invés de promover uma redução de toda a sua existência apenas ao exercício prostitucional. Como diz a canção de Emicida intitulada AmarElo:

“Permita que eu fale, não as minhas cicatrizes
 Elas são coadjuvantes, não, melhor, figurantes, que nem devia 'tá aqui
 Permita que eu fale, não as minhas cicatrizes
 Tanta dor rouba nossa voz, sabe o que resta de nóiz?
 Alvos passeando por aí
 Permita que eu fale, não as minhas cicatrizes
 Se isso é sobre vivência, me resumir a sobrevivência
 É roubar o pouco de bom que vivi”

Por isso, este trabalho é “sobre-vivência”, isto é, sobre o sobreviver como ato de resistência. E, ao estabelecer os primeiros encontros, fomos pegos de surpresa

⁴ Culto referente à deidade Ishtar, a chamada “prostituição sagrada” “[...] foi na verdade a tradição do rito sexual que persistiu desde a idade da pedra para se tornar parte integral da adoração religiosa nas primeiras civilizações” (ROBERTS, 1988, p. 22).

porque a desigualdade social e de gênero já eram evidentes, em um cenário quase que esperado, mas a vivência das nossas participantes nos falava sobre algo mais, sobre a desigualdade racial presente no cenário brasileiro, em especial, a realidade das mulheres negras neste país. Objetivamos assim, compreender como essas mulheres foram se constituindo ao longo de suas vidas atravessadas pela prostituição e enquanto mulheres negras.

Retomando à situação que me fez ingressar nessa jornada ao campo da prostituição feminina, quando ouvi a fala – “não é uma mulher, é uma prostituta!” – me fez e faz questionar: Quem são essas mulheres? Então, este trabalho é fruto direto dessa inquietação, um caminho que busca apresentar e compreender essas histórias.

Para tanto, trago no capítulo 2, intitulado “O caminho: percurso metodológico”, a metodologia que embasou a pesquisa que se desdobra nessa dissertação, assim como o percurso e implicação com a temática em questão. No capítulo 3, nomeado de “A grande Janela: a histórias das participantes da pesquisa”, foi contada a perspectiva das participantes sobre o início na prostituição. Tais narrativas são intercaladas as discussões de gênero – contextualizadas historicamente de acordo com o cenário brasileiro à época da infância e da adolescência delas – e a discussão sobre questões raciais. Assim, apresento suas famílias e as condições de vida, assim como suas primeiras relações amorosas.

O capítulo 4 foi intitulado de “Batalhar”⁵, pois se refere à narrativa das participantes sobre o período de maior exercício da prostituição. Aqui contam sobre o primeiro programa e a atuação como prostitutas em paralelo às vidas privadas de cada uma. A violência aparece como uma velha conhecida e a prostituição se apresenta enquanto dualidade.

No capítulo 5, intitulado “In-visibilidade e sentidos”, as participantes da pesquisa falam sobre suas vidas atuais e os sentidos dados à prostituição ao longo de sua história. São os desdobramentos de uma vida atravessada pelo exercício prostitucional. No sexto capítulo constam as considerações finais da pesquisadora. Cada capítulo é precedido por uma imagem que ajuda a compor o quadro descrito.

⁵ Termo que faz referência à ida à zona. Trazido aqui enquanto verbo de ação.



Quadro "A Redenção de Cam" de 1985, do pintor Modesto Brocos (1852- 1936).

2. O CAMINHO: percurso metodológico

*Podes dizer-me, por favor, que caminho devo seguir para sair daqui?
 Isso depende muito de para onde queres ir – respondeu o gato.
 Preocupa-me pouco aonde ir – disse Alice.
 Nesse caso, pouco importa o caminho que sigas – replicou o gato.
 Lewis Carroll*

A conversa entre Alice e o gato, descrita no livro “Alice no país das maravilhas”, em muito reflete o percurso de construção deste trabalho. Em muitos momentos sem saber para onde ir, ou mesmo onde iria rumar. Sem hipótese para perseguir, apenas um caminho a construir. Caminho que, por sinal, pode ser definido como uma sequência de acontecimentos ou o espaço a se percorrer entre dois pontos, segundo o dicionário on-line de português.

Mas, sem saber para onde ir, decidi embarcar na viagem compreendendo primeiro de onde parti. Utilizando um termo de Djamila Ribeiro (2017), compreendo que é importante reconhecer o “lugar de fala” deste trabalho. Desta forma, retomo a imagem que precede este capítulo, obra do pintor Modesto Brocos intitulada “A redenção de Cam”, pois ela representa não apenas uma realidade brasileira, como também meu lugar de nascimento ou minhas origens. Aponta também para parte dos conflitos vivenciados na escrita deste trabalho.

Cam, é um personagem bíblico, descrito no livro do Gênesis como sendo um dos filhos de Noé. Uma das grandes questões de Cam é que ele foi amaldiçoado por seu pai por ter visto sua nudez. Porém, a maldição de Cam não recai diretamente sobre ele, pois, quem fora diretamente condenado foi seu filho Canaã. Assim, a maldição de Cam pode ser compreendida como uma maldição que recai sobre uma descendência.

22- Cam, o pai de Canaã, vendo a nudez de seu pai, saiu e foi contá-lo aos seus irmãos.23- Mas, Sem e Jafet, tomando uma capa, puseram-na sobre os seus ombros e foram cobrir a nudez de seu pai, andando de costas; e não viram a nudez de seu pai, pois que tinham os seus rostos voltados.24- Quando Noé despertou de sua embriaguez, soube o que lhe tinha feito o seu filho mais novo.25“- Maldito seja Canaã, disse ele; que ele seja o último dos escravos de seus irmãos!”26- E acrescentou : “Bendito seja o Senhor Deus de Sem, e Canaã seja seu escravo! 27- Que Deus dilate a Jafet; e este habite nas tendas de Sem, e Canaã seja seu escravo!”. (GÊNESIS, 9, 22-26).

O simbolismo por detrás do quadro “A redenção de Cam” de Modesto Brocos (1985), remonta por seu nome a maldição da história bíblica, associando a história da

escravização dos povos africanos e seu destino no Brasil ao conto bíblico, pois, o castigo de Cam foi ter sua descendência amaldiçoada à escravidão. Assim, a obra de Brocos, retrata o louvor da avó mediante a existência do neto de pele mais clara e aponta para a realidade do embranquecimento da raça como forma de redenção, de se livrar do sofrimento imposto pela escravidão. Na descrição da imagem, que consta no Acervo Itaú Cultural, encontramos o seguinte:

No campo esquerdo, vê-se uma mulher negra mais velha, com as mãos erguidas para o céu em agradecimento. No centro, uma mulher negra mais jovem, que tem sobre os joelhos o filho quase branco. Este, por sua vez, olha para a avó – e para a sua origem – com simpático interesse. [...] A metade direita da pintura [...] é ocupada por um homem branco que observa satisfeito, com um pequeno desvio de torso, aquele que provavelmente é seu filho. A brancura de sua tez é reforçada por ele estar diante de um vão de porta e ter, ao fundo, uma sombreada imagem de interior. Seus pés, que estão virados cautelosamente para o lado oposto do núcleo das mulheres, pisam não mais a terra batida, mas um calçamento de pedras que, mesmo precário, revela certo anseio de melhores condições de vida.

Você pode estar se perguntando o porquê de estarmos abordando essa imagem justo aqui. Assim, saliento dois pontos necessários para que se compreenda o motivo. Primeiramente que, possui uma história que é distinta da realidade das participantes desta pesquisa e, por consequência, segundo Szymanski (2004) nos traz, compreender de que ponto falamos é compreender que ponto do céu somos capazes de ver.

Esta pesquisa se configura como uma pesquisa qualitativa de tipo interventiva. Para Szymanski (2004), se mostra como uma maneira de pesquisar que não pretende encontrar uma verdade, ao invés disso, a compreensão está voltada para aquilo que aparece ou a forma como o fenômeno se apresenta, em suas diferentes facetas. Já segundo González Rey: “A epistemologia qualitativa defende o caráter construtivo, interpretativo do conhecimento, o que de fato implica compreender o conhecimento como produção e não como uma apropriação linear da realidade.” (2012, p.5).

Segundo Machado (1994, p. 36), diferentemente das pesquisas das ciências da natureza, as pesquisas em ciências humanas estão voltadas para a compreensão de um fenômeno que se apresenta. A autora enfatiza que, enquanto as pesquisas positivistas privilegiam o problema, “o que implica reificá-lo, desligando-o de sua estrita vinculação com a existência humana, sem a qual a essência do problema não pode ser apreendida”, a pesquisa fenomenológica parte de uma dúvida do

pesquisador, que se situa em uma “região de inquérito” na qual o fenômeno está localizado e de onde partirá na construção de uma “trajetória de pesquisa”.

Para a construção dessa trajetória, fez-se importante, de acordo com a perspectiva da pesquisadora desta dissertação, assertar que toda fala é situada e que a minha decerto se constitui a partir do lugar da criança (quadro de Modesto Brocos) que olha para sua avó negra. Perto e, porém, ao mesmo tempo distante da realidade da negritude sentida na pele. Apesar de vir do seio de uma família que é do lado materno indígena e do lado paterno negra, cresci vivenciando uma condição privilegiada, apesar da pobreza, uma vez que apenas via deferido aos outros situações que jamais se impuseram a mim em decorrência da cor da pele.

Para a filósofa Dulce Critelli (2016, p. 21), não há “coisa” que possua “significado em si mesmo [...] O que é, ao menos à primeira vista é caótico”. Desta forma, a pretensão de neutralidade se configuraria como um desejo irrealizável (BRENGUEL; BROGGIATO, 2016) e, assim, deixamos claro que não é deste lugar que falamos.

Segundo Hannah Arendt (2015), a tentativa de conhecer quem ou o que uma pessoa é será frustrante, pois “[...] apresenta uma notória impossibilidade filosófica de se chegar a uma definição [...] uma vez que todas as definições são determinações ou interpretações do que o homem é [...] enquanto sua diferença específica seria encontrada determinando-se que tipo de ‘quem’ ele é.” (p. 225).

Esse quem, por sua via, aparece para os homens por meio de atos e palavras, mas, só pode ser compreendido através da história que, contada, revela seu herói. De forma semelhante à vida de Odisseu, que sem a história descrita por Homero não saberíamos sequer de sua existência, a vida atravessada pela experiência da prostituição só poderá ser compreendida se sobre ela puder ser contada uma história. E para que possamos compreender quem são essas mulheres precisamos compreender que histórias são essas.

Critelli (2012, p. 33) nos diz: “As histórias arrumam os fatos e os transformam em coisas compreensíveis, em acontecimentos”. Assim, retomando Arendt (2015): “O desvelamento do ‘quem’ por meio do discurso e o estabelecimento de um novo início por meio da ação inserem-se sempre em uma teia já existente, onde suas consequências imediatas podem ser sentidas.” (p. 228).

Essa 'teia' se refere às relações humanas preexistentes à história pessoal de um indivíduo, que por vezes é erroneamente compreendido separado de um todo existente. "Em outras palavras, as histórias, resultado da ação e do discurso, revelam um agente, mas esse agente não é autor nem produtor. Alguém as iniciou e delas é sujeito, na dupla acepção da palavra, seu ator e seu padecente, mas ninguém é seu autor." (ARENDR, 2015, p. 228).

As agentes ou atrizes dessa história são duas mulheres negras com mais de 60 anos que aceitaram partilhar suas histórias de vida. Histórias atravessadas pela realidade da prostituição. E se já considerávamos o fenômeno da prostituição, por si só, complexo pelas diversas nuances, possibilidades e vertentes de atuação e posicionamento, outro fator foi acrescentado a essa complexidade: a diferença geracional.

Recorrendo à compreensão de Morin (1997, p.44), que toma a etimologia da palavra complexo, proveniente do latim *complexus*: "num primeiro sentido, a palavra *complexus* significa aquilo que está ligado em conjunto, aquilo que é tecido em conjunto", percebe-se que a elaboração de uma discussão sobre a prostituição feminina se tornou deveras complexa, pois tecer essa história implica tentar nos aproximar das diversas tessituras que compõem a teia de relações na qual o fenômeno está inserido.

No ano de 2018 iniciei no projeto do Plantão psicológico na rua, sob a orientação da Professora Doutora Simone Dalla Barba Walckoff, então membro do corpo docente da Universidade Católica de Pernambuco. Os plantões psicológicos ocorriam às terças-feiras, à noite, em praças que compõem o centro e entorno do centro do Recife. Enquanto plantonista voluntária, fui observando, com o decorrer dos atendimentos, que a população em situação de rua era marcadamente masculina, e quando me deparava com mulheres essas ocupavam outro lugar, geralmente associado ao uso e comercialização de drogas, não eram garotas de programa. Tal pontuação com relação à percepção do lugar dessas mulheres pode ser encontrado no trabalho de Melo (2019).

Pelo exposto, foi percebida uma tendência mais diurna na presença da prostituição no centro, pelo menos visivelmente. Desta forma, seria necessário encontrar essas mulheres durante o dia para a realização das entrevistas, porém, dois obstáculos se impunham: a equipe do Plantão psicológico na rua só atuava às noites, e as manhãs eram o horário de maior serviço para as prostitutas, sendo difícil

conseguir a atenção destas, ainda mais sem um grupo que possibilitasse a inserção neste campo.

Desta maneira, e pensando em estabelecer um canal de diálogo que proporcionasse o acesso às garotas de programa, contatamos a Associação Pernambucana das Profissionais do Sexo (APPS). A APPS surgiu no estado de Pernambuco no ano de 2002, mesmo ano em que a prostituição entrou no Cadastro Brasileiro de Ocupações (CBO) e segundo uma das participantes da pesquisa, originou-se enquanto fruto de um trabalho encabeçado por Fátima Vieira, historiadora que, por volta dos anos 2000, iniciou um programa relacionado a DSTs, que abordou mulheres na área de prostituição no Recife. Dessa ação, formou-se um grupo que posteriormente fundou a associação.

Assim, nosso intuito a princípio era entrar em contato com as prostitutas e apresentar a proposta da pesquisa, a fim de descobrir quais teriam interesse em participar. Destas, todas e quaisquer que atendessem aos critérios de aceitação: ser mulher, ter mais de 18 anos, ter ao menos um ano de vivência com a prostituição e atuar ou já ter atuado nas ruas ou que não atendessem aos critérios de rejeição: ser portadora de doença mental incapacitante seriam aceitas. Porém, uma grande atuação não foi possível, pois, a associação estava sem realizar buscas ativas⁶ ou ações nas ruas, devido à ausência de recursos e por dificuldades relacionadas à saúde das pessoas à frente da associação.

No decorrer da pesquisa houve a mudança de coordenação geral, cargo ocupado por Nanci Feijó durante 17 anos e com quem estabelecemos os primeiros contatos. Devido a problemas de saúde, afastou-se, sendo a coordenação geral passada para Vânia. Assim, foi por meio da coordenação da APPS que chegamos nas duas participantes desta pesquisa, que aceitaram participar e que atendiam aos critérios estabelecidos.

Como a APPS não estava indo às ruas do Recife, as poucas reuniões que ocorreram entre as prostitutas se deram na sede da associação. Conforme informou a assessora especialista da APPS Fátima Vieira, algumas garotas de programa estavam participando de uma pesquisa remunerada e o fato de a pesquisa que

⁶ [...] é ir à procura de indivíduos com o fim de uma “identificação sintomática”, principalmente das doenças e agravos de notificação compulsória [...] Busca ativa também passou a ser entendida como um movimento de ir à contracorrente do automatismo da demanda espontânea, no sentido de cartografar as necessidades de saúde para além dos agravos de notificação compulsória de determinado território. (LEMKE; SILVA, 2010, p. 284).

pretendíamos realizar com elas não ser associada a nenhum ganho financeiro esvaziou o interesse e a possibilidade de realização de mais entrevistas, em especial entre as mais jovens.

Ainda nos primeiros contatos e diálogos com as representantes da associação, percebemos a ausência de apoio emocional/psicológico para as prostitutas. A demanda da associação era clara: não há um olhar voltado para o sofrimento da puta. À vista disso, no primeiro encontro com a coordenadora geral e a coordenadora administrativa, obtivemos o relato abaixo que consta no Diário de Bordo da pesquisadora:

ela disse: é como se tudo se resumisse ao trabalho, aí esquecem que puta precisa ser ouvida, ter psicólogo também, pois puta, segundo ela, adoece da cabeça como todo mundo. Fátima questionou se uma universidade como a católica não teria como receber essas mulheres e oferecer um suporte psicológico, e mencionou o quanto a academia se afasta da vida das pessoas e ficam só nas discussões superficiais.

Após este encontro, escolhemos realizar uma pesquisa interventiva, posto que buscávamos uma maneira de estar em campo não apenas colhendo dados, mas que de algum modo pudéssemos oferecer uma forma de apoio e cuidado às pessoas que participassem da pesquisa, e de acordo com Szymanski (2004, p. 356) a pesquisa interventiva “se apresenta com um duplo objetivo de contribuir para o conhecimento científico e oferecer um trabalho de cuidado psicológico”.

Esse cuidado psicológico se apresenta como clínica, no sentido estrito da palavra, que se refere àquele que se inclina, se debruça sobre o leito. “Nesse sentido, pode-se, então, delinear a clínica como uma atenção psicológica que não está enrijecida em teorias, mas é, antes de tudo, uma atitude de implicação, abertura para o encontro e disponibilidade”. (SILVA, 2016, p. 21).

A pesquisa interventiva, segundo Szymanski, “supõe uma troca intersubjetiva entre todos os participantes, incluindo o pesquisador...” (2004, p. 359), na qual o fenômeno se dá conjuntamente, em constante relação. Esse modo de pesquisar resulta também em uma modificação do lugar do pesquisador participante e do participante da pesquisa, pois:

A condição dupla de serviço psicológico e investigação científica obriga o pesquisador a uma sujeição tanto às normas da ética da pesquisa com seres humanos como às da prática psicológica. Exige conhecimentos teóricos e metodológicos tanto da prática da pesquisa como da profissional e,

principalmente, a consideração dos usuários/participantes como pessoas que são focos de cuidado, co-construtores dos significados e não “objetos” ou “sujeitos” de uma pesquisa. (SZYMANSKI, 2004, p. 360).

Destarte, além da realização da pesquisa, a proposta era de oferta de um espaço de escuta para essas mulheres elaborarem suas histórias de vida. Assim, àquelas que aceitaram e puderam participar foi explicada a proposta da pesquisa, bem como funcionaria, além de ser lido com cada uma e com a coordenação da associação o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e, do mesmo modo, a autorização para gravação dos encontros.

2.1 AS PARTICIPANTES DA PESQUISA

Nomearemos as participantes desta pesquisa pelos codinomes Petúnia e Sida⁷. Tal escolha se deu pelo fato de as mulheres geralmente serem associadas às rosas, que são sensíveis e delicadas, precisando de um cuidado todo especial para sobreviver. Deste modo, escolhemos Sida e Petúnia por serem dois tipos de flores que são altamente resistentes às adversidades do clima e que são, também, admiradas pela pesquisadora.

A petúnia possui, além de resistência às adversidades climáticas, resistência às doenças que por vezes atingem as plantas. A petúnia é uma flor conhecida, não tanto talvez como flores mais nobres como a rosa, o lírio, a tulipa, mas chama à atenção pela variedade de tons que a espécie possui e pela exuberância. A Sida, também conhecida como “vassourinha”, é uma flor que podemos considerar uma sobrevivente, pois, nasce em praticamente em todo lugar, pode ser classificada como um tipo de erva daninha e, provavelmente, você já deve ter cruzado com algumas no seu dia a dia, contudo geralmente ela não é valorizada e é ignorada, que cresce em meio à vegetação comum; é uma florzinha pequena que possui uma fibra extremamente resistente, sendo por exemplo utilizada na fabricação de vassouras. Ao meu ver, se trata de uma flor linda, que não possui seu valor reconhecido.

Nossa participante Petúnia é uma mulher negra de 67 anos, de estatura mediana pra alta, filha de mãe branca e pai negro. Sua mãe não teve trabalho fixo, fazendo alguns serviços como lavagem de roupa, e seu pai era estivador, ambos já

⁷ A capa desta dissertação apresenta a imagem das duas flores, as Sidas no canto inferior esquerdo e as Petúnias Roxas na parte superior direito da capa.

falecidos. Ela foi a primeira e única filha de uma família de três filhos, seus irmãos, assim como os pais, também já faleceram. Iniciou na prostituição aos 20 anos e foi mãe aos 30, quando estava em um relacionamento estável, pelo qual se afastou da prostituição. Tem apenas um filho com quem possui uma boa relação. Atualmente, convive com um problema de mobilidade decorrente da falta de vitamina E no sangue e está em tratamento contra um câncer de mama. Atua como militante e educadora sexual, e hoje em dia está aposentada.

Sida está com 62 anos, de estatura baixa, filha de pais negros. Sua mãe era costureira e seu pai trabalhava como pedreiro, ambos de maneira informal. Filha mais velha e única mulher entre 3 irmãos, todos atualmente falecidos. Iniciou na prostituição aos 23 anos após ser mãe. Tem dois filhos, um casal, sem convivência. Atualmente convive com problemas decorrentes do alcoolismo, possui como renda o benefício do Bolsa Família que é destinado às famílias em situação de extrema pobreza, e tem na prostituição uma fonte de renda complementar como forma de sustento. Ainda atua nas ruas do Recife e recebe clientes em sua residência.

Com o intuito de ouvir essas mulheres narrarem suas histórias, em busca de compreender como foram se subjetivando ao longo de suas vidas enquanto mulheres, negras e trabalhadoras do sexo, elegemos e utilizamos como instrumentos: a entrevista reflexiva; o Diário de Bordo, posto que, se comunicam com o modo de fazer pesquisa que adotamos e acreditamos.

2.2 ENTREVISTA REFLEXIVA

As entrevistas reflexivas, como instrumento “[...] [têm sido empregadas] em pesquisas qualitativas como uma solução para o estudo de significados subjetivos e de tópicos complexos demais para serem investigados por instrumentos fechados num formato padronizado.” (BANISTER et al.; 1994). Segundo Szymanski (2002), é um instrumento que favorece a horizontalidade por partir de uma proposta de diálogo ou igualdade de poder na relação que se dá entre o pesquisador e os participantes da pesquisa.

Desta forma:

Foi na consideração da entrevista como um encontro interpessoal no qual é incluída a subjetividade dos protagonistas, podendo se constituir um momento de construção de um novo conhecimento, nos limites da

representatividade da fala e na busca de uma horizontalidade nas relações de poder, que se delineou esta proposta de entrevista, a qual chamamos de reflexiva tanto porque leva em conta a recorrência de significados durante qualquer ato comunicativo quanto a busca de horizontalidade. (SZYMANSKI, 2002, p. 14).

A construção do saber, desta maneira, é dada em conjunto, pois a entrevista reflexiva pressupõe uma constante volta para o entrevistado, essa “volta” ao entrevistado é aquilo que lhe garante “o direito de ouvir e, talvez, discordar ou modificar suas proposições durante a entrevista...” (SZYMANSKI, 2002, p. 15). Esse momento, diz respeito a pequenas devolutivas de compreensões que vão sendo tecidas no decorrer das entrevistas. Essa postura, favorece ao entrevistado entender como o pesquisador está compreendendo sua história, que pode a qualquer momento, por exemplo, se contrapor ou corrigir algo que não foi bem dito ou compreendido. Assim, nessa modalidade de entrevista se manifesta a reflexibilidade, no sentido de refletir a fala dos entrevistados e expressar as compreensões, o que acaba por aprimorar a fidedignidade da pesquisa.

As entrevistas desenvolvidas com as participantes da pesquisa não possuíam tempo determinado. Primeiramente, foi realizado um encontro com as representantes da APPS que, em seguida, passaram o contato de profissionais do sexo que se interessaram em participar da pesquisa. O contato foi estabelecido por telefone para agendamento do dia e horário de início das entrevistas. Na primeira entrevista realizada com as participantes foi lido o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), assim como o termo de autorização de gravação, sendo o tempo da entrevista definido pelo momento em si.

Havia considerado de antemão a realização de 4 entrevistas, o que foi possível fazer com Petúnia. Apenas foi necessário combinar o melhor horário as entrevistas que foram realizadas em sua residência. Com Sida foi possível realizar apenas dois encontros presenciais, também em sua residência, e uma entrevista por telefone. A entrevista por telefone não foi programada para ocorrer assim, porém, devido ao início da pandemia da COVID-19, a participante estava por mais tempo nas ruas, pois o isolamento e fechamento do comércio implicou uma diminuição de sua clientela e naquela época não havia conseguido resposta quanto à possibilidade de recebimento do auxílio emergencial fornecido pelo governo federal. A entrevista realizada por telefone não foi gravada, mas foi realizado um Diário de Bordo como forma de registro do que foi tratado.

2.3 DIÁRIO DE BORDO

O Diário de Bordo em uma pesquisa, segundo Silva, surge:

[...] como possibilidade de compartilhar os encontros, as afetações... de revisitar os sentimentos, atualizando-os e tecendo sentido. São, antes de qualquer coisa, escritos plurais e, ao mesmo tempo, singulares, pois narrar o encontro diz sobre aquele que se fez encontro. (2016, p. 32).

Pode-se dizer que o diário registra o que a gravação não capta. Ele registra os anseios e as percepções que podem parecer até em alguma medida sem sentido, mas que doravante se revelam. Essas percepções, embora por vezes incompreendidas, geralmente possuem algum sentido, posto que saltam aos olhos do pesquisador.

Assim, o Diário de Bordo tem se apresentado como um instrumento comumente utilizado em pesquisas interventivas, pois possui a capacidade de apresentar, não simples informações e relatos, mas se configura como registro das experiências vividas em campo e das afetações a elas atribuídas. Nas palavras de Aun:

Diários de bordo não são apenas possibilidade de restituição da historicidade de uma pesquisa; são, também, o narrar a biografia da experiência de um profissional, na perspectiva de quem comunica como ocorreu o revelar-se do outro a esse profissional/pesquisador. (2005, p. 19).

O Diário de Bordo não é um registro de verdades observadas pelo pesquisador, mas antes de tudo é um ponto de vista, uma percepção daquilo que se apresenta para ele. Esse termo, hoje bastante utilizado nas ciências humanas, era utilizado desde os períodos de expedições navais. São famosos os diários de bordo de Pero Vaz de Caminha e aqueles que se aventuram no mar assim reconhecem sua utilidade como um registro da viagem, um meio de narrar as coisas que foram acontecendo enquanto estavam a caminho ou a bordo de uma embarcação.

Retomo esse início de utilização marítima para destacar o porquê, por preferência, utilizo o termo “diário de bordo”, pois estamos, ao iniciar uma entrevista, entrando em contato com os participantes de uma pesquisa, não apenas em campo, mas vivenciando juntos essa experiência. Estamos todos a bordo, cada um vindo de um local diferente, com histórias diferentes, com vivências diferentes, mas em um caminho traçado e percorrido conjuntamente.

A relação com o mar não é algo que fica restrita, apenas, ao nome deste instrumento. Essa associação foi sentida em dado momento da pesquisa e descrita no relato a seguir:

Fazer pesquisa me parece às vezes como ser lançada no meio do oceano à noite com um arpão na mão pra pegar peixe, ou talvez com uma rede... Não se pega tudo, boa parte é um grande escuro, quanto mais você mergulha mais vasto o campo é. Têm horas que dá um desespero, que você acha que não vai conseguir nada, têm horas que o movimento de mergulho te deixa exausta e você só quer retornar, mas esse retorno já não é mais para o mesmo lugar, porque uma vez no mar parece que essa experiência te leva. Enfim... às vezes é trabalhar com o que temos e não com o que gostaríamos de ter. A frustração deve ser a grande companheira dos pesquisadores. (Diário de Bordo).

No fragmento do Diário de Bordo expresso acima, percebeu-se que esse instrumento não serve apenas para registrar aquilo que a gravação não capta, mas também, como uma forma de partilhar do que é vivenciado pelo pesquisador, nas palavras de Aun (2005, p. 33-31):

Diários de bordo não são apenas possibilidade de restituição da historicidade de uma pesquisa; são, também, o narrar a biografia da experiência de um profissional, na perspectiva de quem comunica como ocorreu o revelar-se do outro a esse profissional/pesquisador [...] Diferente da narrativa oral, o diário de bordo imprime marcas dos vestígios do vivido pelo escrever.

2.4 CONSTELAÇÕES DE SIGNIFICADO

As informações e questões manifestas a partir das entrevistas reflexivas foram separadas com base em procedimentos da abordagem fenomenológica, designados por Szymanski (2004) de “constelações de significado”. Essa terminologia é utilizada, pois, segundo a autora, o termo é “[...] preferível à de categorias, há tão somente uma organização da compreensão do pesquisador, que pode assumir as mais diferentes formas, variando de analista para analista. À semelhança de um céu estrelado, várias constelações podem ser delineadas”. (op.cit. p.3).

A nomenclatura de constelações surge das constelações estelares mesmo. Como explica a autora:

Assim como um céu pode ser desenhado de mil maneiras, assim os fenômenos. É o que a *epoché* nos ensina. É preciso saber em que lugar nos encontramos, de que lugar falamos, pois nossa compreensão é

circunstancial, é situada. Voltando para o céu estrelado, podemos constatar que todos concordam que aquele aglomerado se chama Cruzeiro do Sul, e todos vão atrás da Intrometida. Aquele outro, Órion, o caçador com seu punhal e a belas Três Marias formando seu cinturão. E seu punhal e seus cães... Concordância geral... a respeito de uma ilusão. [...] Assim o que se pretende é esclarecer que as constelações referem-se não a uma entidade “externa” objetivada, mas à compreensão que temos do que se nos desvela. (SZYMANSKI, 2004, p. 3, grifo do autor)

A autora dirá que uma constelação, por exemplo, pode ser nomeada de forma distinta por povos indígenas, recebendo expressões que fazem parte de seu acervo cultural. Ao tomar esse exemplo, permitam-me ir mais além: podemos concordar que o Cruzeiro do Sul pode ser visto em todo o território que compõe a América Latina e, embora concebemos que os índios, no exemplo de Szymanski (2004), podem nomeá-lo diferentemente, assumimos que o fenômeno apreendido permanece, em parte, o mesmo. Porém, se considerarmos a questão de que para as Américas do Norte e Central essa constelação tão famosa não é sequer visível, não fica difícil de compreender que o lugar de onde olho para essas estrelas afeta substancialmente sua aparição. Podemos dizer que a depender da realidade de cada pessoa um fenômeno pode ser expresso de forma diferente, assumir outras facetas, ou sequer poder ser percebido.

Aquilo que ora nos apareceu surge de um encontro pesquisador-participante da pesquisa, uma construção conjunta. Em dados momentos a realidade expressa é difícil de ser compreendida e exige um “afastar-se”, uma mudança de perspectiva para favorecer a compreensão. A partir da leitura das entrevistas, em um primeiro momento identificamos no texto unidades de significado, que dizem respeito a um conglomerado de falas que possuíam um sentido comum, uma experiência, uma temática.

É a partir destas unidades que foram delimitadas as constelações de significado centrais, que embora sejam assim nomeadas por Szymanski, para facilitar a compreensão de sua proposta, nada mais são do que unidades de sentido. Essas unidades ou constelações são analisadas com base no sentido que expressam, com a finalidade de compreender o que o fenômeno nos apresenta. (Szymanski, 2002).

Durante o desenvolvimento deste trabalho, chegamos nas três constelações que nomeamos de “A grande Janela: a prostituição”, “Batalhar” e “In-visibilidade e sentidos”. Estas emergiram ao percorrermos os seguintes passos: a princípio, após as entrevistas foram feitas as transcrições- registros fiéis o tanto quanto possível da forma como a entrevista ocorreu. O segundo passo constitui a formulação de um texto de referência, que é formado pela narrativa presente nas entrevistas que passa por

um processo de “limpeza”, em que repetições, vícios de linguagem são retirados, não comprometendo, porém, a compreensão do texto. “O texto de referência pode incluir as impressões, percepções e sentimentos do pesquisador durante entrevista e transcrição” (SZYMANSKI, 2002, p. 74).

Em um terceiro momento, foram elaboradas categorias que emergiram a partir da leitura do texto de referência.

Leituras e releituras do texto completo das entrevistas, com anotações às margens, permitem ao logo do tempo a elaboração de sínteses provisórias, de pequenos *insights* e a visualização de falas dos participantes, referindo-se aos mesmos assuntos. Estes nomeados pelos aspectos do fenômeno a que se referem, constituem uma categoria. (SZYMANSKI, 2002, p. 75).

Por meio da leitura das entrevistas, percebemos que haviam três momentos históricos que compunham a narrativa das vidas das participantes da pesquisa: a vida que transcorria antes do início na prostituição, suas vidas perpassadas pela realidade da prostituição e suas vidas após o envelhecimento. Desta maneira, reunimos suas histórias em constelações compostas por momentos de vivência temporal.

As constelações foram nomeadas pelo sentido percebido pela pesquisadora que compunha cada momento narrado. A primeira constelação intitulou-se “A grande Janela”, em razão de apresentar o caminho traçado por elas até o início na prostituição. Neste sentido, a janela se apresenta como aquela que pode vir a ser uma saída, quando as portas se encontram fechadas. Esta unidade de sentido é composta por discussões que perpassam as desigualdades social, racial e de gênero que compõem a história da população brasileira e que acaba por se transformar em uma experiência de “portas fechadas” na história de vida dessas mulheres.

A segunda constelação fora intitulada de “Batalhar”, pois apresenta o transcorrer de suas vidas perpassada pela vivência da prostituição. Batalhar é um verbo que indica luta, guerra e é o termo que as profissionais do sexo utilizam para dizer que estão em serviço. A batalha se dá expressa em suas narrativas no âmbito prostitucional, mas também em suas vidas pessoais. A violência se apresenta como um risco constante e realidade fatídica de boa parte das garotas de programa. A desassistência do estado, a invisibilidade e a discriminação aparecem como questões que compõem o cenário de batalha na vida dessas mulheres.

A terceira constelação foi intitulada “Invisibilidade e sentidos”, pois, nessa constelação as narrativas que a compõem têm um caráter mais reflexivo, apresentam

uma mira retrospectiva do sentido atribuído pelas participantes a uma história já percorrida, e essas histórias são marcadas por invisibilidade e para uma aquisição de um lugar de aparecimento. Aqui surgem os desdobramentos de suas histórias e os sentidos que elas deram à prostituição, ao fazerem uma retrospectiva de suas vidas. É por meio desta mira histórica que podemos perceber os fios contínuos que perpassam e perduram em cada comento de suas vidas, sendo estes as desigualdades, a violência, a discriminação à precarização.

Para compreensão das constelações, partimos da Hermenêutica descrita por Hermann (2002), uma vez que ela nos diz que: “A hermenêutica reivindica dizer o mundo a partir da sua finitude e historicidade, de onde decorre seu caráter interpretativo”. Como bem coloca Arendt (2015), ao dizer que já nascemos em uma história em curso, assim, podemos compreender que, enquanto seres humanos, somos seres sempre situados. Deste modo, a hermenêutica é a base de todo o processo compreensivo deste trabalho.

Segundo Hermann (2002), a hermenêutica provém da antiga tradição de interpretação dos textos bíblicos, e essa interpretação dos textos “sagrados”, “[...] refere-se à arte de extrair sentidos explícitos ou ocultos de textos religiosos, jurídicos ou literários” (p. 15). Diferentemente, porém, da concepção de hermenêutica herdada do campo da teologia, a noção que fundamenta este trabalho não busca uma verdade oculta ou sentidos dados que devem ser descobertos, revelados, parte-se da compreensão da hermenêutica de que “[...] ressurgiu modernamente como contexto da luta contra a pretensão de haver um único caminho de acesso à verdade.” (op.cit, p.15).

Uma vez que a hermenêutica, ainda, pode ser associada a Hermes, deus grego, mensageiro dos demais deuses e intérprete da vontade divina, “Hermes com a capacidade de se movimentar para 14 lugares muito distantes leva mensagens e traz consigo a possibilidade de compreensão, para a qual é preciso dar-se conta que há uma distância a superar”. (HERMANN, 2002, p. 21). Se para Hermes era fundamental a compreensão das distâncias a serem superadas, ousamos dizer que para o pesquisador tal fato é salutar. Pois, o que falamos e percebemos sempre emerge a partir do lugar de onde estamos e compreendemos um fenômeno.

Trazer a hermenêutica como base compreensiva e analítica desta pesquisa é trazer a “perspectiva do interpretar, da produção de sentido e da impossibilidade de separar o sujeito do mundo objetivado. Desse modo a hermenêutica quer fazer valer

o fenômeno da compreensão diante da pretensão de universalidade da metodologia científica.” (HERMANN, 2002, p. 16).



Quadro "A Hora do Pão", da Pintora brasileira Abigail de Andrade, de 1888.

3. A GRANDE JANELA: A PROSTITUIÇÃO.

Abordar a temática da prostituição é sem dúvidas algo que se apresenta como um imenso desafio, posto que comumente é associada a algo sempre existente na história da humanidade, o que lhe confere uma aparência de naturalidade. Segundo Swain (2004), tal fato é um erro histórico, porque não há nada que permaneça imutável quando se fala de história.

Assim, falar sobre prostituição é antes de tudo falar sobre a história feminina, já que são as mulheres que compõem o grupo historicamente prostituído. Roberts (1998), ao traçar em seu livro “As prostitutas na história” uma cronologia acerca da prostituição, apresenta a constante associação entre a prostituição e cenários marcados por desigualdades, sejam estas econômicas ou de gênero. A autora sinaliza ainda que a prostituição similar à que conhecemos hoje tem estrita proximidade com a escravização de povos.

São as mulheres escravas que inauguram a prostituição de forma comercial, e reforçam o cenário apresentado por Roberts (1998) acerca da presença da desigualdade. Falar de desigualdade, por sua vez, nos lança em uma antiga e conhecida questão que compõe o cenário desta pesquisa: a desigualdade de gênero. Deste modo, faz-se importante para a compreensão das discussões aqui presentes tendo em vista dois marcadores de desigualdade que fazem parte do cenário que compõe as histórias aqui apresentadas. São eles: Gênero e Raça. Ao iniciar nossas entrevistas, a primeira coisa que perguntamos às participantes foi: Como a prostituição se apresentou como uma possibilidade na sua vida? As duas participantes responderam que o início se deu pela necessidade, como vemos a seguir:

[...] eu tava com 20 anos de idade, foi questão mesmo financeira. Família pobre, negra, tava fazendo [...] o científico, tava muito, muita, muita dificuldade financeira, aí uma amiga me levou, comecei e o dinheiro que tirei em um dia, foi o dinheiro do mês (Petúnia)” e “Eu comecei na prostituição..., é porque eu não tive opção, na época, assim, eu tive uma..., é... digamos assim..., eu nem gosto muito, eu tenho que pegar uma toalhinha, porque eu vou chorar...

Na fala embargada e entre lágrimas, Sida conta a história de alguém que se apaixonou e se viu grávida de uma pessoa que não a amava e que, ao descobrir a gravidez, disse para ela: “ou você tira ou eu digo que não é meu”. Ela se recusou a

tirar, mas, segundo ela, precisou ganhar dinheiro para sustentar a filha, o pai da criança não a auxiliava financeiramente e, para trabalhar, precisou deixar a criança com sua mãe. Sida tinha 23 anos quando teve sua filha, mas seu registro de identidade apontava para a idade de 18 anos, pois seu pai a registrou tardiamente e ela nunca conseguiu corrigir a idade.

Embora possuam histórias distintas, as duas apresentam a mesma motivação: a necessidade. Mas seria apenas a questão financeira capaz de levar uma mulher ao caminho da prostituição? Nesse sentido, a própria Petúnia nos conta a história de uma antiga vizinha a quem convidou para se prostituir, por ver a situação financeira em que ela se encontrava, após ter passado por um divórcio e ter ficado com 3 filhos para cuidar. Segundo Petúnia, essa conhecida chegou a passar por tantas dificuldades que por vezes não possuía comida para dar às crianças.

Ela passando fome, bonitinha, novinha o corpo muito bonitinho... Aí eu convidei ela pra ir pra área de prostituição, ela disse: minha filha eu não vou não, não tenho coragem. Ela foi apanhar papel, fazendo reciclagem, apanhando papelão até passar por essa fase ruim. (PETÚNIA)

Em outro momento, Petúnia relata que algumas mulheres que dão entrevistas televisivas focam apenas na questão da necessidade financeira para justificar a prostituição e esclarece seu ponto de vista dizendo: “[...] a gente cai na prostituição por falta mesmo financeira. Mas, ninguém vive num local, mais de 40 anos, se não gosta de fazer”. Ela mesma diz: “Eu continuei porque, é como eu disse a você, eu gostei entendeu? Eu me identifiquei, eu achava bom. Eu gostava de sair, de tomar uma cerveja, de me divertir, de ver aquelas luzes vermelhas, de estar no cabaré de me divertir.”.

Sida, por sua via, relata:

[...] eu gostava da orgia, eu gostava de beber, eu gostava da noite, eu era da noite. Eu preferia a noite ao dia. Mas assim, hoje em dia não, hoje em dia eu vou por necessidade. Hoje em dia, tanto é que eu faço um programa, dois e pra mim está bom. É o dinheirinho pra comprar meu cigarro e ir guardando, que é pra eu levar pra ele⁸.

Consta salientar que Petúnia deixou de se prostituir há mais de 10 anos, enquanto Sida permanece fazendo programas. Percebe-se que a necessidade financeira aparece como realidade concreta a ida à prostituição e, embora haja

⁸ Refere-se ao primeiro neto a quem criou e que atualmente encontra-se preso.

divergência entre as falas acerca do que faz alguém permanecer na prostituição, se necessidade ou prazer (gostar), as duas relatam um período que gostavam. Esse gostar, sendo associado pelas duas ao fato de poderem sair à noite, beber, se divertir.

Para Nunes (2015, p. 36):

[...] utilizar o argumento da questão econômica como único fator para a entrada na prostituição é reduzir as possibilidades de interpretação. Assim, [...] é preciso uma apreensão mais abrangente da temática a fim de romper com discursos padronizados.

Dessa forma, é preciso compreender suas histórias até o momento em que iniciam na prostituição, para não incorrer no discurso simplista de apenas uma necessidade econômica. Como a própria Petúnia apontou, já que nem todas as mulheres em condições adversas decidem pela prostituição.

Segundo Hannah Arendt: “Os homens são seres condicionados, porque tudo aquilo com que eles entram em contato torna-se imediatamente uma condição de sua existência”. O mundo, segundo ela, onde transcorre a *vida activa*⁹ “consiste em coisas produzidas pelas atividades humanas; mas as coisas que devem sua existência exclusivamente aos homens constantemente condicionam, no entanto os seus produtores humanos” (2015, p.11).

Não estamos dizendo que somos determinados pelas condições de nossos nascimentos, mas que tais “condições da existência humana – a vida, a natalidade e a mortalidade, a mundanidade, a pluralidade e a terra” (ARENDR, 2015, p.14) são condições, que embora jamais nos determinem, demarcam nossa posição em relação ao mundo em uma história que está em curso antes de nós.

A saber, as condições sob as quais a vida humana se estabelece dizem respeito à *Vida* e à *mortalidade* como dados biológicos, onde viver e morrer têm relação com o início e o fim do aspecto físico da existência, é o “*estar*” ou “*deixar de estar entre os homens*” (ARENDR, 2015, p. 10). A *terra* se refere ao lugar de nascimento no mundo em seu aspecto físico, à terra mesmo onde nascemos. Assim, podemos imaginar, por exemplo, que nascer no polo norte, dentro de uma comunidade esquimó, nos põe substancialmente em um lugar diferente de nascer no Saara, em uma tenda.

⁹ Arendt utiliza o termo para “[...] caracterizar o âmbito das atividades humanas fundamentais” buscando “desvencilhar da sua caracterização tradicional como derivativo da vida contemplativa” (ARENDR, 2015, p.27)

Neste ínterim, a mundanidade diz respeito ao conjunto das coisas feitas pelo homem, é o que denominamos como mundo humano. Arendt (2015) nos diz que é impossível ao homem habitar o mundo natural. Destarte, a natalidade e a pluralidade estão intrinsecamente ligadas.

A condição humana da natalidade diz respeito à capacidade humana de inaugurar o novo, sendo os “recém-chegados” sempre apresentados como um novo começo. Nesse sentido, a ação – ato e discurso – diz respeito à condição da natalidade. “O trabalho e a obra¹⁰, bem como a ação, estão também enraizados na natalidade, na medida em que têm a tarefa de promover e preservar o mundo para o constante fluxo dos recém-chegados” (ARENDR, 2015, p. 11). Diz a autora que: “A condição humana do trabalho é a própria vida”, a “condição humana da obra é a própria mundanidade” e a ação é a que possui estreito elo com a natalidade, posto que é aquilo que rompe, inicia um movimento, ela “é a única atividade que ocorre diretamente entre os homens, sem a mediação das coisas ou da matéria, corresponde à condição humana da pluralidade, ao fato de que os homens, e não o Homem, vivem na terra e habitam o mundo” (ARENDR, 2015, p. 9).

Para Arendt (2015), a ação – atos e palavras – traz o homem ao cenário público, iniciando sempre algo novo e correspondendo ao seu nascimento. Ao agirem e falarem, os homens aparecem também enquanto seres singulares, na medida em que a ação ocorre sempre no espaço entre homens, o que torna a pluralidade a condição básica do agir e falar.

A matéria morta, natural e artificial, mutável e imutável, depende em seu ser, isto é, em sua qualidade de aparecer, da presença de criaturas vivas. Nada e ninguém existe neste mundo cujo próprio ser não pressuponha um expectador. Em outras palavras, nada do que é, à medida que aparece, existe no singular; tudo que é, é próprio para ser percebido por alguém. Não o Homem, mas os homens que habitam este planeta. A pluralidade é a lei da terra. (ARENDR, 2008, p.17).

Sendo a ação a atividade que “sequer [pode] ser imaginada fora da sociedade dos homens” (ARENDR, 2015, p. 27), é possível compreender que esta capacidade de início de algo novo se dá em meio a *bios politikos*, termo grego utilizado por Aristóteles, que se refere à ação (práxis) e ao discurso (léxis). Para tanto, Arendt (2015) aponta que é na pólis que o homem se expressa, sendo a pólis grega o espaço

¹⁰ Nas primeiras traduções do livro A Condição Humana da autora Hannah Arendt o termo aparece descrito como Labor e Trabalho respectivamente.

de igualdade entre os homens, para livre expressão da democracia. Assim, compreendemos a importância de um mundo comum, uma sociedade igualitária onde haja a possibilidade de aparecimento, onde seja possível agir e falar. Dessa forma, Arendt (2015, p. 2019) nos dirá que é com “palavras e atos que nos inserimos no mundo humano, e essa inserção é como um segundo nascimento, no qual confirmamos e assumimos o fato simples do nosso aparecimento físico original”.

Deste modo, tomando a descrição das condições que compõem o fato de sermos humanos, que sejam pensados os relatos de Sida e Petúnia a partir da compreensão de suas origens enquanto histórias iniciadas em uma História em curso. Desta maneira, ao nascerem algumas condições já estavam postas: são mulheres, negras, desprovidas de poder aquisitivo, no nordeste de um país recém-liberto dos agulhões da escravidão e em processo de luta pelos direitos da mulher, há menos de 30 anos da aquisição do voto feminino.

No Brasil do final do século XIX à primeira metade do século XX, cenário de nascimento de suas mães e constituição de suas famílias de origem, muitas lutas estavam sendo travadas com relação ao lugar da mulher na sociedade. Lutas individuais pela aquisição do voto feminino se iniciam, com o requerimento de direito ao voto em 1881 feito por Isabel de Souza Matos, ou como Isabel Dilton que se apresentou como candidata à Constituinte iniciando um movimento que levou à discussão na Constituinte Republicana do Voto Feminino em 1890 (Pinto, 2003).

É importante salientar que o movimento sufragista brasileiro não incluía, como reivindicação, a condição das mulheres pobres e negras recém-alforriadas. Tal movimento, assim como se deu nos EUA, tem início e se restringe à burguesia vigente. As pautas, nas raízes do movimento feminista, não abarcavam todas as mulheres, mas mulheres de uma elite branca.

Apenas em 1950 se inicia um movimento de lutas de mulheres¹¹ que provém da junção de diferentes classes sociais, fato que levou à Passeata da Panela Vazia, em 1953 (PINTO, 2003). O movimento de mulheres se manteve até meados de 1970, e suas reivindicações apontavam para as dificuldades vivenciadas pelas mulheres das camadas mais pobres da sociedade.

¹¹ Não se tratava de um movimento feminista, mas de um movimento de mulheres. A diferença residia no fato de que o movimento de mulheres geralmente de classes populares não lutava com relação à igualdade de gêneros, mas em relação à realidade sentida: pobreza, fome, direito à assistência à saúde, escola, serviços públicos em geral.

Durante as entrevistas, quando questionamos Petúnia acerca do que a fez olhar para dentro de casa e sentir que necessitava ajudar financeiramente, ela respondeu:

Primeiramente a falta de dinheiro, eu sempre fui muito vaidosa, gostava muito de me vestir bem, de usar bijuteria, joia, ouro... essas coisas todas e emprego sempre foi muito difícil né?! Pra você ter uma ideia, eu fiz um, participei de um concurso [...] no tempo era o [...] INSS. Eu passei em 2º lugar e eu não fui contemplada, não sei o porquê. Eu fui à Americanas¹², quando a Americanas foi inaugurada, quando eu me inscrevi, fiz a prova, minha prova foi uma das melhores e eu não fui chamada. Na Americanas eu sei que foi racismo, porque naquela época, ali há 40 anos atrás, eu tava com 20, 22 anos. Era... o preconceito, o racismo era bem maior, não era crime... você chegava na loja chique: Americanas [...] Viana Leal, Mesbla... você não encontrava uma pessoa negra. Era só gente branca, era muito difícil, você chegava na loja pra procurar emprego o pessoal olhava só para você. O que ficava para mulher negra de uma forma sã era casa de família, costura ou bar.

A questão racial unida à questão de dificuldades de ativos¹³ aparece na fala de Petúnia como motor propiciador da ida à prostituição. Ela aponta que tudo o que restava em sua época para mulheres negras era o trabalho em bares, como costureira em fábricas e em casas de família. Aqui, faz-se necessário abrir um parêntese na discussão, para dizer que a realidade de vida de Petúnia é marcada pela pobreza, porém não pela miséria.

Tal discussão é salutar, posto que há uma definição exposta por Tronco e Ramos (2017, p. 296), que expõe que, embora a definição de pobreza seja diversa, no geral pesquisadores concordam que a pobreza se define com relação ao “não atendimento das necessidades mínimas diárias” de uma pessoa. Assim, a extrema pobreza ou miséria seria aqui, a não garantia de qualquer necessidade. No Brasil, o Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS) estabeleceu um ponto de corte genérico, por família, de até “R\$ 70,00 per capita para definir famílias em situação de extrema pobreza e o dobro desse valor (R\$ 140,00) para definir a pobreza”.

Quando essa realidade é compreendida, é perceptível que, quando Engel (2004) apontava a realidade das mulheres pobres e negras do final do século XIX e início do século XX, boa parte das condições expressas por ele permanecem inalteradas para boa parcela da população brasileira. É possível considerar que tal fato se dê, dentre outros motivos, pelas recentes as lutas e as conquistas oriundas da

¹² Lojas Americanas.

¹³ O termo se refere à condição de aquisição de bens materiais.

causa feminista e de direitos de uma forma geral. Como anteriormente exposto, quando a realidade das mulheres é pensada – em especial, as negras –, muitas lutas quando presentes em seu início não visavam à realidade das demais mulheres da sociedade (negras, indígenas, pobres, ruralistas), e com as dificuldades de cada época tendiam a demorar a atingir uma vasta gama da sociedade.

Petúnia, em seu relato, expõe as marcas da segregação da mulher negra, que aponta mais uma cisão que compõe a esfera da desigualdade brasileira: a cisão racial. Em dado momento ela reforça, ao narrar a sua história, a intenção de não ser vitimista, como se devesse ter cuidado com suas palavras para que não parecessem falsas. Mas a sua realidade se escancara na descrição de sua vida. Diz ela: “[...] vê, se assumir é muito difícil, se assumir como puta e como negra. Né? Não existia, agora já tem, não existia nada pra negra pra minha época”.

Petúnia coloca a prostituição e a negritude no mesmo patamar de vergonha, que, segundo ela “assumir é muito difícil”. Este assumir faz parte de um processo de identificação e reconhecimento de um ‘eu’ marcado por exclusão, assim como seu aparecimento no mundo enquanto pessoa negra e prostituta.

Neusa Santos (2008) aponta em seu livro “Tornar-se Negro” as marcas do processo de embranquecimento da raça que atuam em um processo de não reconhecimento da negritude. Assim, esse processo tem evidência na narrativa de Petúnia ao apontar sua percepção enquanto mulher negra e o difícil processo de se assumir como tal. Petúnia relembra as tentativas maternas de minimizar as características de sua negritude, marca que vêm à tona com a maior idade e com a percepção da exclusão social: “Eu com seis anos, minha mãe começou a alisar meu cabelo com ferro quente. Eu lembro quando passava o ferro chega chiava [...] pra estirar. Depois começou as banhas. Eram umas banhas que faziam ferida no casco pra estirar o cabelo”.

Fanon (2003, p. 34), ao se referir aos povos negros colonizados, nos dirá que: “[quanto mais este] assimilar os valores culturais da metrópole, mais o colonizado escapará da sua selva. Quanto mais ele rejeitar sua negridão, seu mato, mais branco será”. Nesse ínterim, é necessário se afastar dos traços da negritude e aproximar-se de um mundo branco. Tais marcas são presentes de tal forma que, para Petúnia, por exemplo, assumir-se enquanto puta precedeu a descoberta e o reconhecimento de sua negritude.

No mesmo sentido do embranquecimento trazido por Fanon (2008), o ato de alisamento dos cabelos, prática comum e recorrente na população negra do século XX, mesmo em crianças, é descrito por Hooks (2005, p.3) como:

[...] um processo no qual as mulheres negras estavam mudando a sua aparência para imitar a aparência dos brancos. Essa necessidade de ter a aparência mais parecida possível à dos brancos, de ter um visual inócuo, está relacionada com um desejo de triunfar no mundo branco.

Hooks (2005) aponta que durante uma discussão acerca da beleza feita em Spelman College com estudantes negras elas falavam sobre a importância de ter o cabelo liso para realizar uma entrevista de emprego. Elas diziam que se tivessem o cabelo alisado aumentaria a possibilidade de encontrarem um bom emprego.

Se a mulher ainda estava começando a sair de um 'não lugar' dentro da esfera privada e marchando lentamente à esfera pública, imaginemos o que era ser uma mulher negra nesse cenário. Que fique claro que, quando falamos em mulher, é às brancas que nos referimos. Podemos por sinal questionar a ideia de ser mulher: O que significava ser mulher naquela época e quem era contemplada com essa definição? Nos EUA, Ângela Davis discutia essa questão, apontando o quanto a mulher negra se encontrava fora das pautas de luta feministas da época e a que mulher o termo "Mulher" se referia:

Em alguns sentidos, a luta pelos direitos das mulheres foi ideologicamente definida como uma luta pelos direitos das mulheres brancas de classe média, expulsando mulheres pobres e da classe trabalhadora, expulsando mulheres negras, latinas e de outras minorias étnicas do campo do discurso coberto pela categoria "mulher" (DAVIS, 2018, p. 92).

A saída das mulheres do espaço privado para o público possui o ano de 1975 como referência. Ano decretado pela ONU como o ano internacional da mulher, fato que possibilitou a realização, aqui no Brasil, de um evento intitulado "O papel e o comportamento da mulher na realidade brasileira". Esse foi o primeiro e o mais abrangente dentre outros eventos, acontecidos em nosso país, e marcou "[...] a entrada definitiva das mulheres e de suas questões na esfera pública" (PINTO, 2003, 56). Momento que deu origem ao Centro de Desenvolvimento da Mulher Brasileira. Porém, é preciso destacar que, "em geral, as mulheres que faziam parte do centro não pertenciam às camadas populares, mas se colocavam como representantes delas" (op. cit. p. 61).

Nos anos finais do século XX, os debates acerca da definição da categoria “mulher” ganharam força e:

No exato momento em que essas questões eram levantadas, questões sobre a universalidade da categoria “mulher”, questões com a categoria “ser humano” eram debatidas [...]. Uma conferência ocorrida em Nairóbi, Quênia, em 1985, lançou o lema “Os direitos das mulheres são direitos humanos”, sendo a primeira vez que aparecem, marcadamente, nesse cenário as vozes de mulheres de minorias étnicas. (DAVIS, 2018, p.92, 93).

Se Beauvoir (2016) diz que a mulher se constitui enquanto o Outro, o segundo elemento, ou o “segundo sexo”, em detrimento de um mundo que se apresenta potencialmente masculino, a mulher negra se constitui, como nomeamos aqui, “O outro do Outro”, em um mundo marcadamente masculino e branco. Ou seja, a construção de uma identidade que, de forma geral, se dá “[...] em um processo de interação e de diálogo que estabelecemos com os outros” vai se configurando na história das populações negras e colonizadas de forma perversa, posto que se “o sujeito se constrói a partir de marcas diferenciais provindas dos outros”, o estabelecimento do racismo corrompe esse processo.

Pois o racismo dificulta o diálogo entre os diferentes grupos que compõem a sociedade brasileira, [...] cria fronteiras simbólicas rígidas, estabelecendo binarismos identitários, ou seja, uma identidade do que é “ser negro” contraposta ao que é “ser branco”, baseadas em estereótipos negativos para os primeiros e positivos para os últimos. (FERNANDES; SOUZA 2016, p. 106).

Para Fanon (2008, p. 16), o racismo retira um grupo de pessoas da relação dialética “Eu-Outro”: “[...] uma relação que é a base da vida “ética”. Para ele, a consequência é que “quase tudo é permitido contra tais pessoas, e, como a violenta história do racismo e da escravidão revela, tal licença é frequentemente aceita com um zelo sádico”.

Hannah Arendt (2015, p. 52), por sua via, dirá que:

Viver uma vida inteiramente privada significa, acima de tudo, estar privado de coisas essenciais a uma vida verdadeiramente humana: estar privado da realidade que advém do fato de ser visto e ouvido por outros, privado de uma relação objetiva com eles decorrente do fato de ligar-se e separar-se deles mediante um mundo comum de coisas, e privado da possibilidade de realizar algo mais permanente que a própria vida. A privação da privacidade reside na ausência de outros; para estes, o homem privado não aparece, e, portanto, é como se não existisse. O que quer que faça permanece sem importância ou consequência para os outros, e o que tem importância para ele é desprovido de interesse para os outros.

Para que se compreenda, no Brasil é apenas em 1990 que ocorre o primeiro encontro nacional de mulheres negras em Valença, no RJ, trazendo à cena pública as mulheres negras. Assim, nossas participantes iniciam em um mundo onde não há espaço para suas vozes, onde suas vidas, necessidades e anseios são negligenciados.

Petúnia relata, em uma das entrevistas, uma situação que vivenciou em uma loja onde foi com o intuito de comprar um espartilho:

[...] os negros percebem: os olhares, muitos olhares desde quando você entra numa loja já ficam olhando pra você. Olha, aconteceu numa época de que eu tava com dinheiro, prostituição dá dinheiro, aí eu fui numa loja, não lembro qual foi a loja, Marisa... logo quando a Marisa surgiu, comprar um espartilho, espartilho é uma roupa cara e que as prostitutas gostam muito de batalhar¹⁴. E quando eu entrei, falei com a vendedora, a parte de lingerie era no primeiro andar, eu fui subindo, quando olhei vi um cara fazendo assim [...], gesto com os olhos para ela me seguir.

Petúnia relata o ódio sentido nesse momento e o que fez para retribuir o que sentiu. Ela não foi embora da loja, ela não brigou com ninguém, pois nada de explícito foi dito, segundo ela. Sua forma de retrucar o que acabou de passar foi escolhendo o espartilho mais caro. Ela diz: *“desci pro caixa, aí fiz questão de chegar no balcão, que aí eu acho que ele era o gerente, não sei. Tirei os cartões tudinho, botei em cima da coisa [...] acho que tava uns seiscentos na época, [...] fiz questão de tirar tudinho, paguei.”*

O dinheiro parece entrar como resposta à discriminação sofrida, e assume um lugar de poder. A posse do dinheiro é o lugar onde se pode adquirir o respeito, é onde ela pode mostrar que é diferente, ou tão somente igual às demais mulheres que lá vão adquirir seus produtos. Pensando desta maneira, não é difícil compreender o porquê de Petúnia mencionar que, dentre os motivos para iniciar na prostituição, estavam além da necessidade de “ter dinheiro”, a vontade de comprar roupas melhores, de usar bijuterias, ouro. É como se houvesse uma discriminação não apenas à negritude, mas à pobreza que, por sua parte, é constantemente associada ao fato de ser negro.

A reação moderada de Petúnia, por sua vez, é apontada como algo comum, pois, segundo Fanon (2008, p. 47), “do negro exige-se que seja um bom preto” na medida em que, mesmo em situações adversas, ele deve portar-se, caso contrário

¹⁴ Termo utilizado e que se refere à ida à zona. Atividade referente a se prostituir.

agiria de forma não civilizada, o que de antemão já é esperado. Assim, posturas subservientes são comuns e acabam por fazer parte de uma identidade colonizada.

Por mais que hoje esses relatos pareçam distantes de nossa realidade – talvez para o caro leitor –, as conquistas da população negra são extremamente recentes. Estamos há apenas 131 anos da Abolição da Escravatura no Brasil, país que, por sinal, foi o último do Ocidente a fazê-lo.

Petúnia é filha de uma mulher branca dona de casa e de um pai negro e estivador, cresceu com mais dois irmãos como a filha mais velha do casal, viu as condições financeiras se tornarem precarizadas durante a vida, devido aos gastos extras de seu pai com prostitutas e bebida. Estivador no Porto do Recife, tinha como vizinhos vários prostíbulos situados na antiga Rio Branco, hoje Marco Zero, local que abrigava o antigo Porto do Recife. Seu pai não passava muito tempo em casa, tanto pelo ofício, quanto pelos hábitos já descritos: *“Ele passava 3, 4 dias bebendo, com mulheres por lá [...]”* (PETÚNIA), vindo passar alguns dias e trazendo nesse momento o dinheiro para compra de mantimentos.

Como mencionado antes, Petúnia não cresceu na completa miséria e não conheceu a fome de perto, mas soube o que era passar privações e ver a dificuldade da mãe dentro de casa. Dentre as dificuldades enfrentadas por sua mãe, havia a violência doméstica por parte do marido.

[...] ele deu esse murro, aí ela ficou doente, depois desinchou, fica aquela marca roxa... Aí com o tempo [...] ela cegou de um olho. [...] aí a gente atribui a esse murro. [...] Houve uma época que ela era muito dona de casa, muito econômica e os fogões antigamente tinham umas tampas, aí ela fechava e em cima do fogão, botava um fogão, o fogão é de carvão, pra cozinhar mungunzá, que em Ano Novo tinha essas coisas mungunzá, bolo [...] aí ela tava com esse fogareiro em cima do fogão cozinhando, aí ele foi e empurrou ela, quando ele empurrou ela, o mungunzá caiu, ela caiu no chão e o mungunzá caiu por cima dela, queimou ela do pescoço até embaixo nas costas.

Apesar de todo esse cenário violento, Petúnia relata que seus pais só se separaram definitivamente quando ela já estava com a idade por volta dos 28 anos. Na compreensão de Petúnia, a mãe não abandonava o esposo por ter alguma forma de dependência. Essa dependência possui um peso muito grande em sua concepção de pessoa, sendo o fato de ser dependente de alguém a pior coisa que se pode ser. Assim ela diz:

[...] ela nunca trabalhou e ficava em casa esperando que meu pai chegasse, ela fazia alguns servicinhos domésticos assim, tipo naquele tempo não tinha máquina de lavar aí as pessoas que tinham mais condições tinham lavadeira, entendeu? Lavava uma roupinha, fazia uma faxina, uma coisa assim, mas sempre ficou esperando meu pai. Pra você ver, eu nunca parei pra esperar nada de homem nenhum.

E ainda:

Ela não saía porque assim... Como ela não trabalhava ela era desse tipo de mulher que era dependente do homem, e ela pensava; Meu Deus, como é que eu vou sair e criar esses meninos e tal, a história é essa. Aí com tudo que eu já tava independente, meu irmão mais novo que eu [também] já tava independente, o outro mais novo também, já tava todo mundo trabalhando, aí ela não aguentou mais, resolveu sair.

Porém, segundo Petúnia, essa figura materna permanece dependente durante toda a vida, pois ao sair da casa do marido vai morar com o irmão e a esposa dele. Depois, essa dependência se acentua por um AVC, convertendo-se, também, numa dependência física. Há de se considerar que essa “dependência” não é apenas emocional, mas uma realidade concreta à época em que sua mãe viveu. Basta que lembremos que a década de 50 foi marcada por:

[...] [uma] incessante luta junto ao congresso nacional pelos direitos das mulheres casadas, que eram consideradas na constituição na mesma condição dos silvícolas¹⁵ e tinham o exercício de sua cidadania controlados pelo marido, que podia negar-lhe permissão para trabalhar ou para viajar para o exterior (PINTO, 2003, p. 46).

As leis vigentes à época reforçavam uma realidade iniciada com o fim do trabalho compulsório e início do trabalho livre, a implantação dos moldes da família burguesa como pressuposto fundamental para manutenção do sistema capitalista.

A imposição da nova ordem tinha o respaldo da ciência, o paradigma do momento. A medicina social assegurava como característica feminina, por razões biológicas: a fragilidade, o recato, o predomínio das faculdades afetivas sobre as intelectuais, a subordinação da sexualidade à vocação maternal. [...] As características atribuídas às mulheres eram suficientes para justificar que se exigisse delas uma atitude de submissão, um comportamento que não maculasse a honra. (SOIBET, 1997, p. 363).

Pode-se compreender que sobre as mulheres e seu comportamento insidia uma forte pressão e controle social. Veja-se que é apenas em 1960 que “juntamente com outros subalternos como os camponeses, os escravos e as pessoas comuns, que as mulheres foram alçadas à condição de objeto e sujeito da história”. Desta maneira,

¹⁵ que ou quem nasce ou vive na selva; selvagem.

um forte indicador do cotidiano dessas mulheres, em especial das camadas populares da sociedade, repousa em registros de ocorrência policial e judicial (SOIBET, 1997, p. 363-364). Relatos de casos jurídicos, nos quais mulheres são acusadas judicialmente pelo assassinato de seus esposos, apresentam o cotidiano da violência física e sexual sofrida por estas mulheres. Mas o que chama à atenção nos autos é que não é o fato da violência em si que parecia pesar, mas o fato de o homem em questão ser capaz ou não de cumprir seu papel de marido/homem no âmbito familiar.

Um caso interessante é o da viúva pernambucana Tereza de Sá que foi ao encontro de Amásio, seu esposo, em um comércio, onde se encontrava embriagado. A razão pela qual ela foi lá era saber se ele já havia recebido dinheiro, pois ela e os filhos estavam há três dias sem ter o que comer. Ao encontrá-lo, ela o questiona publicamente. Nos autos, testemunhas apontam tal fato como maus-tratos, como se a mulher tivesse ferido a honra de seu cônjuge. Ao chegar em casa, e com a discussão aflorada, ela acaba por esfaqueá-lo. Condenada à prisão, o promotor refere nos autos que o homem:

[...] Havia regressado a casa um tanto embriagado e começou a altercar com sua amásia, ora denunciada, e esta, longe de desculpar o excesso de linguagem de seu Amásio e evitar qualquer desacato, procurou ainda mais exacerbá-lo. (SOIBET, 1997, p. 376).

No caso dos pais de Petúnia, há de se considerar que, apesar das violências sofridas pela mãe, o pai enquanto homem se mantinha como o provedor e mantenedor da família cumprindo, assim, seu papel na instituição familiar. A própria Petúnia trará arraigada a si essa noção do homem bom, como aquele capaz de prover financeiramente o sustento dos filhos. Esse seria o bom pai. Ao olhar para sua história do ponto de partida de seu nascimento, Petúnia utiliza a narrativa de que: *“eu fui fruto dessa discórdia”*. Na narrativa de Petúnia, essa discórdia tem origem e antecede a ela:

[...] *minha mãe quando se casou com ele não era virgem, mas ela disse a ele que não era virgem, mas [...] ninguém sabia da família, porque tinha que ser moça antigamente pra se casar. E ele mesmo assim gostava dela e se casou. Com o tempo ele foi e ficou revoltado por conta disso. Pensamento muito atrasado, muito arcaico né? Aí foi que eu fiquei descobrindo a razão de tanto atrito, aí foi que ela me disse a razão de tanto atrito.* (PETÚNIA).

Petúnia assume a narrativa da mãe, em que esta possuía, de alguma forma, responsabilidade pelos acessos de raiva do marido. Este não conseguiria lidar com o

fato de ter dentro de casa uma mulher com quem ele não foi o primeiro e único homem de sua vida. De tal forma se configura a história de não ser virgem ao se casar, que gera a sensação de que a mãe de Petúnia deveria ser grata, posto que ele, “*mesmo assim*”, se casou com ela.

Já Petúnia relata a primeira experiência sexual como sendo até agradável, porém com repercussões decepcionantes. Segundo ela,

foi com um namorado, eu gostava muito dele, eu acho que eu tava com uns 18 pra 19 anos, e a gente naquele sarrinho, a gente não foi pra motel nem nada, não foi pra canto nenhum, foi num sábado de carnaval e a gente xumbregando¹⁶, sarrando e aí aconteceu na praia entendeu? Mas foi, assim... foi muito decepcionante, porque ele não quis ficar comigo. Depois que aconteceu ele se afastou, entendeu?

Segundo Petúnia, a família descobriu, conversou com o rapaz, mas não teve jeito, não ficaram juntos. Percebe-se a expectativa de ser este seu primeiro parceiro sexual, aquele que permaneceria com ela, tanto que não é o ato sexual que é narrado como decepcionante, mas o abandono que vem em seguida ou a não continuidade da relação. De tal modo esse primeiro parceiro sexual possui significação em sua vida que, durante as entrevistas, ela falava algumas vezes dos “sogros”, e pensávamos que se referia aos pais do homem com quem morou e teve um filho, mas não. Ela se referia aos pais desse rapaz.

Simone de Beauvoir diz, ao falar da perda da virgindade para a mulher: “A virgindade é tão valorizada em muitos meios que perdê-la fora do casamento legítimo parece um verdadeiro desastre” (2016, p. 132). Assim, a jovem que perde a virgindade pode se sentir “desonrada”.

Os pais de Petúnia são figuras centrais em sua jornada na vida. Conta afetuosamente que o pai não a discriminou ou a rejeitou quando descobriu que ela se prostituía. Talvez porque este sempre tenha de alguma forma percebido, ou por se tratar de uma atividade comum às camadas mais populares. Fato é que ela tentou esconder durante muito tempo de sua família, e sua mãe faleceu sem saber.

Petúnia, assim como Sida, não concluiu os estudos. Elas pararam no segundo ano do “científico”¹⁷ e no “ginásial”¹⁸, respectivamente. A necessidade de trabalhar foi

¹⁶ Termo popularmente utilizado para se referir a um tipo de chamego íntimo, manter relacionamento sexual.

¹⁷ Hoje, Ensino Médio.

¹⁸ Hoje, Ensino Fundamental II.

a tônica para essa decisão. Trabalhos geralmente associados à área fabril não eram bem remunerados.

Petúnia, desta maneira, assumia por vezes uma dupla jornada, que de certo modo sempre fez parte de sua história. Segundo ela, sempre buscou duas fontes de renda: uma na zona, mas sempre tendo algum trabalho formal, quer fosse em uma fábrica, como costureira, ou em bares.

Quando questionada sobre como se sentiu em seu primeiro programa, se ao chegar no lugar em que se prostituiria, se houve algum sentimento de não pertencer àquele lugar, alguma sensação de estranheza, sua resposta foi que não. É interessante notar que ela relata uma sensação de estranheza ao entrar em lojas, ao tentar conseguir empregos e outras situações do tipo, como se estes não fossem lugares para ela. Essa sensação, no entanto, não se repete na zona. Ela relata que a ideia do ato sexual com um desconhecido lhe causava estranheza, menciona que havia um papo curto para iniciar. Mas não há uma estranheza de sua parte com aquele ambiente, nem com o fato de se prostituir.

Tomando Engel (2004), é possível presumir que o não estranhamento está relacionado ao fato de quão comuns eram tais atividades nas esferas mais precarizadas da sociedade. Fernandes e Souza (2016, p. 109) dizem: “Na esfera individual de construção da identidade o negro, em uma sociedade racista, encontra-se à mercê das condições objetivas e do imaginário coletivamente construído com base em significações fixas negativas sobre o seu grupo étnico-racial”.

Esse imaginário acerca da mulher negra perpassa a história de corpos sempre à disposição. As negras da senzala eram outrora tidas como corpos disponíveis para a satisfação dos desejos sexuais de seus senhores e senhorzinhos. No sertão nordestino, por exemplo, no período da escravidão após a Lei do Ventre Livre, elas eram vistas como coisa, matéria pela qual se obteria mais escravos. Forçadas a constantes gestações, eram as garantidoras de novos escravos, separados delas e vendidos à revelia da lei (FALCI, 1997).

O sexismo e o racismo, atuando juntos, perpetuam uma iconografia de representação da negra que imprime na consciência cultural coletiva a ideia de que ela está nesse planeta principalmente pra servir aos outros. Desde a escravidão até hoje, o corpo da negra tem sido visto pelos ocidentais como o símbolo quintessencial de uma presença feminina 'natural', orgânica, mais próxima da natureza, animalística e primitiva. (HOOKS, 1995, p. 468).

Nesse imaginário perverso, “A reificação de que era objeto o africano escravizado e seus descendentes foi metamorfoseada, [...] em teorias racistas que tiveram por base aquilo que na época era considerado biologia científica” entre o fim do século XIX e início do séc. XX (FERNANDEZ; SOUZA, 2008. p. 105). Assim, Saffioti (1987, p. 29) destaca que: “negros e mulheres, assim como todas as categorias sociais discriminadas, de tanto ouvirem que são inferiores aos brancos e homens, passam a acreditar em sua própria inferioridade”.

Sida, por sua vez quando foi apresentada à prostituição por uma cliente de sua mãe que era costureira, ouvia, vez ou outra “poxa, Sida, tu é muito bonita”, insinuando que poderia se prostituir, e foi justamente uma dessas garotas que a levou para a prostituição. Segundo ela: “[...] eu fui muito humilhada, né? Quando eu tive minha filha, aí... [...] queria sustentar ela, eu fui e me dei bem [referindo-se à prostituição]”.

A humilhação que Sida sofre se acentua com o nascimento da filha, mas parece ter origem em acontecimentos que antecederam sua gravidez. Sida não tinha uma boa relação com seu pai, homem bruto que batia nos filhos: “[...] ele era super ignorante, um negão muito ignorante, eu era miudinha, minha mãe, eu puxei à minha mãe”. Ela relata que ele nunca bateu na mãe, pois, quando tentou os filhos o impediram. Sida possuía um pai violento e autoritário. Ela relata um momento decisivo de sua vida no qual, não suportando mais a lida com a figura paterna, sai de casa aos 16 anos:

Um dia [...] ele me chamou de [cachorra], ele queria que eu ficasse calada, só que eu não tava trabalhando, aí eu falei. Foi quando ele disse assim: “Tu é uma cachorra”, aí eu falei: “Sou cachorra por quê? Eu sou filha de um cachorro da tua qualidade”, aí ele quis me bater e eu corri e fui para casa das minhas colegas lá e fiquei chorando. [...] É melhor você chegar lá e me dar uma porrada na cara do que você, as palavras pra mim dói mais do que você me bater. Aí quando eu estava chorando ela falou assim: “olha, é, eu te levo para minha casa, bora simhora? Dormir lá na minha casa”. [...] “Eu te levo pra casa, vai, vou cuidar de você”. Eu chorando, e fui no impulso.

Sida frustrada pela relação que possuía com o pai, contando com surras com certa frequência, encontra em uma mulher lésbica o apoio para sair de casa. Segundo ela, essa mulher gostava dela. Ela relata que era virgem e se descreve como boba nessa fase da vida. Foi com esta mulher que a acolheu que teve sua primeira experiência sexual, seu primeiro relacionamento amoroso: “chegou lá, ela me tratou com tanto amor. A primeira gozada foi numa língua, a primeira gozada foi numa

siririca, que até hoje para eu dizer a você que eu sinto orgasmo em pênis é mentira, eu não sinto, não sinto”.

Mas, essa sua experiência amorosa é descrita como um fiasco:

Parece que era a pior coisa do mundo. [...] Fiquei com ela, morei com ela um bocado de tempo. Ela me tirou do emprego, só que ela era muito ciumenta. No início, e por nada, começou a me bater, lascou minha cabeça, tenho até hoje cicatriz na minha cabeça, tá entendendo? E minha mãe era [...] sempre foi louca por mim [...] e eu, duma hora que ela me deu livre acesso, que eu tive oportunidade de sair eu corri, sabia que meu pai e meus irmãos não estavam em casa e fui lá atrás da minha mãe. Minha mãe tinha um dinheiro e me botou para Garanhuns, eu passei 6 meses em Garanhuns na casa de parentes.

Sida precisou fugir da violência doméstica e recaiu em um relacionamento abusivo, o qual, segundo ela: *“[...] a mulher tinha ciúmes do ar, do vento, de tudo, aquela coisa, né? [...] Ela cortou o meu cabelo e pisou assim, botou na lama [...]”.* À diferença do relato de Petúnia, Sida que era o alvo das agressões.

Relações familiares marcadas por violência são apontadas em estudos como os de Nunes (2015) e Botelho e Ferriani (2004); como cenários recorrentes na história de prostitutas. Nesses estudos a violência se apresenta de diversas formas, sendo elas: violência racial, sexual, negligências e violência física. Sida, quando tem sua primeira relação amorosa com um homem e com ele perde a virgindade, revela uma expectativa semelhante à apresentada por Petúnia: permanecer com ele. *“Eu sonhava com o príncipe encantado, ele era meu príncipe, né? Só que o príncipe era [...] um sapo!”.*

Sida relata que iniciou a relação com o então futuro pai de sua filha após voltar de Garanhuns: *“[...] eu encontrei com o pai da minha filha, que era safado. Aí ele disse: ela já era saboeira¹⁹ mesmo, não tem valor de nada, eu agora vou né? E eu fui, eu fui, eu gostava dele, e engravidei”.* E se refere enquanto uma pessoa que “não tem valor de nada”, retomando a questão outrora apresentada por Soibet (1997), quanto à exigência da manutenção da pureza. Quanto ao seu pai, depois que soube de sua iniciação sexual, ela assera: *“não quis mais papo comigo”* (sic). E frisa: *“ele achava que eu tinha que me casar virgem”.*

Para Sida, além das repercussões, o ato em si também não foi bom. É algo que ela descreve como traumático: *“eu nem sabia, e quando foi com ele foi umas três vezes muito dolorido, doeu muito, saiu muito sangue”.* Segundo ela, essa experiência

¹⁹ Termo pejorativo utilizado para classificar mulheres lésbicas.

foi horrível: “[...] é uma coisa hoje que se [...] eu voltasse atrás, um tempo atrás [...] eu digo: ‘eu dou um chute pra bem longe’ foi a pior coisa do mundo”. Beauvoir (2016) anunciava a existência de marcas psíquicas referentes à perda da virgindade, principalmente quando tal experiência é negativa, capaz de causar adoecimentos.

Teorias como a de Cesare Lombroso (1835-1909), psiquiatra italiano conceituado na área da Criminologia, que sofreu forte influência do darwinismo, auxiliaram na concepção e propagação de um ideal de normalidade e naturalidade na conduta feminina. As mulheres desviantes dos parâmetros que compunham o ser mulher eram tidas como perigosas. Elas seriam as “criminosas natas”, as “prostitutas” ou as “loucas” que deveriam a todo custo ser afastadas do convívio social. (SOIBET, 1997, p. 363).

Sida, mulher, negra e classificada à época como lésbica, atribui à sua relação com outra mulher o fato de haver perdido o valor. Nas palavras dela:

naquela época, não tinha, não tinha esse negócio de lésbica [...] bi, não tinha nada. O negócio era saboeira, não tinha sapatão nem nada [...]. E quando acontecia nessa época, você perdia o valor de tudo, você perdia até sua identidade. Ninguém queria, tá entendendo?

Sida relata a perda da identidade, do lugar de alguém, de alguém digna de amor. Ela esperou, nos moldes da princesa que nos contos de fada é salva pelo príncipe, e parecia que ela esperava que esse homem pudesse resgatar-lhe, mas não foi isso o que ocorreu.

Há de se considerar que a homoafetividade foi, por muito tempo, considerada um desvio da sexualidade, um tipo de transtorno, sendo, inclusive, incluído no CID e no DSM e foi assim considerada pela OMS. Observa-se o quão recentes são as conquistas da população LGBTQIA+ no Brasil e no mundo, como informa o CFP:

Desde 1974, a American Psychological Association (APA) se opôs ao estigma, ao preconceito, à discriminação e à violência com base na orientação sexual e assumiu um papel de liderança no apoio à igualdade de direitos das pessoas lésbicas, gays e bissexuais (APA, 2005). Em 1990, a Organização Mundial de Saúde tirou homossexualidade do seu rol de doenças ou transtornos. Desde 1973 a homossexualidade deixou de ser classificada como perversão ou distúrbio pela Associação Americana de Psiquiatria. Em 1975, a Associação Americana de Psicologia adotou o mesmo procedimento, deixando de considerar a homossexualidade uma doença. No Brasil, em 1984, a Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP) posicionou-se contra a discriminação e considerou a homossexualidade como algo não prejudicial à sociedade. Em 1985, a ABP foi seguida pelo Conselho Federal de Psicologia, que deixou de considerar a homossexualidade um desvio sexual e, em 1999, estabeleceu regras para a

atuação dos psicólogos em relação às questões de orientação sexual, declarando que “a homossexualidade não constitui doença, nem distúrbio e nem perversão”. (CFP, 2020).

Sida e Petúnia, cada uma a seu modo, demarcam um lugar de exclusão, de negação, uma mais marcadamente narrada pela negritude, outra pela desvalia atribuída a condutas homoafetivas. As duas com uma infância marcada por dificuldade de recursos, pela busca de dinheiro como forma de melhoria de vida. Para Sida, talvez essa realidade fosse mais acentuada, posto que os pais não tinham fontes de renda asseguradas. A mãe, como já afirmado, era costureira; seu pai, mestre de obras.

Ao ser questionada sobre como era a relação de seus pais, Sida responde:

Eu nem entendo muito aquilo. Eu sei que meu pai era ruim de dar dinheiro dentro de casa, que minha mãe que trabalhava. Porque assim, na época pra gente estudar tinha que comprar bolso, o bolso era comprado, as saias tinham que ser tropical, assim, tinha que ser de coisinha, era minha mãe que fazia pra gente e minha mãe nunca estudou corte e costura, mas ela sabia. Aí ela plissava tudinho, era saia plissada, sapato congá e meia branca tudo era comprado, minha mãe é que comprava, meu pai disse que a gente não precisava estudar não, que ele nunca estudou e tinha a profissão dele e ganhava o dinheiro dele então a gente não precisava de estudo não. Mas, minha mãe ela que quis que a gente estudasse, meus irmãos do meio morreram e não aprenderam a ler, aprenderam muito mal a fazer o nome deles. Mas, eu sabia, eu gostava de ler, eu ia pra feira com a minha mãe e ela comprava gibi quando eu era pequena.

A mãe de Sida é a maior provedora da casa, fato que é até hoje bastante comum nas camadas sociais com baixo poder aquisitivo. A saber, o último estudo realizado ²⁰ pelo IPEA²¹ (2011, p.19) aponta que entre os anos 1995 e 2009 “a proporção de mulheres chefes de família aumentou mais de 10 pontos percentuais (p.p.). Esta proporção passou de 22,9%, em 1995, para 35,2% no ano de 2009. Isto significa que temos 21,7 milhões de famílias chefiadas por mulheres”.

Segundo Sida, por seu pai os filhos não estudariam. A mãe é que insistia na educação e alfabetização dos filhos. Sida realizou seus estudos do primeiro e segundo ginásial em uma escola pública, à época conduzida por freiras. Petúnia, por sua vez, classifica seu pai como semianalfabeto e conta ter tido professoras particulares na infância, indo à educação pública posteriormente.

²⁰ Os estudos de pesquisa no âmbito nacional geralmente com janelas de anos de diferença. O último grande estudo realizado ocorreu em entre os anos de 2009 e 2010, e foram divulgados os resultados em 2011. O próximo estudo seria realizado no presente ano de 2020, porém foi adiado, devido à pandemia de COVID-19.

²¹ Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada.

Petúnia e Sida são apresentadas a uma realidade de mundo na qual suas condições de existência são atravessadas pela precariedade e, embora Petúnia possua alguns privilégios em comparação à realidade de Sida, é possível constatar em ambas que seus modos de estar no mundo são precarizados. Segundo Butler (2018, p. 40): “Afirmar que a vida é precária é afirmar que a possibilidade de sua manutenção depende, fundamentalmente, das condições sociais e políticas, e não somente de um impulso interno para viver”.

Assim, a precariedade se configura como algo que não é inerente ao ser humano, diferentemente da condição de vulnerabilidade usada por Butler (2018), que denota algo que faz parte da condição de sermos humanos. Deste modo, é possível compreender com a autora que enquanto seres humanos, desprovidos de tudo ao nascer, somos vulneráveis a todas as intempéries do mundo natural, dependemos completamente das condições do mundo para assegurar nossa sobrevivência e essas condições podem nos apresentar ao mundo enquanto seres em condição precária.

Nós não nascemos primeiro e em seguida nos tornamos precários; a precariedade é coincidente com o próprio nascimento (o nascimento é por definição, precário), o que quer dizer que o fato de uma criança sobreviver ou não é importante, e que sua sobrevivência depende do que poderíamos chamar de uma “rede social de ajuda”. É exatamente porque um ser vivo pode morrer que é necessário cuidar dele para que possa viver. (BUTLER, 2018, p. 32).

Destarte, as histórias de início de Sida e Petúnia são fundamentalmente marcadas por violência, rejeição, humilhação e exclusão e dois marcadores sociais²² as acompanham: “mulher” e “negra”. São essas as marcas que dão início ao caminho que as apresentou à prostituição, marcas de vidas precarizadas.

Para Fernandes e Souza (2016, p. 106), os marcadores sociais “estabelecem limites através dos quais os sujeitos constroem suas identidades, incidindo assim na sua produção”. Esta identidade, ou ‘Eu’, se manifesta por meio da percepção ou constatação do diferente. Arendt (2015, p. 62) dirá que: “A presença de outros que veem o que vemos e ouvem o que ouvimos garante-nos a realidade do mundo e de nós mesmos”. Fanon (2008, p. 16) questiona: “O que acontece quando os outros não nos oferecem reconhecimento?”. Segundo Fernandes e Souza (2016), resulta no

²² Marcas produtoras de diferenciação social, que estabelecem lugares distintos para os sujeitos dentro da estrutura social (FERNANDES; SOUZA, 2016, p. 106).

aprisionamento, em uma “alteridade forjada” que se estabelece por meio da categorização.

Sida e Petúnia, cada uma a seu modo, tiveram as portas fechadas em vários momentos e de diversas formas e, justo aí, parece que a prostituição se apresentou para elas. Diz o dito popular “Quando Deus²³ fecha uma porta abre uma janela” e é partindo dessa noção que se compreende a abertura da possibilidade da prostituição na vida das nossas participantes da pesquisa. É possível captar que a prostituição surge como uma grande janela, em um mundo que constantemente se apresentou como porta fechada. Essa janela não é aberta, aparentemente sempre esteve aberta. Não estamos, porém, pretendendo dizer, que a prostituição fora seu único caminho, mas, que essa janela em certa medida sempre esteve aberta como uma outra possibilidade de saída em histórias marcadas por conflitos parentais, violências, falta de oportunidades, dificuldades financeiras e racismo.

Quando Petúnia aponta para a falta de estranheza ao ambiente da prostituição ou sobre a reação de seu pai ao descobrir que se prostituía, pensamos que esta janela não parece sequer estranha, como se houvesse uma certa naturalidade nela. E retomando a história das mulheres precarizadas socialmente, é fácil compreender que a prostituição aparece como uma possibilidade de sustento, assim como ser faxineira, vendedora ou lavadeira.

Nesse intento, a prostituição surge como outro caminho que promete independência financeira e até, de certa forma, liberdade em contraponto à realidade conhecida como “o lugar da mulher”. A prostituição emerge como a possibilidade de mudança de vida, ou mesmo como uma promessa de rompimento com a destinação do “ser mulher, negra e pobre”.

²³ “Deus” aqui compreendido não como uma divindade, mas como aquilo que está para além do indivíduo, como as condições que compõem o cenário do vivido.



“O sonho da prostituta”, de Cícero Dias (1930).

4. BATALHAR

Iniciamos este capítulo nos debruçando sobre a constelação de significados, que intitulamos “*Batalhar*”. “Ir à batalha” é uma expressão que as participantes da pesquisa usam e que prostitutas utilizam nos dias de hoje, como consta no trabalho de Nunes (2015), para designar o lugar da prostituição. Mas batalhar enquanto verbo, linguisticamente definido como termo de ação, parece nos apontar para mais que isso. No caso de Sida e Petúnia, não nos parece que se referem apenas à ida à zona, mas ao próprio desenrolar das vidas delas. Como aponta Petúnia: “*nada pra mim veio de graça, foi uma batalha cruel.*”

No livro “*O genocídio do negro no Brasil*” o autor, Abdias Nascimento (2016), aponta a diferença existente na constituição do racismo entre as Américas. Segundo ele, existe algo próprio do Brasil na formação de sua história racial. Tal fato perpassa desde a própria geografia brasileira até o estabelecimento do mito da “democracia racial”.²⁴

É sabido com Nascimento (2016, p. 1110) que: “No que toca ao Brasil[,] [...] o comércio escravo foi facilitado pela proximidade das costas brasileira e da África, e isto reduzia o preço das ‘peças’ importadas”. Assim, esse autor pontua que a desvalia do negro escravizado no Brasil era muito maior que a do negro norte-americano. Um negro no Brasil, por exemplo, em caso de adoecimento ou morte era tão facilmente substituído que não valia a pena investir em sua saúde e explorava-se o negro até todos os seus limites. Para o autor, as “peças” masculinas valiam muito mais porque sua utilidade estava vinculada à força de trabalho e ao aumento da produção de seus donos. O valor das escravas mulheres estava relacionado às suas capacidades reprodutivas.

As diferenças na constituição das nações brasileira e estadunidense não nos impedem de compreender um sofrimento racial comum aos povos, mas parecem nos pedir uma especificidade ao olharmos para o Brasil a fim de compreendê-lo. Destarte, tais discussões acerca das características distintas²⁵ da história de constituição do povo brasileiro nos levam a pensar que quando paramos para compreender, por

²⁴ Crença de que no Brasil os pretos são possuidores dos mesmos direitos e têm o mesmo poder de acesso social que qualquer branco. Noção denominada de “mito” por Nascimento (2016) e Gonzales (1984).

²⁵ Um exemplo é o quantitativo populacional. Enquanto no Brasil pretos e pardos somam em torno de 55% da população, nos EUA eles correspondem a aproximadamente 13% da população norte-americana.

exemplo, a história da prostituição de mulheres negras no Brasil incorremos sobre a experiência de uma prostituição, digamos, à brasileira.

No Brasil, a negritude não é apenas desvalorizada, é também associada a coisas ruins²⁶: o corpo mestiço, “mulato”²⁷ passa a ser sexualizado, como aponta Gonzales (1984). É o corpo mulato, mais precisamente a mulata²⁸, que vai se constituindo enquanto objeto de desejo masculino e representação da mulher brasileira. A “mulata”, segundo Nascimento (2016, p. 1198), é um fato social que, expresso pelo dito popular “branca pra casar, negra pra trabalhar e mulata pra fornicar”, aponta “o reconhecimento geral do povo de que a raça negra foi prostituída, e prostituição de baixo preço. Já que a existência da mulata significa o ‘produto’ do prévio estupro da mulher africana”.

O corpo da mulher negra é o corpo que foi historicamente prostituído no Brasil, como aponta Nascimento (2016), e a prostituição é uma realidade bastante familiar ao povo brasileiro. Ela está presente tanto em canções como “Folhetim”, de Chico Buarque de Holanda lançada em 1978, quanto em poesias como “A puta” de Carlos Drummond Andrade e a “Balada do mangue” de Vinícius de Moraes, fazendo-se presente também em expressões populares como “filho da puta” ou “vá pra puta que o pariu”. Parece que a prostituição costuma ser ora romantizada, ora demonizada pela sociedade.

No Brasil, a prostituição surge da exploração sexual e talvez, por essa questão, até hoje os dois termos se confundam. Não é estranho traçar uma pesquisa sobre prostituição no Google e esta oferecer como resposta trabalhos sobre “prostituição infantil”, tráfico de mulheres para fins de “prostituição” e exploração sexual. Assim, torna-se importante abrir um parêntese para salientar que, quando se fala em prostituição, refere-se a pessoas adultas que vão se prostituir, e, embora haja discussão sobre uma dita “escolha” – que é quase “pré-escolhida”, se forem

<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/bbc/2020/06/04/em-seis-areas-a-desigualdade-racial-no-brasil-e-nos-eua.htm>

²⁶ O dicionário Michaelis aponta como adjetivo para “negro”: 1. Que tem a cor mais escura de todas, como o piche e o carvão. 2 Que se refere a pessoa de etnia negra. 3 Que não tem luz; completamente escuro e sombrio. 4 Que está encardido; preto: As chaminés ficaram negras com a fumaça. 5 Que é triste ou lúgubre: Vi uma capela negra ao longe.6 Que anuncia infortúnios; nefasto: Futuro negro. 7 Que inspira medo ou pavor; tenebroso: Durante o ataque aéreo, viveram um dia negro.8 Que revela crueldade ou sordidez; perverso: Seus feitos negros assustavam toda a comunidade.9 Que absorve toda luz que nele incide: Corpo negro.

²⁷ Termo pejorativo que faz menção ao fruto gerado do cruzamento de duas espécies, como no caso da mula.

observadas as histórias de muitas mulheres – não há evidências de coerção clara ou imposição violenta para a realização do ato de se prostituir (MATTOS, 2009).

Na carta de princípios da Rede Brasileira de Prostitutas os dois primeiros itens falam sobre o que a Rede considera como prostituição e a que se posicionam contra, a saber: “A Rede considera a prostituição uma profissão, desde que exercida por maiores de 18 anos” e “A Rede é contra a exploração sexual comercial de crianças e adolescentes, em consonância com a legislação brasileira” (RBP, 2020).

Feito esse parêntese para elencar o que se considera prostituição pela RBP, voltemos ao que tange essa história. No Brasil, a exploração sexual vem de longa data entre as classes mais desafortunadas da população, mas é com a chegada das mulheres europeias que se instaura no país outro padrão de prostituição: os bordéis. Tal fato se intensifica com o aumento demográfico, massivo, ocasionado pela imigração que, dentre os povos, destaca-se a italiana. Segundo Afonso (2014), instaura-se em São Paulo, entre o fim do séc. XIX e início do séc. XX, e no Rio de Janeiro, em 1930, as regiões de meretrício, compostas majoritariamente por estrangeiras.

Como aponta Roberts (1998), observa-se, mais uma vez, a relação entre a pobreza, baixos padrões de vida e a prostituição. Os bordéis, segundo Afonso (2014), eram bem vistos até meados dos anos 50, tanto por solteiros quanto por casados, e se constituía como um local de sociabilização dos homens. Na mesma medida, entretanto, a prostituição de rua passava a ser empurrada para outras regiões da cidade, marginalizada. Essa era a forma de prostituição denominada de baixo meretrício.

É notório que, se observada a tendência expressa na explanação de Afonso (2014) – e embora a autora não aborde a questão racial –, a baixa prostituição, a de menos valia, relegada aos espaços periféricos, é composta por mulheres negras e “mulatas”. Enquanto isso, a mulher branca europeia, “valorizada” e desejada é aquela que compõe o espaço dos famosos, quando não luxuosos cabarés de São Paulo e Rio de Janeiro.

Não é necessário ir longe, pois a teledramaturgia brasileira se encarrega de ilustrar e fixar a imagem²⁹ das mulheres que compunham os luxuosos cabarés. A ficção, porém, a depender do centro urbano e do grupo social, em muito se distanciava

²⁹ Imagens de novelas brasileiras disponíveis em anexo. Imagens: cenas da teledramaturgia.

da realidade. No livro da autora Amara Lúcia (1984), embora haja sérias questões metodológicas³⁰ com relação à sua “pesquisa”, é apresentado um retrato da prostituição no Recife na década de 1980 – precisamente, 1981 –. A autora aponta que na antiga Av. Rio Branco, local do antigo Porto do Recife, era onde fortemente se exercia o meretrício na cidade, que, então, continha grande número de cabarés. Lúcia (1984) descreve que apesar da ausência de cuidados com a saúde, as condições dos cabarés eram um pouco melhores para as prostitutas, visto que estas recebiam comida e bebida nesses locais.

[...] quando dá uma hora da manhã, dão um prato de macarronada com dois ovos e queijo [...] e doses para beber até certa hora. O sistema de cabaré é incrível, é um cardápio até variado, nesse ponto. No outro dia já é um prato de sopa com verduras e tudo, suculento. Quer dizer que aí a mulher não está passando fome: prato de sopa e 2 pães. E já transou com alguém e está com dinheiro no bolso, mas chega ao ponto e ela começa a se iludir e achar que aquilo é bom. (LÚCIA, 1984, p. 16-17).

Sida e Petúnia não se iniciaram na prostituição na Av. Rio Branco, mas descrevem momentos em que se prostituíam por aquela área que, embora não fosse a mais nobre, ainda era melhor em condições sanitárias que os bordéis do centro do Recife, segundo relata Lúcia (1984) ao descrever as condições dos locais de prostituição no Recife. Sida e Petúnia iniciaram respectivamente no bar Capim Verde, situado nas proximidades da Iputinga, Zona Norte do Recife, e em Boa Viagem, Zona Sul.

Sabe-se, segundo os relatos de Petúnia, que dinheiro, a prostituição trouxe, pois, segundo ela, no início da prostituição, chegava a tirar em um dia o valor de um salário. Ela nos revela que os clientes eram muitos e pagavam bem, fato que aparentemente tende a diminuir com o passar dos anos, como apontam as pesquisas de Mattos (2009) e Nunes (2015). Petúnia explica que a prostituição no Recife é demarcada por territórios e esses territórios, por assim dizer, quanto mais “nobres” tendem a ter clientes com maior poder aquisitivo, que conseqüentemente pagam mais, e possuem um público de prostitutas mais jovem. Nas palavras dela:

³⁰ Iniciou uma “pesquisa” com a proposta de observar e falar sobre a realidade das prostitutas nas zonas de meretrício, mas terminou não se aproximando delas e se prostituindo. No livro ela fala de sua experiência com a prostituição, mas a partir de uma generalização de que esta seria a realidade das mulheres que lá se encontram, ignorando completamente o local outro a que se encontra e parte para início na prostituição.

na prostituição que é lá em Boa Viagem, no Sampa que é na Av. Conselheiro Aguiar [...] os clientes são políticos, comerciários, estudantes, médicos, advogados. Aí você vai descendo pro centro, aí é camelô, pessoal que trabalha em loja, poder acessível [aquisitivo] mais baixo [...] você vê, tem duas praças no centro do Recife que são de prostituição: é a Praça do Diário e a Praça Joaquim Nabuco. O cliente que frequenta o Diário é um tipo e quem frequenta a Joaquim Nabuco é outro e é bem pertinho uma da outra. Em Boa Viagem as prostitutas são mais novas entendeu? Mais bem trajadas, mais bonitas.

Em vários momentos Petúnia aponta que a juventude é a grande moeda de valor que o corpo feminino possui. Segundo ela: *“Porque o cliente não está procurando intelectualidade, ele está procurando um perfil de uma mulher gostosa, novinha.”* Assim, para as jovens parece haver uma gama de possibilidades de lugares para início na prostituição, como bares, clubes, boates, e, na medida em que envelhecem, mais ao centro da cidade se encontram, ou em ambientes mais inóspitos, como em ruas onde disputam lugar com o tráfico de drogas.

No relato das participantes da pesquisa a prostituição vai mostrando suas facetas. Uma delas a objetificação do corpo feminino e sua validade enquanto objeto de desejo. Assim, é comum que essas mulheres recebam mais no início de suas carreiras. Quanto mais jovens forem e a medida que envelhecem, o valor dos programas vai diminuindo, do mesmo modo que o poder aquisitivo do público que as procura. Segundo Petúnia, *“prostituição é sinônimo de beleza e de juventude. [...] [O]s homens já têm as ‘mulé’ deles ‘velha’ em casa, vai pagar pra comer mulher velha na rua?”*

Petúnia e Sida iniciaram relativamente jovens na prostituição, na faixa dos 20 anos. As duas relatam que suas primeiras experiências com a prostituição foram positivas. Elas contam como foram seus primeiros programas e, como mencionado anteriormente, dinheiro, a prostituição trouxe. Mas, além do dinheiro que elas conseguiram com o primeiro programa, um fato relevante aparece nos dois relatos: os homens não foram rudes, violentos ou as decepcionaram, ao contrário das experiências amorosas que tiveram antes da prostituição. Esses homens, apareceram como figuras sedutoras, encantadoras.

[...] meu primeiro cliente, ele saiu comigo, aí ele disse: é a primeira vez que você faz programa? Aí eu disse: é! Por que você não deixa de fazer? Isso não é vida pra você, você é uma mulher inteligente. Todos eles vêm com essa história, aí me pagou mais do que eu cobre. Disse: eu levo você em casa. Aí eu já queria vir mesmo... primeira vez eu só fiz uma, aí ele me colocou no carro e trouxe em casa, um trabalhão, apertou o cinto aí vim. (PETÚNIA).

Como Petúnia coloca, os homens aparecem com discursos prontos para elas sobre deixarem de se prostituir, ao passo que se utilizam dos serviços da prostituição. Alguns podem até pagar a mais pela primeira experiência sexual das mulheres na prostituição. Compreendemos tal ação como uma forma de investimento. Assim, eles se tornam os iniciadores da mulher que está ali pela primeira vez na zona. No relato de Sida, ela aponta que alguns homens são capazes de recordar, até anos depois, de uma mulher a quem iniciou. Ela conta sua experiência no relato abaixo:

[...] um certo tempo, não sei se te falei, eu o encontrei e ele falou – ele que me conheceu, eu não conheci ele na cidade – “Sida, tudo bom?” E eu: “eu te conheço de onde?”. “Te lembra de Thiago não, de Surubim? Num sei o quê...” “Oxe Thiago?...” “Tu tá esquecida do homem que tirou teu cabaço?”

A referência do cabaço³¹, ao iniciar na prostituição, parece vir associada a um regozijo como o primeiro homem daquela mulher. Segundo Simone de Beauvoir: “Para o amante, o ato amoroso é, pois, conquista e vitória”. Assim, ser o homem que iniciou uma mulher na prostituição seria semelhante ao homem que investindo em uma jovem conquista reivindica para si sua virgindade. A autora aponta a presença de um discurso masculino, um “vocabulário erótico”, que se assemelha a um vocábulo militar. Ele é o que possui, assalta, toma. Desta forma, a autora assera: “Há em seu ato sexual um sabor de heroísmo.” (BEAUVOIR, 2016, P. 127).

No caso de Sida houve um investimento por parte do homem, que durou três dias. Sida relata que, apesar da idade e de já ter tido relações sexuais anteriores à prostituição, era uma jovem boba. Ela temia ser machucada, referência de pensamento que podemos atribuir tanto a seu desconhecimento acerca de sua sexualidade quanto ao fato de suas experiências sexuais anteriores terem sido traumáticas. Levada para se prostituir por uma conhecida, ela diz:

[...] me lembro até hoje... encontrei ele [...] bem mais velho que eu, aquele homem bem grande. Eu pensava esse homem vai me estuprar, minha filha foi cesariana [...] Aí quando eu conheci ele, era aquele homem que ela me apresentou: “Thiago, eu trouxe essa menina pra tu”. Ele tinha boi, aquele babado todo. Ele gostou de mim desde lá, só que ele era muito grande. [...] eu tinha medo, eu passei muito tempo sem homem. Eu..., desde os três meses até assim, três meses da minha filha nascida, quatro meses, eu não tive relações com ninguém. E outra coisa, eu não conhecia muito, apesar de eu conhecer as meninas, conhecer as prostitutas, mas eu na época, eu era meio boba em relação a isso e não sabia, não entendia muito assim de pênis, dessas coisas né? De penetração, essas coisas... aí eu pensava que por ele

³¹ “Retirar o cabaço” é um termo usado em algumas regiões do nordeste para se referir a perda da virgindade.

ser alto poderia ter um pênis avantajado, que ia me machucar como ele era grande essas coisas.

Thiago a seduziu durante três dias, lhe pagava bebida e comida no bar, conversava com ela, assegurava que tudo ficaria bem, investiu nela até convencê-la a realizar o programa ao qual foi levada para fazer. Nesses três dias Sida relata não ter pensado em desistir, em voltar atrás. Ao contrário, relata ter se sentido motivada. Segundo ela: *“Eu pensei em persistir. Sabe por quê? Eu achei, eu gostei muito, porque na época era o glamour, a luz negra, aquilo me fascinava, era um mundo que queria conhecer. Tá entendendo?”*

A autora Adriana Piscitelli (2011, p. 542), ao tratar da realidade de mulheres de camadas sociais menos favorecidas que se prostituíam em uma região de turismo sexual na cidade de Fortaleza – CE, aponta que ao estarem nos bares, em meio aos “gringos”, essas mulheres tinham como que uma “chave” para que “ascendessem aos espaços de lazer das camadas mais altas, a passeios, diversão, presentes, vestidos caros, perfumes, salões de cabeleireiro e as almejadas viagens para o exterior”. Assim, pode-se compreender que a fala de Sida não se trata de um mero encantamento ou fascínio, mas de uma possibilidade de ascensão – talvez a única vislumbrada – à uma realidade desejada.

As pessoas, o meio, a forma que as relações se davam, o tratamento que recebera, até então desconhecido, parecem ser os motivadores de seu anseio por persistir. É possível também perceber na fala de Sida um aparente afeto pelo homem que lhe pagou o primeiro programa. Ela relata ter se sentido desejada, querida:

Ele foi que ensinou as coisas da vida... conversou comigo, aquela coisa: conversa. [...] E ele falou assim: “falou que não era aquilo, que eu não devia ser assim, que eu era uma mulher bonita. Começou a comprar roupas para mim. Tá entendendo? Achou que aquelas roupas que eu usava eram brega e dizia “Sida vamos comigo comprar roupa pra você”, ‘eu vou, bora!’ Ele que me ensinou.

Ela detalha o que ocorreu na sequência dos dias:

[...] Quero não, quero não! Aí ele: “por que não?” aí eu contei a ele tudinho. Ele: “Você não vai sair com homem nenhum aqui. Eu vou lhe dar dinheiro, quando você resolver sair, o homem vai ser eu”. E ele me deu dinheiro, me pagou! No outro dia, ‘amanhã você vem. Amanhã eu fico’. A mesma coisa. No terceiro dia: “você tem medo de quê?”. Eu não conseguia falar, abestalhada, hoje eu sou diferente, né? Hoje eu sei me articular, sei falar, tudo! Aí eu: ‘eu tenho muito medo, porque tu é muito grande. E daí? tu vai me machucar!’. Ele: “não, é o contrário, você vai ver. Bora?”. E esse foi o que me tratou, o melhor homem do mundo. Dava coisas aos meus filhos, [...] foi meu cliente por muitos anos. Não se incomodava se eu estivesse com A ou

com B, se eu estivesse com alguém ele me esperava, me pagava direito, me idolatrava. E ele ficou dizendo assim: “eu fui o homem que tirei teu cabaço”.

Sida fala de amor na prostituição. Para ela, ela foi amada por muitos homens: *“Depois que eu estou na prostituição eu tive muito homem, eu fui muito amada, sou amada ainda hoje, ainda hoje.”* Porém, quando questionada acerca do que ela chamava de amor naquele momento, ela diz:

- Amor é assim: Amor e ser amada é o quê? É você ser acariciada, se adorar, assim e eu dizia: ‘Poxa! Por que eu não te conheci antes, hein? Eu queria ter te conhecido antes... tu é meu bibelô, te botar no braço, te encher de carinho, te dar cheiro’, poxa! Coisa que eu não tive, tá entendendo? É aquela coisa, se sentir e ser amada
- É se sentir querida, na verdade, né?
- É!

Piscitelli (2011) aponta em seu estudo que os relacionamentos estabelecidos no campo da prostituição entre garotas de programa e clientes “estão mediados por desejos diversificados, em termos materiais, sexuais e afetivos” (PISCITELLI, 2011, p. 539), não sendo apenas a questão econômica o que atrai as mulheres e configura o vínculo com a prostituição, mas uma gama de relações e acontecimentos imbricados uns nos outros.

Os afetos presentes nesse cenário também parecem mistos e complexos. Segundo Faraco e Moreira (2017, p. 290), por exemplo, “[...] a mulher seria capaz de se sentir valorizada não apenas pelo retorno financeiro, mas por se sentir requisitada e importante para a satisfação sexual”. Talvez por essa razão seja possível perceber uma certa romantização na questão da prostituição na fala de Sida, posto que o homem com quem relata ter se prostituído pela primeira vez, além de ter sido gentil – segundo ela –, foi o primeiro que a *“tratou [bem], o melhor homem do mundo”*, também foi aquele que a desejou por três dias, esperando apenas ela.

A romantização da prostituição não é um fato estranho. Trevizani (2020) aponta que tal comportamento pode ser proveniente de uma construção cultural notadamente percebida na “sétima arte” e difundida até o século XXI. Para a autora, um marco representativo se apresenta no filme *“Pretty Woman”* (“Uma linda mulher”) de 1990. Neste enredo, a mulher bela e pobre tem sua vida alcançada pelo amor, que aparece como um verdadeiro príncipe encantado, salvando-a da pobreza e a resgatando da prostituição. O romance imbuído do estereótipo da prostituta vitimizada que é resgatada fez grande sucesso na década de noventa.

O glamour da prostituição aparece como uma promessa inatingível para boa parte das garotas de programa, em especial as mais pobres. Embora presente no relato de Sida, esse glamour que faz referência a uma perspectiva inicial de sua vivência com a prostituição vai se perdendo em sua narrativa, à medida que esta avança na descrição da experiência da prostituição.

Com relação a como lidam com a prostituição, as falas de Petúnia e Sida aparentemente diferem, pois para Petúnia o amor, o afeto, está restrito às relações amorosas, aos parceiros da vida como os namorados³², pessoas com quem se relaciona sem ser paga para isso. Já para Sida, em sua fala acaba por nomear de amor e cuidado situações vividas durante os programas.

Para Petúnia não há romance na prostituição, há um trabalho. Durante a entrevista, quando questionada se em algum momento havia parado para pensar: “O que é que eu estou fazendo aqui?” [referindo-se ao quarto no momento de iniciar um programa], ela respondeu que não havia tempo para pensar. Sua preocupação era o dinheiro que iria ganhar e as contas que teria para pagar. Essa preocupação é tamanha que, em dado momento, Petúnia diz:

se tu tá em casa, tá faltando as coisas, tu quer comprar uma coisa pra tu, tu quer comprar qualquer coisa, tá naquela pressão na tua cabeça, tu não vai gozar nem com teu marido, né? Como é que tu vai gozar com um homem que nunca conheceu? Mas se tu tá relaxada, se o cara vai pagar um programa legal, sabe que vai fazer aquele programa, vai suprir tuas necessidades, aí às vezes até acontece de tu gozar, não é normal, é mais normal com o nosso namorado, mas acontece.

Perceba-se que Petúnia não anula a possibilidade de gozar durante o ato sexual com um cliente, embora diga que tal fato é mais comum nas relações amorosas e não profissionais. Ela descreve a possibilidade de gozar enquanto se prostitui de forma técnica e enfatiza sobre as prostitutas que é “claro que goza, que ela goza no grilo³³, se o cara tocasse, tivesse um clima legal, ela relaxa e goza.” Para Petúnia, as condições de trabalho parecem claras, ao menos em discurso, as coisas não se confundem. Segundo ela, sequer alguns namorados sabiam que ela se prostituía.

Para Sida, essa separação não é tão evidente, ao menos em discurso. Assim, ela mesma narra um relacionamento no qual o seu companheiro não só sabia que ela se prostituía, mas também contava o tempo dos seus programas. Esse companheiro

³² Homens e mulheres.

³³ Termo popular que faz referência ao clítoris.

com quem passou cinco anos a conheceu na boate, sabia com o que ela trabalhava e durante a relação mostrou-se, segundo ela, extremamente ciumento e controlador.

Relações conflituosas, problemáticas e violentas fizeram parte da narrativa de vida das nossas participantes, seja no campo da vida pessoal, seja na prostituição. Certo é que, segundo Petúnia, amores e paixões são histórias que parecem não faltar na vida de uma prostituta. Como ela mesma diz: *“arrumei uns namorados e a gente arruma uns namorados da vida, me apaixonei...”*.

Das suas paixões Petúnia fala com gosto. Narra uma vida de aventuras e entregas. Vida esta que apenas dividiu em coabitação com uma pessoa, o pai de seu filho, Antônio, que parece ter sido a grande entrega de sua vida: *“ele era branco, mas ... era não, ele é, que ele ainda é vivo, dos olhos azuis, descendente de alemão e tal”*. Com Antônio ela não apenas larga a prostituição, como assume o lugar que outrora assegurava não querer pertencer, o lugar da mulher que vive “dependente” ou em prol de um homem.

Nesse relacionamento Petúnia revive uma marca antiga, a marca da segregação racial, mulher negra. Ela narra pela primeira vez a percepção do racismo em uma relação amorosa:

*[...] uma mulher olhou pra mim e pra ele e disse: **black no white**. Que é branco no preto né? E eu não sabia, eu não sabia inglês, e nem sei. Aí ele olhou pra mim assim e não disse nada, que ele era muito educado, aí disse: você entendeu o que ela falou? Eu disse não, aí ele fez, ela falou em inglês: **black no white, branco no preto**. Quer dizer, uma forma de discriminação, né? Porque é muito fácil se ver um homem negro com uma mulher branca, mas um homem branco com uma mulher negra na época era difícil.*

Esse, no entanto, não foi o único episódio em que o racismo se revelou no seu relacionamento. O mais difícil, porém, segundo ela, foi o que sentiu na fala do próprio companheiro:

[...] a gente morava junto, a gente viajou, passamos seis meses fora, na Bahia, entendeu? Ele trabalhando e eu como dona de casa, aí foi que a gente voltou para aqui, inclusive tem uma coisa que eu acredito que marca muito essa história do racismo na minha vida: que ele é loiro, né? [...] E quando a gente chegou em Sergipe que a gente veio de ônibus, aí parou pra tomar café, [...] aí ele conversando comigo, ele disse que ele tava comigo que era das vacas magras. Porque quando eu conheci ele, ele tava desempregado, tava em uma situação ruim e eu ajudei ele a estudar, entendeu? Eu ia matricular ele pra ele concluir os estudos e tal. Aí ele disse pra mim: Eu tô com você, porque você é do tempo das vacas magras, porque se fosse desse tempo agora, eu jamais queria uma mulher de cor, nem que ela fosse no mínimo universitária.

Esse fato, Petúnia nomeia como “*a grande decepção*”, porém não suficiente para se separarem. Segundo ela, havia deixado muito por ele, feito muito. Até mesmo seu filho, então, com apenas três meses de idade, ela o deixou com parentes para poder “cuidar” do então esposo, que havia conseguido um trabalho em outro estado. Nesse sentido, é interessante observar uma tendência na narrativa de Sida e Petúnia. As duas, em dado momento, aparentemente, quando a relação assume um compromisso ou comprometimento maior, parecem ter se afastado da prostituição.

Porém, não é apenas um afastamento da zona que chama a atenção, mas a tentativa de agradar os homens que possuíam do lado. Talvez até nesse sentido em detrimento, por vezes, de suas vontades. Petúnia, por exemplo, se afastou da zona enquanto conviveu com o pai de seu filho; já Sida, abriu mão do trabalho e da possibilidade de outra forma de sustento por solicitação do homem com quem estava no momento.

Só que ele como trabalhava de noite e queria eu de dia em casa, como ele passava a noite fora e eu passava a tarde ensinando, tá entendendo? Aí ele queria que pelo menos de manhã eu tivesse tempo pra ele e na época como eu estava apaixonada e era... não tinha o pensamento que é hoje, né? Falta de pensar... imaturidade, aí desisti, não quis, aí por conta disso eu perdi a minha vaga. Tá entendendo? Tu não precisa disso, não sei o quê!... Eu preciso de tu em casa! E eu gostava dele, gostava de ficar com ele também, aí pronto, juntou uma coisa com a outra e eu perdi. (SIDA).

Sida fala no relato acima sobre sua experiência em uma associação de mães onde dava aula para crianças. Ela relembra que era chamada de “Tia” pelos alunos. Naquele período, surgiu a oportunidade de fazer um curso de formação para receber o diploma e poder lecionar para crianças. Porém, desistiu, como consta no relato – segundo ela, por paixão e imaturidade –.

Essas mulheres parecem apresentar duas faces quando olhamos para o discurso que assumem ao falar sobre a prostituição e quando nos deparamos com a vivência de seus relacionamentos pessoais. E dizer “parecem”, neste caso, é referir-se à percepção de que, na realidade, um aspecto permanece imutável: o lugar que esses homens assumem em suas vidas, dentro ou fora da prostituição, visto que o anseio por não ser dependente de ninguém parece ser ignorado em alguns relacionamentos aos quais se entregam entrando em um modelo ideal de mulheres do lar. Simone de Beauvoir dirá: “A mulher é um existente a quem se pede que se faça objeto [...]” (2016, p. 163). Compreende-se, nesse sentido, não só a face da

objetificação do corpo, mas da própria mulher em sua maneira de estar no mundo, um estar para o outro.

Segundo Woodward (2000, p. 39), a identidade daquilo que se nomeia por ser feminino ou ser mulher é marcado socialmente pela diferença. A diferença constitutiva em relação dialética com o que nomeamos de identidade se forma a partir de constituições fundamentalmente binárias. Assim, ser mulher constitui-se em oposição ao ser homem e a tudo o que ser homem representa socialmente. Ora, é com base nessa dicotomia “nós e eles” que Simone de Beauvoir (2016) falará que a mulher se constitui enquanto o segundo sexo.

Desde a infância os modelos de socialização femininos e masculinos garantem posições de poder e dominação, assim como comportamentos e normas universalizantes para os gêneros; com isso, são propostos modelos hegemônicos de masculinidade e feminilidade, nos quais há dominação do primeiro e submissão do segundo. (MOZINE e SILVA, 2017, p. 47).

Woodward levanta a questão de que não se trata apenas da constituição da identidade por meio de oposições binárias que se configura como uma problemática, mas que “nesses dualismos um dos termos é sempre valorizado mais que o outro: um é a norma e o outro é o “outro” – visto como desviante ou de fora”. E é por meio dessas fixações que se estabelecem as “relações de poder existentes”. (2000, p. 51, 53).

Enquanto prostitutas, elas ocupam o lugar instituído como “desviante”, o outro da mulher, a puta. São posições fixadas socialmente e reforçadas simbolicamente em histórias como a tentação de Eva – “mito fundador” –, que possui sua contraparte sagrada, Maria (SILVA, 2000, p. 85). Na cultura ocidental cristã, o referencial de mulher pecadora, fraca e que tende ao erro é representado por Eva, na medida em que o ideal de mulher boa, ou a mulher de “verdade” seria a Maria, casta, pura, mãe e obediente. Mas as putas também são esposas, mães, trabalhadoras e honestas, e causam uma impressão paradoxal proveniente de imagens afixadas.

Como salienta Woodward (2000, p. 31), “[a] complexidade da vida moderna exige que assumamos diferentes identidades”. Essas identidades, por vezes, não são complementares, mas opostas como as identidades da mulher do lar (esposa) e da prostituta. Sida e Petúnia parecem cruzar em suas vidas as fronteiras das identidades fixas, corroborando com a compreensão de que essas identidades criadas são mais ideais que reais.

Já a prostituição enquanto fenômeno apresenta-se também em uma dualidade, ao passo que encarna um espaço de escapatória/liberdade/resistência, assume a continuidade dos modelos de exploração feminina. Assim, a prostituição é tanto defendida por grupos feministas, por exemplo, quanto combatida. Em uma das entrevistas, ao discutir com Petúnia acerca de fetiches e masoquismo, nos deparamos com algumas questões, que constam no registro dos diários de bordo da pesquisadora:

Ao me descrever acerca dos programas e fetiches sexuais dos clientes, principalmente o sadomasoquismo, fiquei me questionando onde ela via empoderamento no fato de uma mulher bater no homem durante um programa [...]. Fiquei com a impressão que a palavra empoderamento está sendo usada [...] sem muito sentido, afinal, qual empoderamento tem uma mulher ao fazer um ato que não quer, por mais que seja bater em um homem, se é ele mesmo que está pedindo e pagando por isso? O empoderamento não seria justamente ela como mulher fazer o que quer? Ela não queria, mas fez, fez pelo dinheiro. (Registro do Diário de Bordo).

Seria a mulher empoderada por bater em um homem durante a realização de uma fantasia sexual dele ou seria apenas o ato de bater e apanhar – neste contexto, expressão de uma fantasia que para ser desempenhada conta com lugares de dominação e subjugação –, em uma relação de jogos de poder?

As histórias de vida de Sida e de Petúnia são compostas tanto pela vivência da prostituição e suas dificuldades, quanto é marcada por amores, decepções, entregas e pela maternagem, assim como tantas mulheres no Brasil e no mundo. Namoros foram muitos, mas morar junto parece ser um passo que elas valorizam mais, como uma forma de dar um salto na relação. Tanto Sida, quanto Petúnia, relatam ter morado com um homem apenas, até o presente momento. O homem com quem Sida morou é a pessoa que não apenas registrou seus filhos, mas que seus filhos têm como pai. Essa relação, porém, foi conturbada e marcada por ciúmes e episódios de agressão física.

[...] ele controlava o horário, ele não era meu gigolô, o dinheiro era meu, não era, nunca dei dinheiro pra ele não, ele trabalhava, ele era motorista de taxi, ele não queria nem saber quanto eu ganhava, ele queria saber o quanto eu ficava dentro do quarto com homem, porque ele achava que ali eu tava fazendo romance, entendeu? E apôí acho que não tem romance não [...] se ele tivesse lá ele contava quanto tempo eu estava no quarto, se eu passasse... que as vezes que a gente vai pro quarto não é só para fazer amor, a gente vai para conversar com o cliente, as vezes o cliente tá com problema e bábábá pra desabafar, aquela coisa toda, tá entendendo, Rafa? Só que ele não entendia, ele achava que eu tava fazendo amor, aí quando eu saía era porrada.

A violência parece ser uma velha familiar tanto para Sida quanto para Petúnia no decorrer de suas vidas como jovens ou adultas, no exercício da prostituição ou na vida privada. É sabido que elas vivenciaram dificuldades, pobreza ou privação na infância. No exercício da prostituição, a violência é retomada em suas narrativas, em diversas perspectivas e, embora se apresente por facetas distintas, permanece inalterada em seu teor simbólico.

Assim, a violência se constitui nas narrativas como o fio principal que amarra um bordado, fio que cruza e perpassa vários momentos das vidas de Petúnia e de Sida, ainda que de formas diversas: a violência em casa ao ser agredida ou de ver outra pessoa ser, a violência da discriminação, seja racial ou sexual, a violência da rua, da intolerância e do desamparo e os consequentes ciclos de violência que geram.

Petúnia não passou por violência física durante sua vida. Relata que nunca foi agredida pelo pai e que, embora não negue os perigos da prostituição, nunca sofreu violência física por parte de seus clientes. Porém, passou por situações inesperadas de violências verbal e patrimonial e por situações de humilhação. Ela nos conta um fato inesperado que passou com um cliente a quem nomeou “acima de suspeitas”:

[...] era médico, tinha um carro muito bom, até as unhas do pé do homem eram feitas, super educado... chegou lá no quarto do hotel, pediu cerveja, a gente tomou cerveja, e ele sabia que a gente já tinha acertado, que a gente acertava o programa antes. Aí [...], a gente tinha combinado que ele ia me deixar no local que me encontrou, foi na praça lá em Boa Viagem. [...] Aí eu fiz: “cadê meu presente?” “Eita... eu esqueci seu presente, eu paguei tudo com o cartão, eu vou passar aqui para lhe pagar.” Aí tinha um posto de gasolina, e eu tinha um paquera no posto de gasolina, eu me abaixei e joguei um paralelepípedo no vidro do carro dele. Espatifou! Aí ele desceu, no que desceu eu corri pra dentro, aí eu disse pro segurança que era meu paquera.

Essa não foi a primeira vez que algo assim ocorreu durante um programa e Petúnia diz que foi aprendendo com cada situação. Aprendeu, por exemplo, que não podia deixar a bolsa longe dela, pois em outra situação teve seu dinheiro subtraído por um cliente. Tal fato, no entanto, não se resumiu à vivência da prostituição, mas a vivência, segundo ela, também ensinou que não pode confiar nas pessoas, pois estas não são como aparentam.

Talvez esse tenha sido o momento em que mais senti o pesar da realidade da prostituição na vida de Petúnia. A partir da fala dela ficou mais difícil compreender como ela conseguia separar a vida pessoal da vivência da prostituição. Para mim, era evidente que essa separação tão clara era apenas discurso, mas que na realidade não se aplicava. Depois de ver tanta mentira e o pior lado das pessoas, como eu mesma disse para ela, como você volta pra

casa e se desvincula disso? Eu entendo que quando ela diz que não confia em ninguém, essa desconfiança vem da perda total de qualquer ilusão que assumimos ao nos relacionarmos com os outros à nossa volta. (Registro do Diário de Bordo).

Petúnia, de certo modo, foi “privilegiada” durante sua vivência com a prostituição, pois nunca vivenciou uma situação de violência física deferida contra ela. Mesmo quando estava fazendo programas no centro da cidade, chegou a passar por ameaça e violência com teor de ódio, ouvindo palavras ofensivas, como quando ao estar na Praça Joaquim Nabuco uma mulher passou e falou: *“Se eu tivesse um revólver eu matava essas putas todinha.” Não sei o porquê, eu não disse nada pra ela, não ofendi em nada. É a putofobia, eu sofri.*”

O que Petúnia denomina de Putofobia é algo vivenciado por prostitutas em vários locais – por ela mesma em outro momento em um centro universitário na cidade de Caruaru –. Chamada para presidir uma mesa durante um encontro, ouviu de uma estudante que *“prostituta é destruidora de lar”*. Esse talvez seja um dos estigmas mais comuns e uma das falas mais recorrentes de nossos tempos, como bem pontua Moreira e Matos (2012).

Embora nunca tenha vivenciado agressões físicas no exercício da prostituição, sabia do que muitas vezes acontecia com outras mulheres. Petúnia descreve parte da violência policial que prendia por vadiagem as mulheres ou as forçavam a práticas com caráter punitivo, como aconteceu no relato a seguir:

[...] na praça e naquela época³⁴ existia uma cavalaria [...], era uns soldados tudo num cavalo. Pois, quando eles chegavam lá na hora que a gente tava eles colocavam os cavalos por cima, a gente corria, porque se não levava pra delegacia por vadiagem, quem tinha que fazer a limpeza era eles e ele botava a gente. [...] E a gente tinha muito medo quando via aqueles... e eu nunca fiz não, mas tinha companheira, colega minha que [...] foi lavar defunto, que a polícia pegava elas e levava elas pra lavar defuntos no necrotério. Vá lava aí e ficava presa, no outro dia que soltava.

Diferentemente de Petúnia, para Sida sobraram relatos de situações nas quais foi violentada. O mais marcante ocorreu quando estava se prostituindo ainda no Bar Capim Verde e o fato aconteceu após o término do programa e o pagamento, que ocorreu, segundo ela, sem nenhuma intercorrência:

³⁴ A época referida diz respeito ao período de revitalização do Porto do Recife, em que boa parte dos navios não atracavam mais lá e a movimentação marítima comercial passa a se dar em Suape.

Então, depois de terminar tudinho eu ainda me lembro da roupa: eu estava com uma minissaia vermelha e uma blusinha vermelha, eu gostava muito de conjuntinho. Aí, até hoje eu tomei raiva de roupa vermelha. Aí, ele foi tão legal e ele me convenceu. “Eu vou dar uma carona a você. Você quer uma carona, quer ir pra casa?” Eu disse: “Já é três horas da madrugada, tu me dá mesmo?”. Ele disse: “Dou.”. Eu fui com ele. Quando chegou ali [...] pra integração da Macaxeira [...] ontem mesmo eu me lembrei que eu peguei integração [...] tinha um pé de macaíba bem na descida do Córrego do Jenipapo. Na entrada assim, que vai descendo, era só mato, mato de um lado, mato do outro, só tem umas casa lá pro lado que tem o Córrego do Jenipapo. Aí, ele parou o carro. Quando ele parou, eu disse: “O que foi isso?” Pensei que tava com algum problema. Até aí ele vinha bem, quando ele parou [...] ele segurou na minha nuca, foi pegando no meu pescoço e eu: “O que é isso?” E ele: “Que é’ isso nada! Eu não gosto de puta, eu odeio puta!”. E o homem se transformou na hora. [...] [E]u falei “Pare com isso! O que foi que eu te fiz?” Aí, ele “pa, pa, pa” na minha cara. Aí, eu me defendendo. Assim: o bom foi que ele era quase do meu tamanho, a mesma coisa, né? Aí, ele puxando a minha roupa, rasgando a minha roupa, puxando... e eu fazendo assim³⁵ ele tava assim, tentando pegar naquela gavetinha, [...] os carros tinham uma gavetinha. E ele tava guardando alguma coisa e pelo que ele estava fazendo só vinha na minha cabeça: “Ele vai me matar.”

O que tinha era um revólver. [...] Aí eu disse: “Não faça isso não! Eu tenho filho pequeno pra criar, [...] Faz isso comigo não!” [...] E eu querendo abrir a porta e ele puxando a porta [...]. Aí, chegou um momento que eu consegui abrir a porta, quando eu consegui abrir a porta eu dei uma pesada e corri, ainda bem que corri e não vinha carro nenhum. Corri, visse? Desembestei. [...] Quando descí, assim, a ladeira que tinha um pé de macaíba, eu vi foi o tiro: “pêi!”. O tiro passou em cima da minha cabeça, que ele bateu no pé de macaíba. Eu me arrepio todinha, aí eu toda arranhada, ensanguentada, a unha toda ensanguentada, aí a primeira casa que eu vi, que tinha uma casinha com um murozinho baixinho, aí deu pra eu pular o muro. [...] eu corri pra trás dessa casa, aí eu peguei e fiquei assim³⁶, ó, dentro do banheiro. Eu tava detrás da porta do banheiro, tentando não chorar e eu não conseguia (fala emocionada, choro) porque... ele tava andando atrás de mim, os cachorros tudo ... aí eu peguei e disse “Meu pai do céu!” Eu cá comigo, pensando e pedindo a deus pra ele não me encontrar, aí foi depois, os cachorros pararam. Aí, a fábrica apitou, [...] Os trabalhadores já vinham [...] Aí aquele negócio assim: “Sai agora, sai agora.” Aí, Rafaela, quando eu saí, tava passando dois rapazes, eu disse: “Moço, pelo amor de deus, moço, pelo amor de deus, ele vem me matar, como é que eu tô, moço, sem tamanco”, o tamanco ficou pra lá. Aí eu: “O cara tentou me matar, olha como é que eu tô.” Isso eu já tava rouca, rouca, porque ele apertou muito minha garganta. Meu olho tava inchado, ele deu murro no olho [...]. Aí, o rapaz pegou e me deixou lá com o vigia do posto. [...] Aí, disse assim: “Não se incomode não, que tem um motorista de táxi que é conhecido meu. Daqui a pouco ele tá aqui pra abastecer o carro, aí eu peço pra levar você em casa.” [...] Ele me levou até a porta da minha casa na época [...]. Eu passei, (fala embargada) eu acho que, quase um mês pra sair de dentro de casa. Porque, assim, minha situação ficou horrível.

Sabemos que o relato é longo, mas era necessário trazê-lo o mais próximo possível do narrado, pois essa violência extrema foi vivenciada por ela de forma visceral e ainda mesmo depois de tantos anos, foi capaz de lhe suscitar sensações ruins, como percebemos durante a entrevista. Outras violências, no entanto, talvez

³⁵ Simulação de tentativa de esquiva aos golpes.

³⁶ Tapando a própria boca.

pela repetição ou pela frequência em que são cometidas, não pareceram chocar Sida em sua narrativa, pois em alguns momentos falou, até mesmo, entre risos.

outra vez eu tava na praça sentada em frente ao restaurante Leite, [...] Aí chegou um nêgo, um nêgo bem feio, assim tipo Tim Maia. E ele falou assim pra mim: “É, eu tô armado. Você vai dar uma chupada em mim agora!” E mostrou mesmo o cano do revólver, na época policiamento tava ... e já foi mesmo colocando a rola na minha boca, colocou mesmo assim, eu ainda me lembro o pavor que eu tive a nojeira, o cabra era um tarado safado, tão nojento que já foi botando e esportando na minha boca, aí eu cuspi. Aí, quando eu cuspi, ele disse assim: “Não era pra você cuspir, não! Era pra você engolir!” (enquanto contava cuspiu). Aí, ele disse assim: “Agora levante e ande, você vai pra Casa da Cultura comigo!” Aí, ao invés dele pegar pra Casa da Cultura pela pista ele pegou pela rua que tava mais vazia, a Rua da Concórdia. Aí eu: “Meu deus do céu, eu não acredito que tá acontecendo isso comigo!”.

Sida segue uma sequência de narrativas de violência: *“outras vezes foi só assim, aquela tara de querer cu dentro do quarto, de eu sair me arrastando por cima daquelas camas de cimento, coisando aqui meu joelho, é, arranhando aqui meu joelho”*. E conclui – após relatar durante a entrevista uma situação em que foi estuprada, tantas outras nas quais sofreu tentativas de estupro e, ainda, um episódio em que sofreu uma tentativa de homicídio – dizendo: *“Só foi isso.”*

A fala de Sida, que, com risos meio sem jeito, diziam *“Só isso”*, parece apontar para um modo de lidar com a violência contínua, não apenas física, mas psíquica, mental. Segundo Moreira e Monteiro (2012, p. 5):

Nesse seguimento social, a violência parte dos clientes, da polícia e da própria sociedade, que visualizam essas mulheres como uma ameaça à família nuclear e, dessa forma, praticam a violência contra o grupo, deixando marcas invisíveis através da violência psicológica e social.

Violência essa invisibilizada socialmente e denunciada por Petúnia. Segundo Mazine e Silva (2017, p. 48), a invisibilidade do sofrimento e do discurso das mulheres vitimadas pela violência – em especial a sexual – se dá por não haver lugar de acolhida para suas histórias, muitas vezes nem na própria família, comunidade ou instituições que deveriam oferecer proteção às mulheres. Assim, os contextos sociais,

[...] impregnados por discursos culpabilizadores e de uma suposta sedução feminina, responsabilizam mulheres e meninas pelos abusos sofridos, explicitando uma prática que fortalece o silêncio das vítimas, que sofrem caladas por anos devido ao descrédito de seu relato. (MOZINE E SILVA, 2017, p. 48).

Sida, por exemplo, não denunciou a tentativa de assassinato ou o estupro que sofreu: *“não dava pra você ir procurar seus direitos em delegacia porque você chegava, você era prostituta e pronto e tchau e benção.”* (SIDA).

Para Petúnia, a violência na prostituição não é o que determina a prática prostitucional, porém é inegável sua existência, fato que salienta por, apesar de relatar nunca ter sido agredida física ou sexualmente, ter ciência de vários casos. O dia 16 de dezembro, por exemplo, marca a data da luta contra a violência contra prostitutas. Nessa data, em 2019, ocorreu um congresso no qual Petúnia participou e onde foi realizado um ato com o intuito de dar visibilidade à violência no cotidiano do exercício da prostituição. O ato consistia em levar fotografias e nomes de prostitutas que perderam a vida pela violência relacionada ao trabalho. Petúnia, porém, destaca que *“daqui mesmo eu não tenho o relato de nenhuma.”*

Assim, ao contar que:

[...] a APPS, ela tem 17 anos, nunca chegou uma queixa de prostituta que foi escravizada, que foi explorada, nunca chegou. Eu, não sei se é porque as prostitutas não se identificam [...] inclusive, a gente foi na delegacia mesmo, falou com a delegada, e ela disse: “Não tem queixa de violência contra prostituta.”

Na pesquisa de Mozine e Silva (2017, p. 46), as autoras avaliam os dados da violência sexual contra a mulher no Brasil de acordo com o IPEA de 2014. Segundo os dados levantados em relação ao nível de tolerância social à violência contra as mulheres, a pesquisa encontrou “35,3% de aceitação total e 23,2% de aceitação parcial na premissa de que ‘Se as mulheres soubessem se comportar, haveria menos estupros’” e ainda “13,2% de aceitação total e de 12,8% de aceitação parcial nos casos de ‘mulheres que usam roupas que mostram o corpo merecem ser atacadas’”. Tal estudo aponta que a sociedade ainda responsabiliza as vítimas de violência sexual pelos estupros que sofreram. Não é preciso ir longe para deduzir que, em casos em que a mulher em questão seja uma prostituta, é possível encontrar números ainda mais alarmantes. Mediante este cenário, como profissionais do sexo poderiam se sentir seguras ao tentarem registrar uma queixa?

Por meio dessa compreensão, abrimos uma questão: dá pra acreditar que no Recife garotas de programa não são vitimadas pela violência? Já respondemos que é evidente que não. Fato é que o preconceito e o estigma social diferido contra as prostitutas podem ser os motores que propiciam a não identificação de tais violências.

Como Petúnia pontua, a violência é “*velada, porque as prostitutas não se identificam*”. Segundo Lima e Hamann (2017, p. 2):

Embora a violência baseada no gênero seja reconhecida e discutida há décadas como um problema global de saúde pública e de direitos humanos, que causa altas taxas de morbidade e mortalidade de mulheres em todo o mundo, raramente são incluídos nestas discussões violações de direitos e abusos vivenciados por mulheres profissionais do sexo.

Petúnia por exemplo, revela que em dado momento, ao sofrer violência psicológica e moral por parte de um homem, buscou apoio na Delegacia da Mulher, mas não foi acolhida por não se tratar de ato acontecido no âmbito familiar. Desta forma, encaminhada à Delegacia de Crimes Comuns, desistiu de prestar queixa: “[...] *me disseram que eu tinha que ir para uma delegacia normal, que aquele caso não era pra lá. Aí, mas eu não sou mulher?*”

A pergunta aqui feita por Petúnia lembra o questionamento que fizemos no primeiro capítulo deste trabalho, sobre que categoria de pessoas estão de fato inseridas no significante “mulher”. Ora, questionar “eu não sou mulher?” é claramente questionar seu lugar enquanto sujeito humano digno de direitos.

Assim sendo, embora a violência vivenciada no exercício da atividade prostitucional não esteja desvinculada da violência contra a mulher, ancorada sobretudo “na desigualdade de gênero, na qual se destaca o patriarcado, as relações de poder e as construções hierárquicas da masculinidade e feminilidade” (LIMA; HAMANN, 2017, p. 2), pode ser facilmente banalizada sobre o pretexto de que são de certo modo inerentes à prostituição (MOREIRA & MONTEIRO, 2012).

Ocorre desta maneira, certo processo de desumanização de determinados corpos, retirando-lhes a propriedade da *vida*, sendo considerados seres indignos do recebimento não apenas da proteção jurídica, mas também social, religiosa, familiar etc. Mencionado processo encontra suas bases no poder e na sujeição, na capacidade que um indivíduo, ou grupo de indivíduos, tem de determinar quais vidas contam como vidas e, assim, quais vivos merecem proteção da sociedade e de seus mecanismos. (MONAGREDA, 2017, p. 116)

A principal lei em vigor no Brasil que se refere à proteção contra a violência feminina é a Lei 11.340/06, intitulada “Lei Maria da Penha”. Porém, como já referido, ela não se destina a todas as mulheres, mas sim, às mulheres do lar, posto que ela trata de violência doméstica. Destarte, Petúnia coloca que é mais frequente uma prostituta ir à delegacia prestar queixa quando esta se refere à violência sofrida no

âmbito familiar, pela possibilidade, talvez, de amparo legal. Em contrapartida, recaímos na não identificação da atividade exercida, ocasionando a subnotificação de relatos de violência. Petúnia coloca, ao se referir à Lei Maria da Penha, que ela é “*uma lei maravilhosa, mas ela não protege nós como puta*”, porém, segundo ela, os homens não sabem disso, o que pode vir a ocasionar uma redução da violência contra as profissionais do sexo, ao menos indiretamente. É o que pontua o trabalho de Diniz (2009, p. 186-187):

[...] observamos uma tendência a qual as mesmas acreditam que a Lei Maria da Penha contribuiu para amenizar a violência na vida delas, apesar de não haver dispositivos legais que possam caracterizar a violência contra as prostitutas em particular, de modo que, apesar da prostituição invisibilizar as outras dimensões sociais da vida deste segmento, que mesmo inconscientemente, tem incorporado em suas relações com os clientes e agenciadores a condição precípua de mulher ante a estigmatizada prostituta e recorrido à Lei na forma de ameaças, como prevenção as violências que possam vir a perpassar na prática prostitucional.

Recentemente, a Lei do Feminicídio, lei 13.104/15, consta como uma nova conquista no âmbito legal para as mulheres, porém não se trata de uma lei que de forma direta evite ou proteja a mulher em situação de violência, mas uma lei que pune com agravante legal casos de assassinato de mulheres. Então, percebe-se que em face da atividade prostitucional, as prostitutas parecem não ter acesso a algumas conquistas femininas, e assim o percebemos à medida que, para abrirem um Boletim de Ocorrência (B.O.), precisam omitir informações sobre si mesmas.

Sem uma delegacia a que possam recorrer ou profissionais treinados para acolhê-las, sem dados sobre mortalidade, morbidade e violência, sem apoio social e governamental, não é que não sejam vistas enquanto “mulheres”, mas que para essas mulheres marcadas pelo estigma da prostituição a categoria de humanidade ainda não parece assegurada. Estão *vivas*, mas não são *vidas*. Ao passo que não lhes é assegurada a proteção do Estado, “é uma vida que não é preservada por nenhuma consideração, por nenhum testemunho, e que não será enlutada quando perdida” (BUTLER, 2018, p. 33).

À medida que saí da casa de Petúnia, me vinha em mente a canção de Chico Buarque: “Amou daquela vez como se fosse a última. Beijou sua mulher como se fosse a última. E cada filho seu como se fosse o único. E atravessou a rua com seu passo tímido. Subiu a construção como se fosse máquina. Ergueu no patamar quatro paredes sólidas. Tijolo com tijolo num desenho mágico. Seus olhos embotados de cimento e lágrima. Sentou pra descansar como se fosse sábado. Comeu feijão com arroz como se fosse um príncipe. Bebeu e soluçou

como se fosse um naufrago. Dançou e gargalhou como se ouvisse música. E tropeçou no céu como se fosse um bêbado. E flutuou no ar como se fosse um pássaro. E se acabou no chão feito um pacote flácido. Agonizou no meio do passeio público. Morreu na contramão atrapalhando o tráfego”. A melodia não saía da minha mente à medida que pensava nas vidas invisíveis e desprotegidas pelo Estado, pela sociedade. O anonimato completo que não deixa sequer vestígio de sua morte, de sua dor. Se morrem putas, morrem atrapalhando o trânsito, como pacotes, não vidas, não pessoas, pacotes bêbados. E por essa vida ainda tem todos os dias que agradecer: “Por esse pão pra comer, por esse chão pra dormir. A certidão pra nascer e a concessão pra sorrir”. (Registro do Diário de Bordo).

Ao fragmento do Diário de Bordo expresso acima, completo com as palavras da autora Johanna Managreda (2017, p. 117): “A pessoa falecida, para que seja enlutada, deveria ter sido amada, considerada por outrem, que enxergava em sua vida um bem que merecia proteção através dos meios adequados”. Às profissionais do sexo, essa proteção ainda é inexistente.

Com vistas à aquisição de direitos e proteção das mulheres em situação de prostituição, alguns projetos de lei (PL) foram lançados no Senado Federal. A mais recente data é 2012, da autoria do ex-deputado federal Jean Wyllys, intitulado PL Gabriela Leite³⁷, atualmente arquivado. A PL pretendia, dentre outras coisas, configurar a diferença entre prostituição e exploração sexual, estabelecer a prostituição enquanto profissão e assegurar o direito à aposentadoria especial nos termos do artigo 57 da Lei 8.213, de 24 de julho de 1991, após 25 anos do exercício da função. No entanto, devido a entraves legais, a PL sequer foi à frente para votação e discussão. Assim, as mulheres que recorrem à prostituição como fonte de renda possuem hoje apenas a possibilidade de contribuir como autônomas com o INSS, devido à classificação da prostituição como ocupação no Cadastro Brasileiro de Ocupações (CBO), em 2002.

Desprotegidas, as prostitutas, independentemente se iniciaram na década de 70 ou atualmente, parecem precisar valer-se da intuição, “lançada à sorte” (MOREIRA; MONTEIRO, 2012, p. 6) ou ainda da elaboração de estratégias como no fato citado por Petúnia:

[...] eu nunca saí com homem embriagado. Nunca, nunca, nunca! A maioria das prostitutas que eu conheço, o homem chega bêbado e elas vão, e eu não. Não sei se foi a questão do meu pai, que toda vez que ele batia na minha

³⁷ Foi prostituta e militante dos direitos das prostitutas, fundadora da ONG Davida, idealizadora da grife Daspu. Estudou Ciências Sociais na Universidade de São Paulo, mas não chegou a concluir. Defensora da regulamentação da prostituição enquanto profissão. Faleceu em 2013, em decorrência do câncer.

mãe quando ele bebia, tá entendendo? Eu nunca, tivesse bêbado, eu nem olhava. Podia me dar milhões de dinheiro que eu não queria.

A vivência da prostituição por Sida e por Petúnia em muito parece não ter se tornado aquela promessa de mudança de vida. Pelo contrário, percebe-se a perpetuação de cenários já conhecidos e vivenciados, como o espaço das violências racial, psicológica, moral e física, a desilusão amorosa, o não-lugar socialmente estabelecido. E, embora, nas palavras de Engel, de maneira econômica, sexual e emocional, o exercício da prostituição pudesse vir a “viabilizar para a mulher a vivência de uma condição mais autônoma e independente” (2004, p.26), o “glamour” inicial, além de não ter durado, não foi capaz de trazer pertença social ou visibilidade a essas mulheres, ao perpetuar processos de exclusão e silenciamento e não ser capaz de romper com a linearidade de suas histórias.



Quadro "As Duas Fridas", da pintora Frida Kahlo. Obra de 1939.

5. IN-VISIBILIDADE E SENTIDOS

Não tenho mais os olhos de menina nem corpo adolescente, e a pele translúcida há muito se manchou. Há rugas onde havia sedas, sou uma estrutura agrandada pelos anos e o peso dos fardos bons ou ruins. (Carreguei muitos com gosto e alguns com rebeldia.)

O que te posso dar é mais que tudo o que perdi: dou-te os meus ganhos. A maturidade que consegue rir quando em outros tempos choraria, busca te agradar quando antigamente quererá apenas ser amada. Posso dar-te muito mais do que beleza e juventude agora: esses dourados anos me ensinaram a amar melhor, com mais paciência e não menos ardor, a entender-te se precisas, a aguardar-te quando vais, a dar-te regaço de amante e colo de amiga, e sobretudo força — que vem do aprendizado. Isso posso te dar: um mar antigo e confiável cujas marés — mesmo se fogem — retornam, cujas correntes ocultas não levam destroços, mas o sonho interminável das sereias.

(LYA LUFT)

Os versos do poema de Lya Luft acima referido retomam duas questões que ilustram bem nossa terceira constelação de significados. Primeiro, vê-se que estamos ante o processo de envelhecimento, com uma narrativa saudosa e retrospectiva com relação ao vivido. Em seguida, a mulher a quem se refere a autora é nomeada como portadora dos sonhos intermináveis das sereias.

Presentes desde a Odisseia de Homero, as sereias são seres que sempre fascinaram as pessoas. Contos sobre sua existência – evidentemente de formas diversas – foram recontados e reformulados ao longo do tempo e em diversas culturas. No Brasil, temos a figura da lara, sereia das águas doces do Rio Amazonas. Tanto no conto da lara, quanto no das sereias descritas por Homero, é possível perceber características comuns: elas atraem os homens, elas personificam a sedução, mas não amam esses homens, ao contrário, nelas eles se perdem.

Ao trazer a aproximação desse ser mitológico para esta dissertação, não há a pretensão de afirmar que as prostitutas perdem os homens ou os conduzem ao erro, mas trazer um aspecto, no mínimo, interessante: as sereias, assim como as prostitutas, são sinônimos de atração e sedução, não sendo nunca retratadas enquanto figuras velhas. Ao contrário, é na juventude que reside a associação com a beleza. Nunca se viu uma história de sereias idosas, também não se associa prostituição à velhice. Porém, não apenas as garotas de programa envelhecem, como muitas permanecem exercendo o ofício da prostituição. Sida ainda é uma dessas mulheres, no auge dos seus 63 anos.

Para alguns, falar de prostituição de mulheres com mais de sessenta anos pode ser uma surpresa, ou mesmo causar espanto. Fato é que, por mais que a prostituição se venda enquanto sinônimo de juventude – que por sua via é sinônimo de beleza –,

a realidade de zonas de prostituição com mulheres com idades de 40 a 70 anos não é nenhuma novidade. (DINIZ, 2009; NUNES, 2015; PAZZINI; MIGUEL, 2016).

Sida ressalta que possui alguns clientes fixos – “*uns dois ou três que vêm aqui*” – e outros que encontra quando vai se prostituir nas ruas. Petúnia, por seu lado, não se prostitui mais, e diz que tal fato se dá pelo seu quadro de saúde, mas brinca dizendo que o “*instrumento de trabalho*” ainda está bom. Petúnia possui uma doença causada pela deficiência de vitamina B12 em seu organismo, o que progrediu para paralisia parcial da sensibilidade das pernas. Assim, locomover-se se tornou uma tarefa complicada em seu dia a dia, porém essa não é a questão que ela aponta para deixar de vez os programas, mas o câncer de seio contra o qual vem lutando.

Nas ruas, ao que parece, os clientes tendem a diminuir com o passar dos anos, mas não se tornam inexistentes. Ainda é possível conseguir alguns programas, como aponta Sida. Porém, alguns clientes que são mais frequentes, ou antigos, acabam indo para a residência dessas mulheres, como aponta tanto Sida quanto Petúnia.

Ele era um cliente antigo e ele vinha aqui em casa. Mesmo eu doente das pernas ele ainda vinha. Agora que eu tive esse câncer é que eu dispensei. Uma semana dessa ele ligou pra mim conversando, aí eu disse, é... “Qualquer dia desses eu marco pra tu vir aqui.” Porque o instrumento de trabalho não acaba não, minha filha. A gente fica velha, mas a vontade de trepar ainda vem. (risos) (PETÚNIA)

Observa-se no relato de Petúnia que as condições nas quais se encontram não chegam a ser um impeditivo para que esses homens as procurem, e parte delas a delimitação de quando não podem ou não querem realizar os programas. Desse modo, de formas distintas, Petúnia e Sida enfrentam suas realidades atuais, permeadas por questões provenientes do envelhecimento, como a dificuldade de clientela e de problemas de saúde. Enquanto Petúnia possui dificuldades de mobilidade devido à deficiência de vitamina B12 e o tratamento do câncer de mama, Sida lida com as consequências do alcoolismo. Ela relata:

Eu bebo por tudo. Minha bebida é..., tudo é um motivo para mim, é um motivo beber. E bebo quando eu estou triste, quando eu estou alegre, quando, é... eu bebo por tudo. Eu bebo, qualquer hora é hora. Eu chego e, outra coisa, não gosto mais de cerveja, porque, assim, cerveja eu gasto mais dinheiro. Como eu tenho que economizar e colocar alguma coisa dentro de casa e dar ao outro que tá preso, aí eu bebo cachaça que é mais barato e faz a cabeça mais rápido. (SIDA)

Embora a dependência de Sida seja do álcool – droga aceita socialmente –, a associação da prostituição com o uso e vício em drogas lícitas ou ilícitas não é algo incomum, porém é necessário que haja uma distinção. Há dois tipos de profissionais do sexo possíveis de serem encontradas nas ruas: a “prostituta tradicional” e a “prostituta toxicodependente”. Enquanto a primeira seria aquela que se utiliza da prostituição como fonte de renda/trabalho, a segunda é a que, devido à dependência química, acaba por se prostituir, seja como forma de pagar dívidas, seja como recurso para conseguir a droga para o consumo (PIMENTA e RODRIGUES, 2006, p. 50).

Independente, porém, de serem toxicodependentes, garotas de programa acabam por fazer uso de substâncias ilícitas durante os serviços, posto que tanto Sida, quanto Petúnia relatam que o uso de drogas é comum durante os programas. Por vezes, torna-se exigência, por parte de alguns clientes, que as prostitutas façam uso. Em boa parte dos casos, estes chegam a pagar mais pelo ato.

No caso de Sida, a dependência do álcool é o que promove boa parte das complicações atuais de sua vida. Relata, durante a entrevista, que em um bar que frequenta tende a ter a dívida aumentada pelo proprietário, mas que não faz questão, apenas paga. Sida parece não se importar mais. Cair do ônibus e ficar muito ferida é relatado como algo desimportante, cair pelas ruas e ser achada, tudo isso é relatado como “nada demais”. Viver parece ser, para Sida, um grande fardo. Ela relata que vai se *“acabando em vida, porque, vira e mexe, eu ralo os joelhos, tem marcas, eu acabo comigo. Vira e mexe eu tô caindo, vira e mexe eu tô, no outro dia que eu acordo eu tô com alguma coisa, tá entendendo?”*

Ao ser convocada para olhar para sua vida, Sida diz: *“Eu me aniquilei para a vida”*. Ela ressalta que suas roupas estão velhas, seu cabelo e unhas sem cuidado, aponta para a ausência de cuidados consigo mesma, remeto ao que registrei no diário de bordo “Suas roupas estavam rasgadas, buracos que apontavam para quanto tempo deveriam ter aquela roupa, não conseguia ver sequer vaidade naquela mulher que ainda atua como prostituta”. (Diário de Bordo).

O antigo glamour, outrora vislumbrado, parecia que nunca existira. Sida, que ainda se prostitui, possui na prostituição sua única fonte de renda, além de um valor simbólico que recebe do programa Bolsa Família, para famílias em extrema pobreza³⁸.

³⁸ As famílias extremamente pobres são aquelas que têm renda mensal de até R\$ 89,00 por pessoa. As famílias pobres são aquelas que têm renda mensal entre R\$ 89,01 e R\$ 178,00 por pessoa, segundo as regras do Programa Bolsa Família.

Sida fala de um lugar de arrependimentos, não tanto pela prostituição em si, mas pelas coisas que podemos dizer que são provenientes desta forma de trabalho, e conta:

na realidade eu nunca cuidei de filho não. É... os meus filhos, eu simplesmente joguei nas mãos da minha mãe e vivi a minha vida, né? Que é uma coisa que me arrependo até hoje (fala entre choro). Talvez as coisas fossem diferentes, né? Eu só dava as coisas, mas não supria, né?

A situação diferente a que Sida se refere é ao fato de sua filha viver nas ruas, ficando geralmente debaixo de um viaduto do Recife. A filha é dependente química e não pode criar os filhos que teve. O filho de Sida reside em uma cidade interiorana do estado. O que sentiu que não pôde fazer pelos filhos Sida relata que tentou fazer com seu primeiro neto, a quem pegou para criar aos 4 meses – *“o primeiro que foi criado com todo carinho”* –, mas justamente esse neto acabou preso, e hoje é o maior motivo de ela permanecer se prostituindo, pois, segundo ela, precisa de dinheiro para enviar para ele. De tal forma parece vinculada a esse neto, que relata não deter nada para si, preocupada apenas com ele, e diz: *“Não quero mais apego a bisneto”*, referindo-se ao bisneto recém-nascido de quem prefere permanecer afastada.

Neste escopo, a história de vida de Petúnia segue por outro caminho. Embora suas histórias pareçam coincidentes – se mantidos os pensamentos de que são duas mulheres negras, duas mulheres que iniciaram na prostituição na faixa dos vinte anos e/ou duas prostitutas que tiveram que associar o serviço da prostituição à maternidade –, possuem pontos que abrem uma fenda de distância entre elas, e serão essas as questões a serem discutidas, pois, enquanto Sida diz *“Eu me aniquilei para a vida”*, Petúnia dirá *“Enquanto eu estiver viva, eu vou estar lutando pra viver”*.

Os Diários de Bordo desenvolvidos ao longo da pesquisa apontavam para a percepção da diferença de encaminhamento da vida no relato das participantes. Assim, sobre Sida encontramos o seguinte relato: *“parecia que não havia mais forças para lutar, eu via uma mulher no piloto automático que me contava da vida com lágrimas, da quase morte com risos e baforadas, e da bebida como alento”*. Quanto a Petúnia: *“Saí impressionada porque, apesar das dificuldades físicas atuais, aquela mulher parecia irradiar força e vontade de viver”*. (Diário de Bordo).

A matemática possui um conceito interessante de classificação de linhas, que aqui seria relevante tomar emprestado. Para esta área do saber, duas linhas que possuem um mesmo plano (coplanares), mas não possuem nenhum ponto em comum, são chamadas de “paralelas”, e quando possuem um ponto em comum, ponto

de intersecção, são chamadas de linhas “concorrentes”. Aqui, tomando esse exemplo, dir-se-ia que o plano comum seria o fato de serem mulheres, negras e provenientes de famílias de baixo poder aquisitivo, ao passo que o ponto de intersecção estaria na prostituição.

Embora seja dito que as duas participantes da pesquisa são provenientes de famílias de baixa renda, pode-se observar que há um lugar um pouco mais privilegiado ocupado por Petúnia. Esta menciona haver tido professores particulares e, depois, foi para o ensino público. Sida, em contrapartida, sempre estudou em escola pública, possuía pais analfabetos e seu pai sempre foi contrário aos estudos dos filhos e bastante violento com ela.

Nas maternidades de Sida e de Petúnia nos deparamos com o fato de o pai do filho de Petúnia sempre ter contribuído financeiramente com as despesas, enquanto nenhum dos pais dos filhos de Sida contribuiu com a criação das crianças. A própria gestação ocupa espaços diferentes: Sida engravida aos 23 anos de um homem que, segundo ela própria, não lhe queria bem e que solicitou a realização de um aborto. A gestação de Petúnia, com 31 anos, se dá em meio a um relacionamento de dois anos.

Segundo estudo desenvolvido por Ribeiro (2020) sobre prostituição e maternidade, constatou-se que após a descoberta da gravidez as mulheres se viram abandonadas pelos companheiros, ficando com a responsabilidade de cuidar das crianças. Segundo a autora, “16% [das crianças] nunca foram sequer reconhecidas pelos respectivos pais e ainda hoje continuam sendo apenas filhos de suas mães” (RIBEIRO, 2020, p. 32).

No caso de Sida, seus filhos vieram a ter o nome paterno no registro após outro companheiro dela decidir registrá-los como filhos. Tal fato, porém, não é exclusivo da realidade das profissionais do sexo, mas de boa parte das mulheres do país. De acordo com o Conselho Nacional de Justiça (CNJ), “cerca de 5,5 milhões de crianças não têm o nome do pai na certidão de nascimento”. De acordo com o IPEA (2011, p.19), “a proporção de mulheres chefes de família aumentou mais de 10 pontos percentuais (p.p.). Esta proporção passou de 22,9%, em 1995, para 35,2% no ano de 2009. Isto significa que temos 21,7 milhões de famílias chefiadas por mulheres”. O abandono afetivo de pais é uma triste realidade presente no Brasil, ainda mais frequente nas camadas menos favorecidas da sociedade e em meio a população negra.

Sida carrega consigo, e isto já fora mencionado anteriormente, arrependimentos com relação à não criação dos filhos, por não ter estado presente, por ter, segundo ela, largado os filhos nas mãos da mãe. Assim, na narrativa dela não há relatos de espaços de partilha com esses filhos, fato que percebemos com relação aos netos, em especial ao neto mais velho. Já a narrativa de Petúnia mostra que ela gozou de bons momentos com seu filho, como na situação expressa a seguir:

Aí ele com 6 anos se deitava na cama, aí ficava brincando e ficava querendo lutar comigo de He-Man. “He-Man! Eu tenho a força!” Quando eu chegava, porque eu não podia pagar uma pessoa, né?! empregada..., mas eu tinha umas pessoas que davam uma ajuda e eu dava um agrado [...] aí ele disse assim: “Mãe ó, deixa eu dizer um negócio pra senhora. Seis anos de idade! A senhora trabalha demais.” Porque eu fazia zona, trabalhava na fábrica e quando eu chegava em casa, tinha minha mãe, eu que dava banho nela, [...] Quando eu chegava, eu ia cuidar da comida, fazer a comida, deixar pronta pra pessoa no outro dia colocar. Aí dava banho nela, colocava a roupa nela, trocava de roupa, essas coisas. Aí ele chegou e disse: “Mãe, quando eu tiver homem eu vou comprar uma casa pra senhora bem bonita. Vou comprar uma cadeira de balanço e a senhora só vai viver se balançando que a senhora trabalha demais.” Passou o tempo, né? Esse homem trabalhou e fez essa casa pra mim. Mas eu sempre trabalhando, fazendo programa e tal. Aí eu venho pensando: uma criança de seis anos já tem a percepção de notar quem é a mãe, né?

O filho de Petúnia, hoje um homem formado e pai de família, é sempre narrado por Petúnia com grande orgulho. Esse é o filho que se formou técnico em eletrônica, é o filho assalariado, é o filho preocupado que percorre um longo caminho até sua casa para ver se ela está bem. É a pessoa que cumpriu a promessa que lhe fez aos seis anos de idade. É o filho que diz aos repórteres em dado momento – quando o questionam acerca do que ele acha de a mãe ser prostituta: *“Ela é minha mãe, meu pai, me respeita, me considera. Pra mim, é um trabalho como qualquer outro”*. Esse filho parece ser a culminância de sua vida, o resultado que denota e valida o caminho assumido por ela: *“Meu filho foi uma luta minha”, “Esse menino hoje em dia é tudo pra mim”*.

Em um estudo desenvolvido por Ferraça (2016) acerca da maternidade e da prostituição, a autora observa que as prostitutas que iniciaram na prostituição sob a “justificativa” de prover as necessidades dos filhos tendem a utilizar este discurso como forma de tornar mais aceitável a prática da prostituição. Assim, papéis antes antagônicos podem ser conciliados pela imagem da mãe idealizada, da mãe que faz de tudo pelo filho.

Ferraça (2016, p. 1162) aponta que essas garotas de programa tentam se redimir, “ainda que em partes, na imagem idealizada da mãe, da progenitora que, em tese, doar-se-ia para a sua descendência”. Outrossim, o lugar da mãe assumido toma a narrativa em uma tentativa de “tomar outros papéis”, que não o da prostituta. Interessante perceber que, nesse sentido, Sida associa durante as entrevistas a prostituição a um Karma, com o qual nasceu nessa vida para pagar.

Petúnia, em contrapartida, declara: *“Não digo que se eu nascesse novamente eu seria prostituta. Não ia ser hipócrita para dizer isso, entendeu? Eu fui por questão de necessidade, mas eu não me arrependo, não, foi ruim para mim, não. Eu nunca apanhei, nunca fui presa, entendeu?”* Podemos pensar, segundo relato de Petúnia, que a diferença entre as duas narrativas acerca da prostituição resida nos desdobramentos que cada uma vivenciou no exercício prostitucional.

Tanto Petúnia quanto Sida estiveram na fundação da Associação Pernambucana das Profissionais do Sexo (APPS), porém suas trajetórias parecem ter assumido rumos diversos. Petúnia permanece vinculada à associação até os dias de hoje, e atua como militante das causas das profissionais do sexo, sendo forte defensora da regulamentação da prostituição enquanto profissão. Já Sida, conta ter se afastado da associação.

A APPS surge em 2002 como frente de mobilização política das profissionais do sexo de Pernambuco em uma articulação que se iniciou anos antes. No Brasil, o que acabou por mobilizar as prostitutas foram as sucessivas repressões, perseguições e violências deferidas contra elas, pelos agentes da lei. O estopim da violência é datado em 1979, quando duas prostitutas foram mortas – uma delas estando grávida, em decorrência de tortura policial na região da Boca do Lixo, em SP. Tal fato deu origem a uma passeata que obteve apoio de artistas da época e participação de prostitutas e travestis; da passeata organizou-se uma assembleia que resultou na saída do cargo de Wilson Riquete, delegado e responsável pela perseguição das prostitutas. (AFONSO, 2014).

Na passeata percebi que, se nós conseguíamos realizar aquilo com o centro de São Paulo, é porque dava para fazer outras coisas mais. No auge da excitação com a passeata, algumas perguntas brotaram na minha cabeça: “Por que nós não nos organizamos de uma maneira mais permanente?” “Por que a gente não se organiza contra a violência policial?” Comecei a ver nisso um trabalho político seriíssimo, concreto, que faz parte do dia-a-dia da prostituição (LEITE, 1992, p.86).

Segundo Butler (2018, p. 78), alianças políticas se formam no encontro de pessoas “dispensáveis” em prol de uma luta mais generalizada contra a “precariedade”. O romper da passeata que culminaria em assembleia traz, em unidades diversas, lutas e pautas. São mulheres, prostitutas, travestis, artistas, todos os negados e perseguidos durante o regime militar, ainda em vigor naquela época. O ano de 1979 foi o primeiro do governo do General João Figueiredo. Iniciava-se um período de transição gradual para abertura do regime, e foi o ano que foi protocolada a Lei da Anistia Política³⁹, Lei Orgânica dos Partidos⁴⁰.

Então, quando pensamos sobre o que significa se unir em assembleia em uma multidão – uma multidão crescente –, e sobre o que significa se mover pelo espaço público de maneira a contestar a distinção entre o público e o privado, vemos algumas maneiras por meio das quais os corpos, na sua pluralidade, reivindicam o público, encontrando-o e produzindo-o por meio da apreensão e da reconfiguração da questão dos ambientes materiais. (BUTLER, 2018 b, p. 81).

É possível pensar que a “ação” iniciada surge em um espaço que suporta seu “aparecimento” (ARENDRT, 2015) e traz o que Butler (2018, p. 80) nomeia como “dilema” – posto que a ação não se manifesta em um mundo que não dê suporte para esta, pois, esta é essencialmente política, ao mesmo tempo que é preciso lutar pelos suportes que permitam o agir –. Neste ínterim, em 1987 ocorre o Primeiro Encontro Nacional de Prostitutas, de onde Gabriela Leite anuncia a formação da Rede Brasileira de Prostitutas, com sede no Rio de Janeiro, e que atualmente conta com a participação de diversas associações, sendo uma dessas atualmente a APPS. (AFONSO 2014).

O papel da associação na vida de Sida e de Petúnia, sem dúvida, revela-se salutar. Foi por meio da associação que as duas participantes da pesquisa conseguiram o ânimo necessário para a continuação dos estudos. Sida ainda relata que por meio da APPS realizou diversos cursos, porém atribui a si mesma a culpa por não ter conseguido concluir nenhum. Estabelecendo uma tentativa de justificativa, questiona se não possuiria uma doença que a impede de concluir tudo o que tenta: *“Eu acho que tem um tipo de uma doença, que eu já ouvi falar ali, que é aquela pessoa que nunca consegue terminar o que faz”*.

³⁹ Anulou punições estabelecidas aos brasileiros em 1964, no início do Regime Militar.

⁴⁰ Permitia a criação de partidos políticos.

Não entrando no mérito acerca da defesa ou não da prostituição enquanto profissão, percebe-se que a mobilização política das profissionais do sexo possibilitou e possibilita a estas a problematização de questões sociais nas quais estão inseridas. Assim, Sousa (2017) afirma que a mobilização possibilita as prostitutas que se assumam enquanto sujeitos. Não obstante, Petúnia afirma que primeiro reconheceu-se enquanto “puta” e depois enquanto “mulher negra”, porque questões como desigualdades sociais, raciais e de gênero passam a ser pautas comuns de todos os grupos que lutam por igualdade de direitos, sendo, como assinala Butler (2018 a), a precariedade o ponto que torna possível a existência de alianças políticas.

Nessa década de 2000 foi que os negros começaram a ter visibilidade, começaram a assumir sua negritude, usar o cabelo pixaim, entendeu? Vem melhorando bastante. Pra você ter ideia, eu estirei meu cabelo 50 anos, eu comecei a estirar meu cabelo com seis anos. Quando eu vim deixar de estirar eu tava com 63, mais de 50 anos espichando. [...] Eu fui trabalhada para isso, né?! Porque eu trabalhava na prefeitura, eu trabalhava num centro de referência de cidadania LGBTQIA, porque eu sou bi. Então... a gente teve várias oficinas, entendeu? É... planejamentos... e a gente foi aprendendo a se valorizar, a questão mesmo da associação... aí, a gente foi aprendendo a valorizar a nossa cor, vi muitas mulheres empoderadas de cabelo pixaim, aquele fuá, aí, a gente do costume, porque o ser humano é fruto do meio que vive, né? (PETÚNIA).

A fala acima referida de Petúnia levanta várias questões. Primeiramente, é imprescindível discutir sobre o referido trabalho na prefeitura, no Centro de Referência de Cidadania LGBT. Neste escopo, tomamos um fato expresso durante as entrevistas, que não a prostituição, mas a associação trouxe mudanças em sua vida, nas palavras de Petúnia: “Esse movimento me engrandeceu muito como pessoa, entendeu? Porque eu era simplesmente uma puta, que vivia na praça que ninguém me conhecia”.

Petúnia relata que a prostituição em si não é capaz de trazer lugar na sociedade, pois é exercida na marginalidade e muitas permanecem dessa forma, na invisibilidade social. Para ela, porém, o caminho foi outro. Devido à inserção na atividade prostitucional e em uma associação e pelo fato de ser bissexual, foi convidada a compor o quadro de funcionários do Centro de Referência para Cidadania LGBT, atuação que lhe trouxe status e visibilidade, assim como lhe garantiu o direito a uma aposentadoria.

Com orgulho, Petúnia relata:

Eu tenho amigas da minha idade que estão se prostituindo, mas ela não é conhecida e eu sou conhecida no mundo inteiro, um livro⁴¹, eu tenho várias entrevistas na televisão, eu fui capa de um jornal, existe um jornal chamado “O Beijo da Rua”, eu fui capa do jornal “O Beijo da Rua”. Eu participei agora, acho que tá fazendo um ano, é, um ano que faz agora em dezembro, que eu fui pra o festival “Mulheres do Mundo” no Rio de Janeiro, vêm mulheres de todo o mundo. Foi a primeira vez que ele foi feito aqui no Brasil. Ele nunca tinha sido feito na América Latina e eu fui convidada participante porque eu sou representante de um movimento de prostituta pela Rede Brasileira de Prostituta.

Aqui, chegamos em um ponto importante a ser discutido: visibilidade. Para Petúnia, a participação em um movimento social lhe retirou de um não-lugar para um lugar de reconhecimento. Lugar este aparentemente não acessado por Sida, embora também fizesse parte da associação. Petúnia chega a mencionar a realidade de uma conhecida sua:

“Tem uma amiga minha, Maria, que ninguém nem sabe que ela existe. Agora tá lá na zona na calçada, ninguém sabe, é invisível, entendeu? Se eu chegar por aí, e eu tô afastada, e perguntar: vocês conhecem Petúnia da associação de prostituta? [todos reconhecem].”

Para Melo (2019, p. 56), ao se referir às pessoas em situação de rua, a invisibilidade “dialoga com a questão da ausência dos direitos”. Pode-se pensar nesse mesmo sentido com relação à prostituição. Para a autora, a invisibilidade das pessoas em situação de rua/exclusão social se configura como um tipo de violência. A invisibilidade é uma violência que nega aos adultos, segundo a autora, qualquer possibilidade de ternura ou cuidado, eles são percebidos enquanto uma “ameaça”.

Segundo Pedra (2017, p. 71, grifo nosso), a invisibilidade social pode se manifestar de três maneiras: por meio da **marginalização econômica**, que

[...] é a falta de acesso a trabalho remunerado ou a restrição à ocupação de cargos indesejáveis e mal remunerados; **a privação**, que é a dificuldade para configuração de um padrão de vida material adequado; e **o desrespeito**, compreendido como a estereotipação pejorativa e rotineira, que difama e desqualifica as representações culturais públicas de um grupo.

A condição de invisíveis impossibilita a aparição pública, nega às pessoas um lugar de existência. Como coloca Arendt (2015) “ser e aparecer coincidem” e que é por meio de “atos e palavras que nos inserimos no mundo humano”. Talvez por ser tão marcante, a exclusão e a ausência da voz das prostitutas, intuitivamente o Primeiro Encontro Nacional de Prostitutas tenha tido por título: “Fala, mulher da vida!”

⁴¹ Refere-se a um livro publicado que possui um capítulo que conta uma história de sua vida e conta com uma foto sua. Foi convidada a participar do lançamento do livro e a falar junto à autora.

A ausência de espaço para fala e aparecimento é a principal questão trazida por Sida para a saída da associação. De alguma maneira, ela não atinge o lugar que foi alcançado pelas demais e, a mercê apenas do exercício prostitucional e sem outra fonte de renda, seus dias têm sido para ocupar-se de sua sobrevivência.

Petúnia aponta que é mais frequente o engajamento de mulheres mais velhas na associação, por vários motivos, dentre eles: as jovens estão ocupadas em ganhar mais dinheiro e têm mais trabalho; e as mais velhas, por terem uma diminuição de clientes, têm mais tempo de sobra. Mesmo assim, para o engajamento seria preciso algum recurso financeiro. A própria Petúnia conta que foi a primeira vez participar do grupo de mulheres porque lhe garantiram o dinheiro da passagem e porque estava com poucos clientes no dia.

Assim, à própria associação das profissionais do sexo se impõe uma dura dificuldade. A falta de recursos dificulta a possibilidade de ações mais efetivas com as mulheres e seu engajamento. As mais novas não são facilmente atingidas e as mais velhas, quando engajadas, parecem possuir dificuldades em fazer as transições de poder, posto que, mesmo sendo organizada enquanto associação colegiada, a primeira coordenadora geral passou 17 anos na função, saindo apenas por questão de saúde.

As Putas aqui do nordeste, de Recife, era muito ardía, muito fechada, muito mandona. Aí, ela disse: “Olha aqui, não vai funcionar sistema presidencial, com presidente, tesoureira” ... E também já tava muito desgastado essa história, vamos fazer uma associação colegiada e foi formada por coordenação. [...] parece que foram cinco ou seis coordenação. Hoje nós somos só em três, porque muitas meninas se afastaram e ficaram muito pesado, muita gente numa coordenação. Aí, tem a coordenadora geral, a coordenadora de finanças e a administrativa.

Durante uma das entrevistas, Petúnia estava bastante incomodada, indignada com uma ligação que havia recebido. Ela contava que uma mulher participante de uma associação (que não é prostituta), que conhecia ela da atuação na APPS, entrou em contato por telefone “[...] passando uma mensagem pra mim, tipo assim: ‘Petúnia, é... tem um homem que ele quer o teu contato, eu posso passar o seu contato pra ele? Agora é uma coisa muito sigilosa que ele não quer aparecer ele quer só o contato.’”. Sua indignação com essa pergunta devia-se, segundo ela, ao fato de hoje ser uma liderança, não querendo ser confundida com cafetinagem nem que achasse que ela estava se prostituindo.

Eu tô trabalhando agora como liderança e o meu trabalho agora é com relação a direitos humanos, entendeu? O que é que eu trabalho? Eu trabalho a questão da legalização, a questão da regulamentação [...] Regulamentação, o direito da prostituta ir e vir, mostrar que é um trabalho. Essa história que ele tá querendo, ele vai lá na área de prostituição e encontra, consegue uma prostituta, porque a associação a gente não trabalha com cafetinagem. (PETÚNIA).

Neste sentido, Petúnia conta que certa vez, ao ir para o Palácio do Campo das Princesas para participar de um evento para o qual a APPS foi convidada, foi impedida de entrar devido às suas vestimentas, e ocorreu o seguinte fato:

Quando eu cheguei na porta o segurança não deixou eu entrar. “A senhora tá de short?” “Eu, tô não! Eu tô com vestido, agora eu botei esse short...” “Ah... não pode não!” Eu disse “Tá certo, não pode então eu vou voltar.”, [...] “Ela não vai voltar não!” [falou a coordenadora geral da APPS] “Ela vai entrar!”. Aí, [ela] entrou, quando [...] veio com uma advogada, que é a Vera Barone, veio com uma secretária da mulher do estado, que na época era Cristina Buarque, e veio com a secretária do município, que era a Rejane Pereira. O segurança saiu escondido, que ninguém nem viu, e eu entrei. Nesse dia, quando eu vou entrando, aí ele passa e diz: “E aí, Petúnia, como é que vai o projeto das casas?” Eu chega tomei um susto, que eu nem sabia que ele sabia meu nome, o Eduardo Campos.

Dessa maneira, se falamos que um primeiro ponto presente e importante de ser discutido na narrativa de Petúnia e Sida são os espaços de in-visibilidade, um segundo aspecto relevante está nas representações que fazem possível a identificação delas com algumas pautas de luta. Foi ao conhecer uma doutora negra, que debatia com ela questões de negritude e ver pessoas assumirem suas características negras que conseguiu assumir-se negra.

Eu conheci uma doutora, que por sinal ela morreu, doutora Sueli Santos [...] ela dizia: “Por que você não deixa de esticar esse cabelo?” Daí eu brigava: “Olhe, a minha beleza quem faz sou eu, você diz que a gente tem que ser empoderada, que amar o nosso corpo... no dia que eu quiser deixar eu deixo e tal...” Aí, eu fui vendo todo mundo de cabelo pixaim. Aí, eu me acostumei também, deixei de esticar e foi a melhor coisa que eu fiz na vida. Me assumi como negra, não tenho vergonha de ser negra, mas já tive.

Assim, Petúnia também relata a percepção de mulheres que fugiam do estereótipo da puta, enquanto mulheres pobres, sem estudo e sem outras opções. Nesse contexto, cita personagens como Gabriela Leite (escritora), Mara Moura (escritora), Monique Prada (escritora), e é a partir dessa percepção que o termo “Putá” passa a ser incorporado em seu vocabulário, sem vergonha e assumindo lugar de identidade. Ela cita ainda a realidade de mulheres jovens, estudantes universitárias que se prostituem em Boa Viagem.

É viável perceber que não a prostituição, mas a inclusão em um grupo, o sentimento de pertença e o espaço obtido por Petúnia fizeram com que ela ocupasse um lugar outro, possível, em especial, pelo exercício de um trabalho formal. Não esquecendo que, durante toda a vida, exerceu o trabalho formal e a prostituição, e permaneceu, depois, na militância e, formalmente, como funcionária terceirizada da prefeitura.

Para Pedra (2017), o trabalho é um elemento essencial da identidade social de um indivíduo, pois possui o “poder de inclusão social”, seja pela garantia de sustento, seja por ter o poder de “resgatar a dignidade de cada indivíduo”. Destarte, pode-se compreender que sem garantia de direitos, acesso à expressão política e restituição de poder, as mulheres na prostituição em situação de grande precariedade têm suas vidas negadas e sua existência posta em risco.



2 de junho
Dia Internacional
das Prostitutas

**“ Eu sou
feliz sendo
prostituta ”**



**Sem
Vergonha,
Garota.**

BRASILIA, FEDERAL

Imagem pertencente à campanha do Ministério da Saúde, censurada no ano de 2013.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A imagem anteriormente vinculada faz parte de uma campanha elaborada no ano de 2013 pelo Ministério da Saúde, que possuía como objetivo reduzir o estigma em torno da prostituição. As peças em cartazes eram protagonizadas por garotas de programa junto a frases ditas por elas. O material utilizado foi produto de uma oficina de profissionais do sexo realizada em João Pessoa – PB, que teve como lema: "Sem vergonha de usar camisinha". A campanha apresentava mensagens contra o preconceito, falava sobre a necessidade de respeito e de prevenção contra DST-AIDS. Porém, uma das peças gerou tal incômodo que, após muita repercussão, a campanha inteira foi censurada. O cartaz em questão dizia: "Sou feliz sendo prostituta".

Pode-se pensar pelo incômodo causado pela imagem que, dentre argumentos contrários, o material incitava à prostituição. Decerto, o que se percebe é que, independentemente de campanha, a prostituição é uma realidade brasileira de longa data. Uma realidade sempre presente, ainda mais para a parcela mais desafortunada da sociedade, como foi apontado no terceiro capítulo deste trabalho.

Não à toa, uma das matérias⁴² mais repercutidas nas redes sociais no início do ano de 2021 foi a imagem apresentada pelo jornal O Globo, que mostra uma fila de homens que dobrava o quarteirão esperando para entrar em uma "casa de saliência" localizada em Copacabana – RJ. Os questionamentos levantados sobre o registro da cena orbitavam em relação à pandemia de Covid-19 e ao risco que os homens enfrentavam, assim como a imprudência ao enfrentar filas em um momento tão crítico como o vivido mediante a pandemia. Mas e o risco das profissionais do sexo? E o que representa para as mulheres que trabalham nesse lugar lidar com uma fila de homens e em quais condições de trabalho e serviço essas mulheres estavam e estão expostas? Sobre isso, nada foi dito.

Também é possível perceber que a prostituição no Brasil é sempre posta às margens, permeando a ilegalidade e a imoralidade, sendo, assim, banalizada. Nem proibida, nem reconhecida, mas ignorada e negligenciada. Quando muito, nos deparamos com discursos vitimistas com relação às prostitutas, e a partir destes nada

⁴² Matéria jornalística vinculada no dia 01 de Janeiro de 2021 pelo jornal O Globo: <https://blogs.oglobo.globo.com/ancelmo/post/na-madrugada-casa-de-saliencia-em-copacabana-tem-fila-de-interessados.html>.

de realmente efetivo é feito. A repercussão de tal circunstância é a invisibilidade das mulheres que se prostituem e a perpetuação de uma violência estatal e sistêmica.

Compreendeu-se com Sida e com Petúnia que a prostituição não é causa ou solução para as problemáticas apontadas por elas, mas um meio pelo qual questões como a imensa desigualdade social, de raça e de gênero podem aparecer. Assim, quando no capítulo terceiro as participantes falavam que gostavam da noite, de saírem para se prostituir, elas não pareciam falar da atividade sexual em si, tampouco apenas do dinheiro, mas da vivência de situações negadas a elas enquanto mulheres negras e pobres.

E se, enquanto mulheres negras e pobres, a prostituição aparece como possibilidade de abertura à novas realidades, ao mesmo tempo, não deixou de perpetuar questões antigas. Desta forma, a prostituição feminina se configura sempre de maneira paradoxal em um espaço onde a mulher encontra possibilidade de resistência ao patriarcado e, ao mesmo tempo, a ele se submete.

Consideramos que, por ser exercida na marginalidade, a prostituição não é por si mesma capaz de elevar essas mulheres a um espaço de aparecimento. O Estado Brasileiro parece negar às garotas de programa de ontem e de hoje um lugar de sujeitos titulares de direitos fundamentais. À puta, o lugar de humanidade ainda parece negado (SENRA, 2013).

Judith Butler (2018, p.31) afirma que “uma vida pode ser lesada, por exemplo, ou que pode ser perdida, destituída ou sistematicamente negligenciada até a morte”. Assim, quando o Estado Brasileiro adota uma política de alheamento à realidade das mulheres em situação de prostituição no país, acaba por constituir não uma política negligente, mas uma necropolítica que valora um grupo em detrimento a outro, que exclui, segrega e relega à morte, se não direta, indiretamente uma parte da população a quem é negado viver.

Sem espaço de aparecimento público, há risco à dignidade humana, risco de uma existência relegada à desumanidade, e a desumanidade é um terreno onde todo tipo de violência encontra expressão. Desta maneira, Sida, assim como Petúnia, nos apresenta uma série de violências que fizeram e fazem parte de sua trajetória de vida marcada pela exclusão e pela falta de oportunidade. A performatividade da prostituta negra enuncia um processo historicamente constituído que relega à mulher o “Outro lugar”, como Beauvoir denuncia e à mulher negra o “outro de todos os Outros”.

Assim, é fundamental não apenas a discussão pública de temáticas como a prostituição, mas como seus entrelaços: as desigualdades existentes na realidade brasileira. Dessa maneira, pode-se compreender que há adiante um imenso desafio, que é o de trazer a luz pública questões que são sistematicamente repudiadas e censuradas, pois, como coloca Hannah Arendt (2015), a ação, ou o início de algo novo, só é possível em um espaço público, pois a ação é política por natureza.

Neste íterim, faz-se necessária a luta e o combate ao desmonte das políticas públicas, que já repercute em grupos sociais e em associações como a APPS, que tem continuado seu trabalho, apesar dos entraves governamentais e da diminuição/ausência de recursos. Também foi possível entender que as narrativas presentes nesse trabalho nos convocam a refletir sobre a prática psicológica de uma forma mais geral e abrangente, a fim de ampliar discursos vigentes e nos levar a pensar sobre o papel da psicologia na formulação desses mesmos discursos. Como assinala Butler: “Não há vida sem as condições de vida que sustentam, de modo variável, a vida, e essas condições são predominantemente sociais, estabelecendo não a ontologia distinta da pessoa, mas a interdependência das pessoas”. (2018, p. 38).

Destarte, Butler (2018 a) diz que, quando enunciamos algo, damos existência àquilo que declaramos. Assim, espera-se que este trabalho possa lançar luz à realidade da prostituição feminina, das desigualdades raciais e de gênero presentes na realidade brasileira.

REFERÊNCIAS

A Redenção de Cam. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2020. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra3281/a-redencao-de-cam> . Acesso em: 10 de Out. 2020. Verbetes da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

AFONSO, Mariana Luciano. **Regulamentar para que(m)?** As representações sociais das prostitutas sobre a regulamentação da prostituição. Dissertação de mestrado, programa de pós graduação de psicologia da Universidade de São Carlos- SP, 2014.

ARENDT, Hannah. **A condição humana.** 12. ed., rev.- Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.

_____. **A vida do espírito.** 4ª, ed., - Rio de Janeiro: Relume Dumará.

AUN, Heloísa Antonelli. **Trágico avesso do mundo:** narrativas de uma prática psicológica numa instituição para adolescentes infratores. São Paulo: s.n., 2005.

AUN, Heloisa Antonelli; MORATO, Henriette Tognetti Penha. Atenção psicológica em instituição: plantão psicológico como cartografia clínica. In: MORATO, Henriette Tognetti Penha; BARRETO, Carmem Lúcia Brito Tavares; NUNES, André Prado. (Coord.). **Aconselhamento psicológico na perspectiva fenomenológica existencial:** uma introdução. São Paulo: Guanabara Koogan, 2012. cap. 9, p. 121138.

BANISTER, P et al. Qualitative methods in psychology: a research guide. 1994. In SZYMANSKI, H. **A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva.** – Brasília: Plano editora, 2002.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo:** fatos e mitos, vol. 1. - 3. ed., Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2016. Tradução de Sérgio Millet.

_____. **O Segundo Sexo:** A experiência vivida, vol. 2. - 3. ed., Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2016. Tradução de Sérgio Millet.

BOTELHO, Stella Maris Nogueira; FERRIANI, Maria das Graças Carvalho. **Prostituição na Adolescência:** interfaces com a instituição familiar. Revista Brasileira de Enfermagem, Brasília- DF, 2004 mar/abr;57(2):198-202

BRENGUEL, Ana Maria Vieira; Broggiato, Fernando Cidade. O irrealizável desejo de neutralidade. In **Reflexões sobre a ciência: diferentes perspectivas.**/ Simone Dalla Barba Walckoff; Reginaldo de Jesus Farias (Org.). – Curitiba: CRV, 2016.

BUTLER, Judith. **Quadros de Guerra: Quando a vida é passível de luto?** – 5ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

_____. **Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa da assembleia.** – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018 a.

_____. **Vida Precária: os poderes do luto e da violência.**- Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

CAPELI, Renata Andrade; WALCKOFF, Simone; SZYMANSKI, Luciana. **A prática do encontro reflexivo: diálogo e reflexão.** In: III Congreso Internacional de Investigación y Práctica Profesional en Psicología - XVIII Jornadas de Investigación Séptimo Encuentro de Investigadores en Psicología del MERCOSUR. Facultad de Psicología - Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires, 2011. Disponível em: <<https://www.aacademica.org/000-052/600.pdf>>. Acesso em: 06 jan. 2016.

Carta de Princípios. **Rede Brasileira de Prostitutas-RBP.** Disponível em: <https://observatoriodaprostituicao.wordpress.com/carta-de-principios-da-rbp/> Acesso em: 05 de julho de 2020.

Conselho Federal de Psicologia- CFP. **Nota do Conselho Nacional LGBT.** Disponível em: <https://site.cfp.org.br/nota-do-conselho-nacional-lgbt/> Acesso em: 17 de Junho 2020

CRITELLI, Dulce Mára. **Analítica do sentido: uma aproximação de interpretação do real de orientação fenomenológica.** São Paulo: Brasiliense, 1996.

_____. **História pessoal e sentido da vida: historiobiografia.** São Paulo: Educ/Fapesp, 2012. 104 p.

_____. Pensamento e ação: reflexões sobre o problema da verdade. In **Reflexões sobre a ciência: diferentes perspectivas.**/ Simone Dalla Barba Walckoff; Reginaldo de Jesus Farias (Org.). – Curitiba: CRV, 2016.

DAVIS, Ângela. **A liberdade é uma luta constante**/ org. Frank Barat; tradução Heci Regina Candiani. – São Paulo: Boitempo, 2018

DINIZ, Maria Ilidiana. **Silenciosas e Silenciadas**: descortinando as violências contra a mulher no cotidiano da prostituição em Natal – RN. Dissertação de mestrado, programa de pós graduação em serviço social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, RN, 2009. Disponível em:
<https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/17880> Acesso em: 01 de Agosto de 2020

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, Justificando, 2017.

ENGEL, Magali. **Meretrizes e doutores**: saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840- 1890) - São Paulo: Brasiliense, 2004.

FALCI, Miridan Knox. **Mulheres do Sertão Nordestino**. In DEL PRIORE, Mary; BASSANEZI, Carla. História das mulheres no Brasil. 2. ed., São Paulo: UNESP, 1997

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas** / Frantz Fanon; tradução de Renato da Silveira. - Salvador: EDUFBA, 2008. p. 194

FARACO, Victória Veloso; MOREIRA, Lisandra Espíndula. Prostituta não fala? Narrativas de prostitutas: perspectivas teóricas e impasses. IN **As várias faces da sujeição humana**: desigualdade, trabalho e interseccionalidades de gênero e sexualidade : anais do II Congresso de Diversidade Sexual e de Gênero – 1a edição internacional / organizadores: Marcelo Maciel Ramos, Pedro Augusto Gravatá Nicoli, João Felipe Zini Cavalcante de Oliveira. - Belo Horizonte: Initia Via, 2017.

FERRAÇA, Mirielly. **A maternidade e a prostituição**: uma análise discursiva de entrevistas com garotas de programa. Fórum linguístico, Florianópolis, v. 13, n. 2, p. 1158 - 1168, abr./ jun. 2016.

FERNANDES, Viviane Barbosa; SOUZA, Maria Cecília Cortez Christiano. Identidade negra entre exclusão e liberdade. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**. nº 63, Abril 2016

GONZALES, Lélia. In: **Revista Ciências Sociais Hoje**, Anpocs, 1984, p. 223-244.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luís. **Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação.** São Paulo: Cengage Learning, 2012.

HALL, Stuart. Who needs Identity? In Silva, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** – Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

HERMANN, Nadja. **Hermenêutica e Educação.** – Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

HOOKS, Bell. **Alisando o nosso cabelo.** Trad. Lia Maria dos Santos. Revista Gazeta de Cuba – Unión de escritores y artista de Cuba, Habana, Jan. -fev. 2005. Disponível em: <https://www.passeidireto.com/arquivo/36853865/bell-hooks-alisando-nosso-cabelo> Acesso em: 12 de junho de 2020

_____. Intelectuais Negras. **Revista de Estudos Feministas.** nº 2, Segundo semestre de 1995

LIMA, Francisca Sueli da Silva; HAMANN (et al). **Fatores associados à violência contra mulheres profissionais do sexo de dez cidades brasileiras.** Cad. Saúde Pública 2017; 33(2):e00157815

LÚCIA, Amara. **A difícil vida fácil: a prostituta e sua condição.** Ed 3ª, Petrópolis- RJ; Editora Vozes, 1984.

LEMKE, Ruben Artur; SILVA, Rosane. A busca ativa como princípio político das práticas de cuidado no território. **Estudos e Pesquisas em Psicologia [en línea].** 2010, 10 (1), 281-295 Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=451844631018> Acesso em: 23 de Novembro de 2020

MACHADO, Ozeneide Venâncio de Mello. Pesquisa qualitativa: modalidade fenômeno situado. In **A pesquisa qualitativa em educação: um enfoque fenomenológico.** Org. Maria Aparecida Viggiani Bicudo e Vitória Helena Cunha Esposito. Piracicaba: Editora UNIMEP, 1994.

MATTOS, Patrícia. A dor e o estigma da puta pobre. In SOUZA, Jessé. **Ralé brasileira: quem é e como vive / Jessé Souza; colaboradores André Grillo ... [et al.]** — Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

MELO, Silvia Maria Emerenciano de. **Histórias de vida de adultos apátridas de rua.** Dissertação de mestrado; Recife- PE, UNICAP, 2019.

MONAGREDA, Johanna Katiuska. Desafios à investigação a partir do paradigma interseccional. In **As várias faces da sujeição humana: desigualdade, trabalho e interseccionalidades de gênero e se- xualidade: anais do II Congresso de Diversidade Sexual e de Gênero – 1a edição internacional / organizadores: Marcelo Maciel Ramos, Pedro Augusto Gravatá Nicoli, João Felipe Zini Cavalcante de Oliveira.** - Belo Horizonte: Initia Via, 2017.

MOREIRA, Isabel Cristina Cavalcante Carvalho; MONTEIRO, Claudete Ferreira de Souza. **A violência no cotidiano da prostituição: invisibilidades e ambiguidades.** Rev. Latino-Am. Enfermagem Artigo Original 20(5):[07 telas] set.-out. 2012 Disponível em: www.eerp.usp.br/rlae Acesso em: 10 de Agosto de 2020.

MORIN, E. Meus Demônios. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1997. IN PETRAGLIA, Isabel. Edgar Morin: Complexidade, transdisciplinaridade e incerteza. Disponível em: http://www4.uninove.br/grupec/EdgarMorin_Complexidade.htm Acesso em: 30 de Dezembro de 2017

MOZINE, Anne Caroline Salomão. A culpabilização de mulheres em casos de violência sexual em interface com a luta pelos direitos da mulher no Brasil. In **As várias faces da sujeição humana: desigualdade, trabalho e interseccionalidades de gênero e se- xualidade : anais do II Congresso de Diversidade Sexual e de Gênero – 1a edição internacional / organizadores: Marcelo Maciel Ramos, Pedro Augusto Gravatá Nicoli, João Felipe Zini Cavalcante de Oliveira .** - Belo Horizonte: Initia Via, 2017.

MORATO, Henriette Tognetti Penha; SCHMIDT, Maria Luísa Sandoval. Aprendizagem significativa e experiência: um grupo de encontro em instituição acadêmica. In: MORATO, Henriette Tognetti Penha (Org.). **Aconselhamento psicológico centrado na pessoa: novos desafios.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

NASCIMENTO, Abdias do. **O genocídio do negro no Brasil: processo de um racismo mascarado.** – São Paulo: Perspectivas, 2016

NUNES, Alyne Isabelle Ferreira. **Prostituição Feminina Negra: uma análise da violência racial e de gênero na trajetória de vida.** Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco- UFPE; Recife- PE, 2015

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Assembleia Geral. Resolução 44/25 da

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. (Org.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2015. p. 17-31. Disponível em: <<http://www.editorasulina.com.br/img/sumarios/473.pdf>>. Acesso em: 07 mar. 2016.

PAZZINI, Domila do Prado; MIGUEL, Luiz Henrique. **Quanto dura o programa?** Notas sobre prostituição e envelhecimento de mulheres e travestis. Enfoques | vol. 15, dezembro 2016 – pp. 23-33 revista de alunos do PPGSA/IFCS/UFRJ

PEDRA, Caio Benevides. Inserção social como meio de combate à exclusão e invisibilidade: ampliação do debate sobre gênero e diversidade para a formulação de políticas públicas IN Congresso de Diversidade Sexual e de Gênero (2: 2016 : Belo Horizonte, MG) **As várias faces da sujeição humana: desigualdade, trabalho e interseccionalidades de gênero e sexualidade: anais do II Congresso de Diversidade Sexual e de Gênero – 1ª edição internacional /organizadores: Marcelo Maciel Ramos, Pedro Augusto Gravatá Nicoli, João Felipe Zini Cavalcante de Oliveira . - Belo Horizonte : Initia Via, 2017.**

PINTO, Célia Regina Jardim. **Uma história do Feminismo no Brasil-** São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003

PISCITELLI, Adriana. **Amor, apego e interesse:** trocas sexuais, econômicas e afetivas em cenários transnacionais. In Adriana Piscitelli, Glaucia de Oliveira Assis, José Miguel Nieto Olivar Org. **Gênero, sexo, afetos e dinheiro:** mobilidades transnacionais envolvendo o Brasil.- Campinas, SP: UNICAMP/PAGU, 2011.

Retrato das desigualdades de gênero e raça / **Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada ... [et al.]. - 4ª ed. - Brasília: Ipea, 2011. 39 p.**

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, Justificando, 2017.

RIBEIRO, Manuela. **As prostitutas também são mães:** Contornos e conteúdos de uma condição (quase sempre) extrema. Actas dos ateliers do Vº Congresso Português de Sociologia Sociedades Contemporâneas: Reflexividade e Acção Atelier: Exclusões

ROBERTS, Nickie. **As prostitutas na história.** Tradução de Magdala Lopes. – Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1998.

PIMENTA, Amélia; RODRIGUES, Marta. Redução de danos: prostituição e toxicod dependência. **Rev. Toxicod dependências**. Edição IDT. Volume 12, N. 1, 2006.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987. In NUNES, Alyne Isabelle Ferreira. Prostituição Feminina Negra: uma análise da violência racial e de gênero na trajetória de vida. Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco- UFPE; Recife-PE, 2015

SANTOS, Neusa. **Tornar-se negro**. 2008, LeBooks; ISBN 9788583863939

SILVA, Ítala Daniela. **O Velar como des-vela-dor da vida**: a possibilidade da natalidade (re)velada no plantão psicológico. 90f. Dissertação. (Mestrado em Psicologia Clínica). Universidade Católica de Pernambuco: UNICAP. Recife, 2016.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais/ Tomaz Tadeu da Silva (org.). Stuart Hall, Kathryn Woodward. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

SOIBET, Rachel. **Mulheres pobres e violência no Brasil urbano**. In DEL PRIORE, Mary; BASSANEZI, Carla. História das mulheres no Brasil. 2. ed., São Paulo: UNESP, 1997. 678 p. ISBN 8572442561.

SWAIN, Tânia Navarro; Banalizar e naturalizar a prostituição: violência social e histórica. **Unimontes Científica**. Montes Claros, v.6, n.2 - jul./dez. 2004. Disponível em: <http://www.ruc.unimontes.br/index.php/unicientifica> Acesso em: 20 de Julho de 2017.

SZYMANSKI, Heloisa; CURY, Vera Engler. A pesquisa intervenção em psicologia da educação e clínica: pesquisa e prática psicológica. In: **Estudos de Psicologia**, v. 9, n. 2, p. 355-364, 2004. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413294X2004000200018 . Acesso em: 20 mar. 2016.

SZYMANSKI, Heloisa; SZYMANSKI, Luciana. O encontro reflexivo como prática psicoeducativa: uma perspectiva fenomenológica. In: **Revista de Educação, Ciência e Cultura**, Canoas, v. 19, n. 1, p. 9-22, jan./jul. 2014. Disponível em: <http://www.revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Educacao/article/view/1594/1120>. Acesso em 17 fev. 2017.

SZYMANSKI, Heloisa. A prática reflexiva em pesquisa com famílias de baixa renda. In: **Seminário Internacional de Pesquisa e Estudos Qualitativos**: a pesquisa qualitativa em debate, 2. Bauru, SP: SE&PQ. Anais.... Disponível em: <<http://www.sepq.org.br/Isipeq/anais/pdf/gt1/06.pdf>>. Acesso em: 14 abr. 2017.

SZYMANSKI, Heloisa (Org.); ALMEIDA, Laurinda Ramalho; PRANDINI, Regina Célia Rego. **A entrevista na pesquisa em educação**: a prática reflexiva. Brasília: Plano, 2002, 87 p.

TREVIZANI, Giovanna Bianca. **Uma Análise Sociológica Sobre a Prostituição e Seus Reflexos no Brasil**. Disponível em: <https://ambitojuridico.com.br/cadernos/outros/uma-analise-sociologica-sobre-a-prostituicao-e-seus-reflexos-no-brasil/> Acesso em: 23 de Agosto de 2020.

TRONCO, Giordano Benites; RAMOS, Marília Patta. **Linhas de pobreza no Plano Brasil Sem Miséria**: análise crítica e proposta de alternativas para a medição da pobreza conforme metodologia de Sonia Rocha. Revista de administração pública-Rio de Janeiro. mar. - abr. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rap/v51n2/0034-7612-rap-51-02-00294.pdf> Acesso em: 02 de Outubro de 2020.

Vulnerabilidade Social no Brasil: conceitos, métodos e primeiros resultados para municípios e regiões metropolitanas brasileiras/ Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada.- Brasília : Rio de Janeiro : **IPEA**, 2018. Disponível em: http://www.en.ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/TDs/180201_td_2364.pdf Acesso em: 05 de Outubro de 2018

WALCKOFF, Simone Dalla Barba; FARIAS, Reginaldo de Jesus Costa. Org. **Reflexões sobre a ciência**: diferentes perspectivas. Curitiba: CRV, 2016.

WOODWARD, Kathryn. Concepts of identity and difference. In Silva, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.